

ELZA MIEKO KOBÁ PERLES

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
CHINA NO DISCURSO MIDIÁTICO:
PODER E MEMÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Vânia Maria Lescano
Guerra**

TRÊS LAGOAS - MS

FEVEREIRO/ 2011

ELZA MIEKO KOBÁ PERLES

**A CONTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CHINA NO DISCURSO
MIDIÁTICO: PODER E MEMÓRIA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Celina Aparecida G. de Souza Nascimento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

DEDICATÓRIA

A meu pai (in memoriam), que, com sua severa educação nipônica, nunca me deu um abraço, mas me ensinou a valorizar o estudo, a gostar de ler e, principalmente, me ensinou os valores como respeito, humildade e honestidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir superar todas as dificuldades encontradas no percurso deste Mestrado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra, por acreditar em mim e me aceitar como orientanda, pelas orientações precisas, que contribuíram com o meu crescimento, como pesquisadora, e pela paciência com que conduziu meus passos em todas as etapas.

Aos professores do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela contribuição teórica e por proporcionar minha evolução intelectual.

A José Marcos, editor da “Folha da Região”, por me permitir consultar o acervo *on-line* do jornal, mesmo sem ser assinante, sem o qual não seria possível realizar minha pesquisa.

À coordenadora da oficina pedagógica de Andradina, Célia Firmino, que me incentivou a cursar o Mestrado e sempre acreditou no meu potencial.

À direção, à coordenação, aos professores e funcionários da Escola Estadual “Coronel Francisco Schmidt”, pelo apoio e incentivo.

À minha família, em especial ao meu marido, João Batista, responsável por me colocar no caminho da pesquisa, pelo apoio e incentivo nas horas difíceis; a meu filho Werner, por perdoar e aceitar minhas ausências, que não foram poucas, e à minha mãe Yoshie, pelo apoio incondicional.

À amiga Márcia Maria, que compartilhou comigo os conhecimentos teóricos, as alegrias, as angústias e as viagens de carro para Três Lagoas.

Aos amigos que conquistei, no decorrer do curso de Mestrado, pelos momentos enriquecedores de debates teóricos, pelo apoio mútuo nos momentos de aflição e pelos momentos de descontração nos intervalos das aulas.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (Stuart Hall, 2006, p. 50)

PERLES, Elza Mieko Koba. A Construção identitária da China no discurso midiático: poder e memória. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011, 188 f. (Dissertação de Mestrado).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar o discurso midiático dos jornais *Folha de São Paulo* e *Folha da Região* no que concerne à representação identitária da China. Tomando as Olimpíadas de Pequim, evento esportivo realizado em 2008, como acontecimento discursivo, são analisados 10 excertos de cada órgão midiático, a fim de estabelecer um contraponto entre as imagens que cada jornal traz sobre esse país asiático, cheio de contrastes e contradições. Pretende-se, com esta pesquisa, colaborar com os estudos acerca da identidade em Análise do Discurso de origem francesa, lançando luz sobre a representação identitária da China, partindo da hipótese de trabalho de que o acontecimento olímpico propiciou a emergência de um novo discurso sobre o país em questão. Para questões metodológicas, utiliza-se a arqueogenealogia formulada por Michel Foucault, que busca, no arquivo, as condições de possibilidade de emergência do discurso e as regras de funcionamento do poder/saber. Utilizando-se os referenciais teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), a partir dos trabalhos de Pêcheux (2009), Foucault (2008a, 2008b e 2009) e Gregolin (2003 e 2007), busca-se, nos arquivos do discurso midiático sobre a China, a emergência das relações de poder e saber que regem a aparição do discurso sobre esse país. A AD, como disciplina fundada na confluência da língua, história e memória, permite ultrapassar a visão de neutralidade da mídia e buscar os efeitos de sentido possíveis e os efeitos de verdades pretendidos pelos órgãos midiáticos. Além disso, deve-se ressaltar que são estabelecidos diálogos com os princípios teóricos dos Estudos Culturais que abarcam as questões identitárias, a partir dos estudos acerca da sociedade pós-moderna, os efeitos da globalização sobre a produção cultural, bem como os preceitos teóricos da cultura pós-colonialista. A perspectiva culturalista permite, ainda, entender o discurso midiático como um produto cultural inserido na lógica da globalização, ao mesmo tempo aponta para a emergência de um discurso contra a hegemonia ocidental. O trabalho está organizado de modo que no capítulo I apresentam-se os aportes teóricos que fundamentam esta pesquisa, no capítulo II apresentam-se as condições de produção do discurso midiático em questão e no capítulo III encontra-se a análise dos dados. Os resultados nos indicam que tanto a *Folha de S. Paulo* quanto à *Folha da Região* trazem uma representação identitária heterogênea da China, que oscila entre a imagem de prosperidade e de totalitarismo.

Palavras-chave: cultura; discurso; mídia; identidade; China.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the media discourse from the *Folha de São Paulo* e *Folha da Região* Newspapers regarding the identity representation of China . Taking Beijing Olympics held in 2008, as a discursive event, 10 extracts were analyzed from each media organization to establish a comparison between the image that each newspaper brings about this Asian country full of contrasts and contradictions. The intention of this research is to cooperate in the studies of Discourse Analyses of French origin shedding light on the representation of identity in of China, leaving from the hypothesis of work of which the Olympic event favored the emergence of a new discourse on the country. To methodological issues are used the arqueogenealogic formulated by Michel Foucault, that seek in the files the conditions of possibility of emergence of the discourse and rules of operation of power/ knowledge. The theoretical framework is used in this lab of Discourse Analysis of French line (AD) search in the archives of the media a talk about China, the emergence of relations of power and knowledge that govern the apparition of the discourse on this country. As a discipline founded on the confluence of the language, history and memory can overcome the vision of neutrality of the media and get the sense effects possible and the true effects intended by the media organs. Also it should be noted that are to establish dialogue with the theoretical principles of Cultural Studies covering issues of identity, from studies postmodern society, the effects of globalization on cultural production, as well as theoretical precepts of post colonialist culture. The culturalist perspective also allows to understand the media discourse as a cultural product inserted into the logic of globalization, while pointing to the emergence of a discourse against occidental hegemony. The paper is organized so that in chapter I is presented the theoretical contribution this research, in chapter II sets out the conditions of production of media discourse concerned and in chapter III is the analysis of data. The results indicate us that so much the *Folha de São Paulo* as *Folha da Região* Newspapers bring a identity representation of China that oscillates between the image of prosperity and totalitarianism.

Key words: Discourse Analyses, media discourse, identity, China

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I DISPOSITIVOS TEÓRICOS: ANÁLISE DO DISCURSO COMO REFERÊNCIA	20
1.1 Do surgimento da AD ao percurso teórico	21
1.1.1 Foucault nos domínios teóricos da AD	23
1.1.1.1 Poder, saber e vontade de verdade	24
1.1.2 O sentido do silêncio no discurso	28
1.1.3 Sujeito e memória: o primado do interdiscurso	30
1.1.4 A heterogeneidade na constituição do sujeito e do discurso	32
1.1.5 A referenciação como categoria de análise	34
1.1.5.1 Anáfora e recategorização: uma ancoragem discursiva.....	36
1.2 A perspectiva culturalista	37
1.2.1 Percurso teórico dos Estudos Culturais	37
1.2.2 A cultura pós-moderna: aspectos da globalização	39
1.2.3 Identidade cultural ou hibridismo cultural?	40
1.3 O discurso da mídia em questão	46
II O DISCURSO SOBRE A CHINA: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	51
2.1 Condições de produção do discurso jornalístico	52
2.1.1 A constituição do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	56
2.1.2 <i>Folha da Região</i> : as contingências do jornalismo regional	61
2.2 Pequim 2008 e o discurso da nova China	63
2.2.1 Conhecendo a China: do esplendor à dominação	63
2.2.2 A revolução comunista e a era Mao	66
2.2.3 A abertura econômica e a nova China	69
III O DISCURSO NOS DADOS	74
3.1 Os gêneros nos cadernos da <i>Folha de S. Paulo</i>	75
3.2 Os gêneros na <i>Folha da Região</i>	77
3.3 O País do Meio (Zhong Guo) no centro do discurso	80
3.3.1 A construção identitária da China no discurso da <i>Folha de S. Paulo</i>	82
3.3.2 <i>Folha da Região</i> e a identidade da China	110

CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	142
ANEXO A – Linha editorial da <i>FSP</i>	148
ANEXO B – Linha editorial da <i>FR</i>	149
ANEXO C – <i>Folha de São Paulo</i>	150
ANEXO D – <i>Folha da Região</i>	165
ANEXO E – Memorial descritivo	179

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea se configura como a sociedade do conhecimento, na qual a informação, tanto no nível local ou global, se constitui em fonte de saber que confere poder. Nessa perspectiva, a mídia exerce papel fundamental na configuração desse saber/poder, visto que ela é uma importante instância de produção de informação que circula no meio social. Em função do papel que exerce na atualidade, o discurso midiático tem sido objeto de muitos estudos da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD), que procura mostrar a constituição do discurso e explicar os mecanismos que embasam a produção de sentido.

Os órgãos midiáticos, sobretudo os jornais, são formadores de opinião e exercem influência na formação identitária dos mais variados segmentos sociais, posto que a representação identitária que os jornais veiculam, seja subliminarmente ou explicitamente, é constitutiva de nosso imaginário social.

Este trabalho tem por objetivo geral problematizar o discurso do jornal *Folha de S. Paulo*, doravante *FSP*, e *Folha da Região*, doravante *FR*, acerca da China, país em franco desenvolvimento econômico e sede das Olimpíadas de 2008, e examinar as condições de produção do discurso, tomando como acontecimento discursivo as Olimpíadas de Pequim, por ser um evento de relevância internacional, partimos da hipótese de pesquisa de que o evento esportivo fez emergir um novo discurso acerca da China nos órgão midiáticos.

Da perspectiva foucaultiana, o acontecimento do discurso deve ser entendido pelo princípio da sua regularidade, de modo que para analisar o discurso é preciso pensar o acontecimento, as séries, a regularidade e as condições de possibilidade.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos analisar e problematizar:

- as formações discursivas nas quais a *FSP* e a *FR* inscrevem seus discursos, bem como as relações de poder que determinam a imagem identitária daquele país frente aos brasileiros em cada um dos órgãos midiáticos;
- as imagens identitárias da China, a partir do discurso da *FSP* como um jornal de circulação nacional e da *FR*, com sede em Araçatuba, interior

de São Paulo, de circulação regional restrita às cidades de pequeno e médio porte;

- as singularidades de cada empresa midiática, ao enunciarem seus discursos referentes à China.

A escolha temática deste trabalho se deve ao grau de importância que a China alcançou no cenário mundial. Sabe-se que o país alavancou um desenvolvimento econômico, nos últimos anos, muito superior à média dos países desenvolvidos, tornando-se, segundo a BBC Brasil, em 2010, a segunda economia do mundo, com perspectivas de superar os Estados Unidos nos próximos vinte anos (TREVISAN, 2006).

Assim, a mídia internacional tem destinado amplo destaque ao país asiático, despertando interesse do mundo ocidental por esse país cheio de contrastes e contradições. Nos últimos três anos, os acontecimentos como o terremoto que destruiu a região de Si Shuang, os protestos tibetanos pela independência da região e as Olimpíadas estamparam as páginas dos principais jornais brasileiros, bem como dos internacionais.

Quanto à opção pelo discurso midiático, o estudo acerca da China decorre da importância das mídias na sociedade contemporânea, dada a sua penetração nas mais diferentes classes sociais, bem como por ser responsável, em certa medida, pela construção do imaginário social, pois ela cria formas simbólicas que representam o mundo real que são cristalizados e incorporados pela sociedade, e, segundo Gregolin (2003), a mídia se configura pela construção da história do tempo presente. Devemos considerar, ainda, que toda informação que possuímos sobre a China nos chega por meio da mídia, sobretudo jornalística e televisiva, em virtude do isolamento por que passou o país asiático durante décadas.

O discurso midiático, objeto de nossa pesquisa, cria, segundo Gregolin (2003, p. 57), uma ilusão de unidade de sentido de seu discurso, desempenhando, assim, o papel de mediadoras entre o leitor e a realidade, desse modo o leitor tem a ilusão de um sentido único da realidade veiculada pelas mídias. Tal efeito de sentido se constitui pela aparente neutralidade e objetividade de seus discursos, assim, elas se constituem como reveladoras da verdade dos fatos, como instância única de informação. Entretanto, os discursos midiáticos são uma representação da realidade, perpassada pelo filtro do olhar

da instância de produção, que, por sua vez, cria efeitos de sentido que são veiculados como verdade absoluta.

Buscamos, neste trabalho, desvelar a construção dos efeitos de sentido do discurso midiático, e assim, buscar os efeitos de verdade que emergem da opacidade do discurso travestida pela aparente neutralidade e transparência, e, desse modo, mostrar a configuração discursiva da representação identitária que os jornais constroem acerca da China. Ela é constituída nos fios do discurso, num entrelaçamento com as teias da memória e da história, de modo que estudar a identidade chinesa pressupõe o conhecimento da história recente e antiga da China, bem como de toda a complexidade que envolve esse país que, segundo seu presidente, Hu Jintao, em seu pronunciamento durante o XVI congresso do Partido Comunista Chinês, em 2002, trata-se de uma “república socialista de mercado” cheia de contradições e desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2003, p. 153). Pressupõe, ainda, relacionar o discurso com as teias da memória e as representações identitárias consolidadas no imaginário social ocidental a respeito desse país emergente.

O arcabouço de pesquisas em AD, no que concerne ao discurso midiático e à representação identitária, é bastante profícuo e abarca uma gama de perfis identitários. Gregolin (2007), em “Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades” estuda a construção da representação identitária no discurso da mídia a partir de imagens retiradas de reportagens da *FSP*, bem como de propagandas veiculadas no jornal. A autora mostra que no engendramento entre o discurso, a história e memória, as imagens ressignificam outros sentidos, conferindo-lhes um valor ideológico, como a foto do presidente Lula, no carro da realeza britânica, estampada na primeira página da *FSP*, que, segundo Gregolin, se articula com outros discursos formando uma rede discursiva que propõe a negatividade da política.

Guerra (2008) pesquisa em “Representação e gênero no discurso midiático” a construção da identidade e a representação identitária feminina no discurso das revistas *Cláudia* e *Época*. Nesse trabalho, a autora nos ensina que, ao constituir-se como instância de poder, as representações construídas pela mídia acabam sendo reproduzidas como consenso social e, assim, junto com outras representações femininas, elas constroem a identidade da mulher brasileira da atualidade. Além disso, para Guerra (2008), o discurso midiático sobre a mulher esconde, por traz da aparente

homogeneidade, o entrecruzamento de vozes que constitui o seu fio discursivo, enfatizando a “manipulação da mídia, que joga com estereótipos e silenciamentos” (p. 100).

Vale ressaltar, ainda, o trabalho de Coracini (2007) em “A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro” acerca da construção da identidade do brasileiro a partir das representações identitárias do brasileiro e do Brasil, bem como do outro-estrangeiro feitas pelo discurso midiático. Para tanto, a autora pauta-se nas teorias da psicanálise lacaniana e nas teorias do discurso para analisar tais representações, visto que a construção da subjetividade ocorre numa relação de alteridade. Para Coracini (2007), a identidade do brasileiro é constituída pela imbricação de discursos outros, pelo interdiscurso do discurso estrangeiro, cuja representação identitária aponta para um sujeito brasileiro subalterno, e pelo discurso brasileiro que traz em seu imaginário a figura do estrangeiro como o explorador, o indesejável.

Daiany Bonácio e Pedro Navarro-Barbosa apresentaram na 1ª Jornada Internacional de estudos do discurso, em 2008, o trabalho “A construção do sujeito masculino na pós-modernidade em discursos jornalísticos: a memória como fonte identitária”. Nesse trabalho, os autores buscam analisar a articulação do enunciado-arquivo nos enunciados e reportagens que falam do novo homem, de modo a verificar o papel da memória na construção do sujeito masculino pós-moderno.

Quanto ao tema de nossa pesquisa, na área de antropologia, Marcos Araújo Silva defendeu em 2008 a dissertação de mestrado “Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco”. Nesse trabalho, o autor investiga a diáspora chinesa no Estado de Pernambuco, a partir da análise dos processos de construção da identidade étnica dos integrantes da comunidade de imigrantes guanxi.

Na área econômica, Vitor Eduardo Schincariol apresentou o trabalho “Considerações sobre as transformações na China atual (1980-2006): balanços e implicações da reforma”, no VIII Encontro Anual Regional (SP) da ANPUH, no qual apresenta a trajetória econômica da China nos últimos 30 anos, com suas transformações político-econômicas.

No que concerne ao tema de nossa pesquisa, qual seja a identidade da China, não encontramos estudos nessa direção. Desse modo, este trabalho se justifica, também, pela ausência de estudos sobre a identidade chinesa no âmbito de pesquisa da AD, tornando-

se relevante a construção identitária de uma nação que ocupa papel de destaque no cenário mundial.

Para questões metodológicas utilizamos a arqueogenealogia, formulada por Michel Foucault (2008a), a fim de investigar, nos recortes estabelecidos em nosso *corp*us, as questões levantadas inicialmente. O método formulado por Foucault busca na dispersão dos enunciados as regularidades dos acontecimentos discursivos, procura construir o sentido de um discurso em sua dimensão de acontecimento; isto posto, cada palavra, cada expressão adquire sentido no seu contexto de produção, jamais será idêntica às outras que a precederam; procura, também, investigar as condições histórico-sociais que possibilitaram o seu aparecimento.

Para o filósofo, a noção de arquivo não se refere à “soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documento de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida” (2008a p. 146), o arquivo é antes

o que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das performances verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo. (FOUCAULT, 2008a, p. 146)

A noção de arquivo, conforme proposta por Foucault, refere-se, pois, à análise de um conjunto de enunciados produzidos, segundo um sistema de enunciabilidade, segundo leis que regem o seu aparecimento. Para Coracini (2007, p. 16), o arquivo é “aquilo que justifica, sem que se saiba a sua razão imediata, o que pode ser dito num dado sistema de discursividade: é, enfim, o que dá sentido ao que é dito”, desse modo, o arquivo se relaciona com a memória, que (re)atualiza os dizeres. A autora assevera, ainda, que a noção foucaultiana de arquivo sofre a ação das relações de poder, visto que é responsável pela materialização das práticas discursivas. De acordo com Foucault (2009, p. 8), o poder é produtivo, o poder não é apenas repressivo, ele produz coisas, produz o saber, produz o discurso, o discurso por sua vez é “ao mesmo tempo instrumento e efeito de poder” (CORACINI, 2007, p.17); se o discurso é o lugar onde se exerce o poder, é também o lugar de resistência, visto que, para Foucault, não existe poder sem resistência, ou seja, o sujeito resiste ao poder, sendo o discurso *instrumento e*

efeito do poder e o sujeito uma constituição discursiva, o sujeito resiste ao poder que o constitui.

De acordo com Foucault (2010), discurso e poder se imbricam, de modo que as relações de poder permeiam a produção do discurso. Assim, para o filósofo, o poder surge como questão metodológica. O poder não se localiza em instituições como o Estado, não é algo que um indivíduo cede ao soberano, o poder é, antes, uma relação de forças e como tal, está em todas as partes, ou seja, o poder atravessa todas as relações pessoais e sociais, assim, uma pessoa não pode ser considerada fora dessas relações de poder.

O método formulado por Foucault (2010), no que tange às relações de poder, é regido por princípios como o da “localidade”, segundo o qual o poder é analisado em suas formas e instituições locais, fora do âmbito do Estado; o princípio da “exterioridade”, ou seja, o poder está na exterioridade, em todos os tipos de relacionamentos e esferas sociais; o princípio da “circularidade” ou da “transitoriedade”, segundo o qual o poder circula sem se deter nas mãos de ninguém.

Buscamos, assim, utilizando os conceitos de Michel Foucault, como base teórico-metodológica de nossa pesquisa, e as contribuições teóricas de Michel Pêcheux (2009), investigar como os discursos dos dois *mass media*, em questão, são constituídos e “explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (ORLANDI, 2007a p. 26-27), de modo a responder às questões inicialmente formuladas por nós.

O corpus desta pesquisa é constituído por dez excertos da *FSP* e dez excertos da *FR*, coletados em artigos, reportagens e editoriais, publicados entre os meses de abril e dezembro de 2008, ou seja, quatro meses antes e após a realização dos Jogos Olímpicos de Pequim, tomados por nós como acontecimento discursivo. A opção por reportagem, artigo e editorial deve-se à maior incidência do foco temático desta pesquisa nos referidos gêneros. Assim, selecionamos a reportagem “Made in China”, publicada em 09 de agosto de 2008, no caderno especial sobre as Olimpíadas, a entrevista “Chineses ainda têm complexo de inferioridade”, publicada em 06 de julho, no caderno especial, os artigos “O espírito chinês”, publicado em 23 de agosto, no caderno de *Esportes*, “A Olimpíada e o patriotismo chinês”, publicado em 11 de setembro, no caderno *Política*, na seção *Opinião*, a reportagem “Patrocínio à Olimpíada gera controvérsia”, publicada

em 15 de junho, no caderno *Dinheiro*, a entrevista “A 33 dias, Pequim só não controla o ar”, publicada em 06 de junho, no caderno *Esporte*, além do artigo “China moderna não nega passado”, publicado em 22 de agosto, também no caderno *Esporte*.

Compõem, ainda, os nossos dados, sete matérias da *FR*. As matérias foram selecionadas de acordo com a irrupção do discurso sobre a China, de modo que não nos atemos apenas a um caderno específico do jornal, tampouco nos restringimos a um determinado gênero, ao contrário, buscamos a emergência do discurso no qual observamos a construção identitária do país em questão e as relações de poder.

Para fins metodológicos, os excertos são identificados de forma sequencial pelas letras E e R, de modo que E 1 refere-se ao primeiro excerto da *FSP* e R 1, ao primeiro excerto da *FR*. Destacamos que nossos recortes não são aleatórios, focalizamos nosso olhar onde o poder se apresenta de forma mais tensa, para examinar as relações de força que determinam a representação identitária da China nos dois órgãos midiáticos. Buscamos selecionar os recortes cuja materialidade discursiva aponta para a construção identitária do país oriental, bem como a constituição dos sujeitos *FSP* e *FR*.

A análise será pautada nos referenciais teóricos da AD a partir dos estudos de Pêcheux (2009) e Gregolin (2003, 2007), para quem os discursos são tomados como práticas sociais que se constituem sócio-historicamente entre os sujeitos cujo funcionamento engendra a confluência entre a língua, o sujeito e a memória. Assim, estudar o discurso da mídia pressupõe analisar a produção de sentido desse discurso a partir da materialidade lingüística, em sua relação com o sujeito enunciador, com a história e a memória, que (re)atualiza o dizer. Desse modo, as palavras (re)significam numa constante inter-relação com a história e a memória na forma de interdiscursos, de outros já-ditos, fora, em outro lugar. Vale ressaltar, portanto, que as palavras não são neutras, tampouco transparentes, ao contrário, denunciam posições ideológicas que emergem das relações com os outros discursos, com o interdiscurso.

Portanto, para a AD, o discurso não pode ser estudado fora das suas Condições de Produção (CP), situação que, segundo Orlandi (2007a, p. 16), “levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida entre a língua com os sujeitos que falam e a situação em que se produz o discurso”, isto é, ao analista cabe relacionar o sujeito, a língua, e a sua exterioridade. Nesse sentido, vimos a necessidade de estudar as

condições de produção do discurso midiático em questão e, para tanto, buscamos em Charaudeau (2009) algumas reflexões sobre o discurso da mídia.

Diante da necessidade de compreender o discurso midiático inserido na produção cultural da pós-modernidade, vislumbramos, ainda, uma perspectiva culturalista para o foco analítico, de modo que trazemos a contribuição teórica de Hall (2006), quanto à identidade cultural. Segundo o autor, a identidade pós-moderna encontra-se dividida entre as novas identidades locais e as novas identidades globais, regidos pela lógica da globalização, que tende a homogeneizar as identidades culturais.

Trazemos, ainda, como categoria linguística de análise, a contribuição teórica de Cardoso (2003), quanto aos estudos da referenciação pelo viés discursivo. Segundo a autora, o referente anafórico pode retomar um elemento exterior ao texto, isto é, pode “remeter a um já-dito, constitutivo do interdiscurso” (CARDOSO, 2003, p. 143). Tal estudo nos auxilia a estabelecer a relação interdiscursiva, por meio das marcas intradiscursivas encontradas nos dados da pesquisa acerca do referente China.

Esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos, além da introdução e considerações finais.

No capítulo I denominado “Dispositivos teóricos: Análise do Discurso como referência” apresentamos os fundamentos teóricos da AD, seu percurso histórico, a contribuição de Michel Foucault (2008b, 2009), bem como os trabalhos de Authier-Revuz (1990) no que tange à heterogeneidade constitutiva do discurso. Nesse capítulo, apresentamos, ainda, as reflexões sobre o discurso da mídia, a partir dos estudos de Charaudeau (2009), bem como dos Estudos Culturais, a partir dos trabalhos de Hall (2006), Jameson (2001, 2004) e Bhabha (2007).

No capítulo II, “O discurso sobre a China: as condições de produção”, tratamos da constituição do sujeito *FSP*, traçando seu percurso histórico, nos 90 anos de existência do jornal, bem como da constituição do sujeito *FR* e das contingências do discurso jornalístico regional; além disso, buscamos a constituição do sujeito China por meio de seu processo histórico, que compreende cinco mil anos de turbulências.

No capítulo III, “O discurso nos dados” lançamos mão dos preceitos teóricos, mencionados anteriormente, para proceder à análise dos dados coletados, articulado com as condições de produção do discurso em questão. Nesse capítulo, iniciamos com a descrição dos gêneros e dos cadernos dos dois jornais pesquisados, bem como as suas

respectivas orientações editoriais. Na sequência, procedemos à análise dos excertos, sempre com vistas ao objetivo de buscar as representações identitárias da China no discurso midiático.

Passamos, agora, ao desenvolvimento do primeiro capítulo.

CAPÍTULO I

1. Dispositivos teóricos: Análise do Discurso como referência

A linguagem, nas suas mais variadas manifestações, ainda que nas mais cotidianas, não é neutra, tampouco transparente. A linguagem é carregada de sentidos, de ideologia. Interpretar esses sentidos possíveis, os equívocos e deslocamentos, num gesto menos ingênuo em relação à linguagem, é a grande contribuição da Análise do Discurso, que toma como objeto de estudo o discurso e não a palavra, pois esta não constitui a essência do significado, visto que o sentido se constitui na relação do discurso com a história. Desse modo, buscamos nos dispositivos teóricos da Análise do Discurso os referenciais que nos permitem incursionar pelas veredas do discurso midiático.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) estabelece uma inter-relação entre história, ideologia e linguagem, ou seja, a relação da língua com a sua exterioridade considerando os processos e as condições de produção da linguagem (ORLANDI, 2007a, p. 16). Perceber essa relação da linguagem com a exterioridade é essencial para a interpretação dos jogos discursivos, as relações de poder que permeiam o discurso. Para Michel Pêcheux, o fundador da AD, o processo de significação está intrinsecamente relacionado com as formações discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos.

Assim, as reflexões sobre a linguagem devem considerar os processos discursivos que incidem sobre a produção de sentido de um texto, os quais se “materializam por toda parte, dentro e fora, intra e interdiscursivamente, em textos que nos rodeiam e nos constituem.” (GREGOLIN, 2001 p. 10). A incompletude e opacidade dos discursos determinam os diálogos com outros discursos, tornando-os um sempre já dito. Desse modo, todo discurso é um entrecruzamento de vozes, de discursos. O interdiscurso é constitutivo do discurso, e a AD busca, na materialidade linguística, esse entrelaçamento dos discursos com a história.

1.1 Do surgimento da AD ao percurso teórico

No contexto da efervescência política e intelectual da década de 1960, os acontecimentos de maio de 68 e as discussões linguísticas do meio acadêmico francês estremeceram as bases do edifício teórico do Estruturalismo e da Gramática gerativo-transformacional, de Chomsky, até então em vigor nos estudos da Linguística. A publicação de “Análise Automática do Discurso” (AAD) em 1969, por Michel Pêcheux, é considerada o marco do surgimento da AD. Nessa obra, o filósofo, apoiado nos trabalhos de Zellig Harris, critica a utilização de análise linguística à análise de texto, de modo que Pêcheux destaca a necessidade de instrumentos científicos que tragam uma intervenção teórica e prática, assim, ele inaugura uma visão transdisciplinar na teoria do discurso (GREGOLIN, 2003 p. 10).

Pêcheux formula a teoria do discurso a partir das críticas à Saussure, embora reconheça as contribuições do linguista genebrino quanto à origem da ciência linguística. Para Pêcheux, a análise linguística não é suficiente para “captar” o sentido, objeto da semântica; assim, faz-se necessário uma abordagem da semântica que considere o processo discursivo, as condições sócio-históricas da produção desse discurso, que, segundo Brandão (1998, p. 22), “não é secundário, mas constitutivo das próprias significações”. No bojo das manifestações políticas do final de 1960, a AD buscava uma nova metodologia de análise tomando como objeto os discursos políticos.

Pêcheux acrescenta, ainda, que o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social, desse modo, a AAD busca analisar a relação do discurso com a sua exterioridade. Pêcheux propõe a articulação entre três áreas do conhecimento: 1) o materialismo histórico, compreendendo as formações sociais e as teorias das ideologias, a partir das releituras de Marx e Engels feitas por Althusser; 2) a linguística e os mecanismos de produção de enunciados; 3) a psicanálise, com a teoria da subjetividade, a partir das releituras de Freud, feitas por Lacan. É no entremeio dessas três áreas do conhecimento que surge a AD como uma nova disciplina.

Marcado pela influência de Althusser, nessa fase da AAD69, Pêcheux enfatiza o funcionamento da instância ideológica e as relações de produção, bem como as relações

dessas instâncias com a língua, criando a teoria materialista do discurso. Para o teórico, sob as bases do materialismo histórico, a constituição do sujeito

convencionou-se chamar *interpelação*, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 165-166).

Desse modo, Pêcheux propunha a existência de um sujeito ideológico, interpelado pela ideologia, um sujeito assujeitado.

O sujeito da AD é, pois, interpelado pela ideologia e se constitui na/pela linguagem num sujeito assujeitado, na ilusão de ser a fonte e origem de seu dizer. Tal ilusão se constitui no chamado Esquecimento nº 1, ou seja, “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2009, p. 162). Tal esquecimento se configura no nível do inconsciente e ideológico e se torna constitutivo da subjetividade. Já o Esquecimento nº 2 se constitui no nível pré-consciente, na medida em que o sujeito seleciona as palavras, no interior da formação discursiva que o domina, assim o sujeito tem a ilusão da realidade de seu pensamento e a ilusão da transparência de sentido. No entanto, tal seleção não significa que o sujeito tem o domínio de seu dizer, pois o sentido lhe escapa, produzindo outros sentidos. Esses esquecimentos são necessários para que o sujeito enuncie seu discurso, mas o sentido desse discurso se constitui inscrito numa Formação Discursiva (FD) que o domina, na inter-relação com outros discursos, no interdiscurso, na forma de pré-construídos.

O conceito de FD foi inicialmente formulado por Foucault em *Arqueologia do saber* (2008a, p. 43), segundo o qual a definição de FD é, antes, uma forma de repartição, um sistema de dispersão, que nos convida a colocar a contradição entre a unidade e a diversidade. Essa concepção foucaultiana remete a FD a um sistema de unidade e dispersão, ou seja, a uma regularidade temática na diversidade de discursos produzidos. Aproximando-se de Foucault, Pêcheux reconfigura o conceito foucaultiano, à luz do materialismo althusseriano, incluindo o aspecto ideológico, de modo que, para Pêcheux (2009, p. 147), a FD pode ser definida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Tal formulação

provoca mudanças no conceito de discurso, que não pode mais ser considerado fora das condições históricas de produção. Para Sargentini (s/d, p. 2), “Não se trata mais de pensar um exterior discursivo, mas tende-se a pensar o espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função de relações de dominação”, abrindo, assim, o caminho para o advento do conceito de interdiscurso.

Embora na fase inicial da AD seja marcante a influência de Althusser, sobretudo em seu artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”, em seus trabalhos posteriores, Pêcheux se distancia das concepções de assujeitamento e volta-se para as teorias lacanianas trazendo para a questão do sujeito a relação com o inconsciente, inaugurando a segunda fase da AD, ou AD2. Observa-se aí, uma aproximação de Pêcheux aos conceitos formulados por Foucault. Este, por sua vez, apresentou grande contribuição à AD a partir de seus estudos em “A ordem do discurso” (2008) e “Arqueologia do saber” (2008), trazendo à tona os conceitos de formação discursiva, acontecimento discursivo, arquivo, além de apresentar a concepção teórico-metodológica adotada por nós neste trabalho, a arqueologia e genealogia.

A partir da década de 1980, no percurso do desenvolvimento da AD, as propostas de Pêcheux se aproximam de outras teorias, dentre as quais o dialogismo bakhtiniano, trazendo para o interior do discurso a voz do outro, de modo que a noção de interdiscurso remete ao conceito de heterogeneidade. A abordagem da heterogeneidade aponta para as formas linguísticas do discurso do outro no interior do discurso. Nessa fase que constitui o que chamamos de AD3, percebemos a presença da polifonia esboçada por Bakhtin, da qual se apropria Authier-Revuz (1990), em seu trabalho sobre a heterogeneidade, esboçando uma nova abordagem da AD.

Sem negar os principais fundamentos teóricos advindos de Pêcheux, estabelecemos, como referencial teórico de nosso trabalho, as contribuições de Foucault para os estudos do discurso, o que passamos, agora, a explicitar.

1.1.1 Foucault nos domínios teóricos da AD

Foucault era filósofo e seus trabalhos circunscrevem muitas outras áreas do conhecimento, além da AD, mas é a contribuição de Foucault para a AD que nos interessa. Suas incursões nos estudos do discurso são evidentes em várias de suas

obras, sobretudo em “A ordem do discurso” (2008b), “Arqueologia do saber” (2008a) e “Microfísica do poder” (2009). A grande preocupação de Foucault diz respeito ao sujeito e suas relações com o poder, saber e a verdade, bem como com os deslocamentos e as formas como os discursos se constituem ao longo do tempo. Nessa perspectiva, configuram-se as noções de ruptura, descontinuidade, dispersão, de modo que o discurso passa a ser estudado em seu acontecimento discursivo, em sua historicidade.

A história, na perspectiva foucaultiana, não deve ser vista em sua linearidade, na sucessão de fatos históricos, deve antes, ser pensada em sua descontinuidade, na ruptura, em que emergem as relações de poder. Nesse aspecto, tornam-se relevantes as noções de arquivo e genealogia, bases dos preceitos teórico-metodológicos denominados arqueogenealogia, que fundamentam esta pesquisa.

Foucault (2008a) chama de arquivo a soma de todos os discursos possíveis, sem estabelecer nenhuma hierarquia de valores, apenas buscando as regularidades do discurso: é sobre esse arquivo que a arqueologia deve incidir. O método arqueológico investiga a natureza do poder na sociedade, a partir dos discursos produzidos na sociedade em uma dada época. Para o filósofo interessam os discursos sobre a Psiquiatria, a Medicina e o Direito, desse modo ele investiga a natureza desses saberes, rejeitando qualquer tentativa de unificação da memória coletiva, da linearidade histórica, ao contrário, ele busca na descontinuidade e na dispersão os fundamentos de sua pesquisa.

O conceito de genealogia apoia-se em Nietzsche, que estabelece a história do presente nos domínios dos saberes. O método genealógico postula a relação do saber com o poder, considerados em uma relação intrínseca. Assim, esta pesquisa busca, nos arquivos do discurso midiático sobre a China, as relações de poder que possibilitam o aparecimento desse discurso.

1.1.1.1 Poder, saber e vontade de verdade

Foucault dedicou inúmeros estudos às relações de poder que regem as relações sociais, sobretudo nas obras já citadas, bem como em “Vigiar e punir” (2001). Em “Arqueologia do saber” (2008a) e em “A ordem do discurso” (2008b), o historiador e

filósofo investiga como os saberes foram se constituindo e as suas condições de aparecimento. Nessa fase chamada arqueológica, ele apresenta o método, no qual o analista, qual um arqueólogo, “escava” os enunciados a fim de investigar seu funcionamento e assim compreender a formação discursiva que possibilitou seu aparecimento.

Em “Aqueologia do saber” (2008a), Foucault apresenta, também, a noção de Formação Discursiva, tão cara para a AD e que influenciou as pesquisas de Pêcheux. O conceito de FD possibilitou ao filósofo investigar como o saber se constitui a partir das práticas discursivas em determinada época. Tomando o enunciado como acontecimento discursivo, para Foucault (2008a, p. 30) interessa “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar”, desse modo o autor investiga o funcionamento do discurso no âmbito das formações discursivas, trazendo à tona o surgimento do saber psiquiátrico sobre a loucura.

“A ordem do discurso”, segundo Silva (2004, p. 169), representa a transição entre a fase arqueológica e genealógica; nessa obra Foucault (2008b, p. 9) demonstra que a produção do discurso pode ser controlada, “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância”. Assim, para o filósofo a produção do discurso passa por interdições. É nesse campo que Foucault estabelece as relações entre o poder e saber.

As formas de exercício do poder são ressaltadas em “Vigiar e punir” (2001) e “Microfísica do poder” (2009). Sobre as obras foucaultianas em questão, Gregolin (2007, p. 47) ressalta o desenvolvimento das “sociedades disciplinares”, segundo as quais o poder era exercido sobre o corpo, tornando-se um corpo dócil e o sujeito, submisso. No entanto, Foucault assevera que a toda forma de exercício do poder há também uma resistência. Em sua vasta obra, Foucault estudou as formas de exercício do poder ao longo da história, cujas práticas punitivas do corpo foram se transformando em práticas disciplinares, em sistemas de controle, de poder e de exclusão.

Investigando as práticas punitivas no regime absolutista europeu, bem como os sistemas prisionais, Foucault (2001) descreve os procedimentos de tortura e as atrocidades utilizadas, não somente como ação punitiva, mas também como forma de transformar a conduta social do indivíduo. O castigo corporal aplicado em praça pública servia como exemplo, de modo a coibir possíveis atos semelhantes de desobediência à

conduta social ou à autoridade monárquica. Tais práticas punitivas foram se modificando e, com a instauração dos sistemas prisionais os dispositivos de vigilância, passaram a exercer o controle sobre o corpo. O *panóptico*, de Jeremy Bentham, de arquitetura circular, era utilizado para vigiar os prisioneiros individual e coletivamente, dada a posição em que se encontrava o vigilante. O *panóptico* simbolizava, assim, o poder disciplinador, pois o vigiado passava a seguir condutas comportamentais determinadas pela autoridade.

Para Foucault (2001), por meio do poder disciplinador, é possível explicar o funcionamento do poder sobre o indivíduo na sociedade moderna. As práticas disciplinares, segundo o filósofo, conduzem à sociedade disciplinar, e o poder disciplinador é também exercido pela escola, igreja, quartel, hospital, entre outros. A escola, bem como o sistema educacional, funcionam como uma forma política de manter o poder, por meio da produção do saber e do discurso, que (re)produzem a manutenção da ordem e da disciplina. Nessa perspectiva, a disciplina utilizada no sistema carcerário também é uma das formas de adestrar o indivíduo e torná-lo produtivo (GREGOLIN, 2003, p. 101), do mesmo modo, os sistemas de segurança, com câmeras de vídeo, também representam o poder disciplinador, assim, toda a sociedade é submetida a esse poder. De certa forma, a mídia jornalística também exerce esse tipo de poder disciplinar, pois as condutas consideradas irregulares costumam estampar as manchetes de jornais.

O poder não se manifesta, portanto, de forma centralizada e hierárquica, na figura do Estado, ele se espalha e se estende por toda a sociedade, manifestando-se em micropoderes (FOUCAULT, 2001), por meio das relações de luta e jogos de força entre os grupos sociais. Tal embate de relações de força ocorre no âmbito do saber, de modo que poder e saber se imbricam. Gregolin (2003, p. 100) ressalta que a disciplina gera saber e este por sua vez gera poder, de modo que poder e saber se relacionam intrinsecamente.

No âmbito do discurso midiático, o poder das mídias se concentra, fundamentalmente, nas práticas discursivas relacionadas ao regime de verdade. Conforme já dissemos, a ilusão da unicidade do discurso midiático, bem como a sua aparente objetividade criam efeitos de verdade. Ao analista do discurso cabe dissecar a construção desse discurso e revelar os efeitos de sentido possíveis, circunscritos nas

formações discursivas, nas quais o sujeito enunciador se inscreve, bem como a *vontade de verdade* desse discurso.

Para Foucault (2008b p. 9), em nossa sociedade, a produção do discurso passa por processos de exclusão, de interdição, de modo que “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, com qualquer um, enfim, não se pode falar qualquer coisa”. O discurso sobre a sexualidade e o discurso político são, para o filósofo, lugares privilegiados onde o poder se manifesta. Foucault (2008b, p. 19) nos ensina, ainda, que não existe a verdade, mas a *vontade de verdade*, considerada, junto com a *palavra proibida e a segregação da loucura*, os três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso. Segundo ele, qualquer um não pode falar qualquer coisa, o discurso se encontra inserido em uma “ordem do discurso” do qual fazem parte esses sistemas de exclusão. A vontade de verdade também se configura como uma construção sócio-histórica na confluência com o poder. A verdade é construída em cada época, de acordo com as forças de poder que as regem em cada período histórico.

Dos três sistemas de exclusão, é da vontade de verdade de que menos se fala, pois ela nos é apresentada mascarada como verdade universal. A vontade de verdade se configura como sistema de exclusão, pois ela exclui todas as outras verdades que a ela se contrapõem.

Concernente ao discurso midiático, a vontade de verdade é perpassada pelos interesses econômicos e mercadológicos, visto que a sociedade pós-moderna, de acordo com Jameson (2001), é constituída sob a égide do capitalismo tardio e da globalização da economia. Assim, ela constrói sua verdade a partir das relações de poder do capital, e a mídia, como toda a sociedade, também é regida pelas mesmas relações de poder.

Considerando que o discurso verdadeiro é construído historicamente pelas relações de poder em cada época, um discurso considerado verdadeiro em determinado período pode não o ser em outro, ou na mesma época, mas em sociedade com valores culturais diferentes. Assim, a verdade historicamente construída no Ocidente pode não se apresentar como tal no Oriente, ainda que este seja afetado pela globalização e pelo domínio cultural norte-americano. O discurso da *Folha de S. Paulo* concernente à abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, parece traduzir a vontade de verdade do capitalismo Ocidental, cujos valores não são exatamente os mesmos do comunismo chinês, ainda que a abertura econômica tenha inserido a China ao mercado globalizado.

Charaudeau (2009, p. 48) assevera que a verdade, para as sociedades ocidentais, pré-existe à sua manifestação; no entanto, essa premissa se encerra na medida em que o homem é o agente e ao mesmo tempo beneficiário da verdade, sendo assim, ela é marcada pela contradição, pois se a verdade é exterior ao homem, ao mesmo tempo só pode atingi-lo por meio de seu sistema de crenças e valores. Com efeito, Charaudeau (2009, p. 49) define valor de verdade e efeito de verdade no discurso midiático. Para o teórico, o valor de verdade é expresso por meio de construções explicativas de caráter científico exterior ao homem, que se define como “técnicas de saber dizer, de saber comentar o mundo”; já o efeito de verdade está ligado ao crer verdadeiro, é, pois, subjetivo, sendo que cada sujeito confere um efeito de verdade de acordo com a relação que estabelece com o mundo. O discurso midiático não busca a verdade em si, mas a credibilidade, posto que a verdade é uma construção discursiva.

Assim, na perspectiva de Charaudeau, torna-se mais apropriado falar em veracidade da notícia do que em verdade veiculada pela notícia. Já na perspectiva foucaultiana, a verdade não existe fora do poder, ela é construída no/pelo poder. Para a AD, importa mais a constituição do discurso midiático, a explicação dos seus mecanismos e estratégias discursivas, que produzem efeitos de sentido interpretados pelo leitor. Desse modo, ao adotarmos a perspectiva foucaultiana nesta pesquisa, importa-nos o desvelamento das relações de poder que determinam a vontade de verdade do discurso midiático, considerando a intersecção entre a língua, o discurso e a história, bem como a memória discursiva que permite os deslocamentos de sentido decorrentes de usos linguísticos feitos pela mídia, tal como ocorre no título da reportagem “Made in China”, sobre a abertura das Olimpíadas, veiculada pela *FSP*.

Outro conceito relevante para esta pesquisa é o silenciamento, considerado por Orlandi (2007b) como uma forma de exclusão do discurso. Dele, tratamos mais detidamente em seguida.

1.1.2 O sentido do silêncio no discurso

O silêncio, segundo Orlandi (2007b, p. 31), significa e é carregado de sentido que nos faz entender o não-dito, diferentemente do implícito, o silêncio significa *per se*,

vale dizer que o silêncio remete à incompletude e à não-transparência da linguagem. O silêncio atravessa as palavras e revela o sentido do não-dito.

Orlandi (2007b) apresenta o silenciamento como forma de interdição, pois, para a autora, o silêncio está relacionado à determinação histórica e ideológica e pode ser categorizado em duas formas: o silêncio fundante e a política do silêncio.

Interessa-nos esta última, segundo a qual o sujeito enuncia seu discurso a partir de um lugar e duma posição sujeito, de modo que “ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo outro sentido” (ORLANDI, 2007b, p. 53); há, portanto, uma íntima relação entre o dizer e o silenciar. Para Orlandi (2007b, p. 53), “o silêncio recorta o dizer” atribuindo-lhe uma dimensão política, uma vez que faz parte do processo de significação.

A política do silêncio tem, segundo a autora, duas formas de existência: o silêncio constitutivo e o silêncio local. Entende-se o silêncio constitutivo como o ato de dizer X para não dizer Y, ou seja, Y é silenciado e constitui-se no sentido do que não é dito. Assim, “aliados da China no cenário internacional, Paquistão, Cuba e Coreia do Norte foram os mais aplaudidos” silenciam-se as outras 200 delegações participantes das Olimpíadas. O silenciamento, utilizado com frequência no discurso jornalístico, se configura como mecanismo ideológico que produz efeito de ilusão da unicidade do sentido.

Para Orlandi (2007b) há, ainda, outra categoria de silêncio, o chamado *silêncio local*, que se configura como interdição do dizer, como a censura, manifestando, assim, de forma mais visível, o caráter político do silenciamento. Esse tipo de silenciamento foi utilizado no Brasil como mecanismo de controle dos meios de comunicação, durante a ditadura militar, embora a censura não seja mais imposta pelo governo, os veículos midiáticos sofrem auto-censura, silenciando suas formas de dizer, movidos por interesses políticos e mercadológicos.

Ao analista do discurso cabe “escavar”, na materialidade discursiva, os indícios de silenciamento, e assim, interpretar, na emergência das condições de produção do discurso, as relações de poder e as condições de possibilidade que inscrevem o silêncio no discurso. Estudar o funcionamento do silêncio e os jogos discursivos que subjazem a produção do silêncio implica necessariamente em entender a constituição do sujeito,

que, em última instância, é responsável pela produção do discurso e do silenciamento. Assim, passamos a expor esses processos que levam à subjetividade.

1.1.3 Sujeito e memória: o primado do interdiscurso

A subjetividade é um ponto central para a AD, visto que, a constituição do sujeito, bem como as FDs de onde ele enuncia são determinantes para a construção de sentido do discurso.

A primeira crítica à subjetividade, quanto à noção de representação, segundo Brandão (p. 36), foi elaborada por Hegel, que defendia a subjetividade numa relação dialética e opositiva com o outro, o *eu* só se constitui na diferença com o *outro*.

Outra crítica à noção cartesiana de subjetividade foi formulada por Foucault, segundo a qual a subjetividade se constitui pela linguagem. Para Foucault, o homem se diferencia dos outros animais pela sua capacidade de usar a linguagem. Antes de falarmos do sujeito foucaultiano, convém citar a contribuição de Benveniste (1992) no que se refere à subjetividade na linguagem.

Para mostrar que a subjetividade se fundamenta na linguagem, Benveniste (1992) estuda as formas linguísticas de subjetivação, apresentando os pronomes pessoais “eu” e “tu” como instâncias da enunciação, posto que esses pronomes pessoais como indicadores de dêixis só podem ser definidos em relação ao “eu” que se enuncia no momento da enunciação. Além dos pronomes pessoais, as marcas temporais (hoje, ontem, agora) também são citadas por Benveniste como formas de inscrição da subjetividade, pois também só podem ser tomadas como referência temporal do instante da enunciação. A subjetividade centrada no eu, concebida como origem e fonte de sentido defendida por Benveniste, é apontada por Benites (s/d, p. 3) como uma certa semelhança com as proposições cartesianas, na medida em que, Benveniste estabelece o sujeito como origem de seu dizer ao instaurar a questão da subjetividade na linguagem.

Ainda que reconheça o caráter fundador dos estudos de Benveniste, Brandão (1998, p. 39) critica a sua teoria, posto que, “embora postule o tu na relação intersubjetiva, esse tu permanece apenas figura complementar do eu, é pessoa não-subjetiva, [...] Benveniste não expande a noção de subjetividade para fora do eu”.

Quanto ao sujeito do discurso, destacamos a concepção pecheuxtiana, segundo a qual o sujeito não é dado *a priori*, é constituído no/pelo discurso interpelado pela

ideologia. Pautado nos preceitos de Althusser, Pêcheux (2009) defende a noção de sujeito como assujeitado, determinado pela posição e pelo lugar de onde ele enuncia seu discurso, e ele o faz do interior de uma FD determinada por uma formação ideológica. A noção de interpelação se relaciona com os pré-construídos, segundo Pêcheux (2009, p. 150),

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina [...] essa identificação fundadora [...] apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma descrita mais acima, enquanto “pré-construído e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o domina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Desse modo, podemos dizer que o sujeito da AD é atravessado pelo inconsciente, é um sujeito descentrado, embora ele tenha a ilusão de ser a fonte e origem de seu discurso, os chamados Esquecimentos nº 1 e 2; o sujeito é determinado pela formação discursiva na qual inscreve seu discurso. Enquanto a teoria da enunciação, defendida por Benveniste, se constitui em teoria subjetiva da linguagem, a AD defende a teoria não-subjetiva, pois o sujeito da AD não é o centro do discurso, ele é inconsciente, e sua liberdade consiste em aceitar esse assujeitamento. Assim, do ponto de vista discursivo, a relação entre língua e objeto é atravessada pela memória, que determina as práticas discursivas do sujeito (GUERRA, 2008, p. 47).

Nessa perspectiva, a memória discursiva, tratada como interdiscurso, “definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2007a. p. 31), é que produz sentido ao dizer, pois o que foi dito antes, em outro lugar, na forma de pré-construído (re)atualiza o sentido do discurso. Podemos dizer que o discurso se constitui no primado do interdiscurso, pois o sentido do discurso se produz na relação com outros discursos que circulam na sociedade, alguns deles já cristalizados.

Retornemos ao sujeito foucaultiano, diferente da concepção pecheuxtiana, encontramos nas teorias de Foucault (2009) um sujeito concebido nas relações com o saber, poder e a verdade, além disso, ele se constitui historicamente. Ao propor a desconstrução da história, Foucault anuncia o descentramento do sujeito; assim, a noção de sujeito é vinculada à noção de história. Sobre isso, Navarro-Barbosa (2004, p. 104-105) assevera que Foucault rompe com a crença de que a história tem como ponto de

partida e chegada o sujeito, estabelecendo o desaparecimento do homem como sujeito consciente de sua história. Para Foucault, o sujeito é constituído historicamente pelas práticas discursivas.

Desse modo, a relação entre o sujeito e poder mostra que a verdade não está posta, não é algo que possa ser alcançado, a verdade é construída pelo discurso e engendra poder e saber.

É importante salientar, ainda, a contribuição de Authier-Revuz (1990), a partir do dialogismo formulado por Bakhtin (2006), trazendo para a AD a noção de sujeito heterogêneo, clivado por outras vozes, que constitui seu discurso num discurso polifônico, atravessado pelos interdiscursos.

A perspectiva que adotamos em nosso trabalho é do sujeito descentrado, heterogêneo, atravessado por outras vozes, que se constitui no primado do interdiscurso, afetado pelas relações de poder.

1.1.4 A heterogeneidade na constituição do sujeito e do discurso

Pensando a linguagem como interação e sujeito como efeito da linguagem, buscamos a interação entre o sujeito e o discurso a partir do conceito de heterogeneidade formulado por Authier-Revuz (1990). Tal formulação encontra-se ancorada no dialogismo bakhtiniano e nos preceitos da psicanálise, fundamentado na presença do Outro na constituição do sujeito.

Authier-Revuz (1990) toma o discurso como produto do interdiscurso, essa relação interdiscursiva que constitui o sujeito e seu discurso é ancorada no conceito bakhtiniano, segundo o qual todo discurso é dialógico por excelência, de modo que não há um discurso inaugural, primeiro e único, a não ser o “discurso adâmico”, nesse sentido, todo discurso dialoga com outro já existente, formulado alhures; por outro lado, a autora apoia-se também na relação do sujeito, com a linguagem, atravessado pelo inconsciente. Assim, o trabalho linguístico da autora, articulado sob esses dois processos de constituição do sujeito, busca evidências da presença do outro no discurso ao que ela chama de heterogeneidade, podendo ser mostrada ou constitutiva.

A heterogeneidade mostrada revela, na superfície lingüística, as marcas da presença do outro no interior do discurso, cuja forma de inscrição da voz outra no

discurso pode ser marcada por meio de citação no discurso direto, indireto ou indireto livre, ou ainda por meio de aspas, glosa ou incisa. Tais formas de heterogeneidade apresentam uma ruptura sintática, demonstrando claramente a presença do outro, mas a modalidade não marcada não apresenta essa ruptura, ao contrário, “é inscrita na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo em que, pelas marcas, que neste caso não são redundantes, é remetido ao exterior do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29-30). Nessa outra modalidade de heterogeneidade, a autora identifica uma outra língua, um outro registro discursivo, podendo ser familiar, pedante, adolescente, grosseiro, entre outros; um outro discurso, técnico, feminista, marxista, moralista; uma outra modalidade de sentido, ou seja, a polissemia, homonímia, metáfora; um outro, o interlocutor, diferente do locutor.

A heterogeneidade constitutiva não apresenta as marcas ou o outro, ela é constitutiva do discurso sob a forma de interdiscurso, assim é impossível para o sujeito fugir da heterogeneidade que, ao explicitar a presença do outro, expressa seu desejo de dominância, na ilusão de ser a fonte do discurso, mas que divide seu espaço discursivo com o outro, tornando-se um sujeito heterogêneo e dividido.

Outra contribuição significativa quanto à heterogeneidade está em Maingueneau (1997), ancorada no conceito de polifonia, desenvolvido por Ducrot. Partindo da premissa de que cada enunciado se relaciona a apenas um autor identificado como locutor, a polifonia ocorre quando, num enunciado, é possível perceber a presença de um enunciador e um locutor; este se apresenta no enunciado como o responsável, aquele que enuncia, já o enunciador pode ser comparado como um personagem em relação ao autor/locutor. Para Maingueneau (1997), a ironia e a negação também são marcas de heterogeneidade, visto que, para o autor, a ironia faz ouvir uma outra voz diferente do *locutor*, a voz do *enunciador*, cujos pontos de vista não são coincidentes; quanto à negação, o autor a considera como polifônica, pois numa negação se faz ouvir duas vozes, uma que afirma e outra que nega uma proposição, ou seja, todo enunciado negativo faz ouvir uma voz anterior que afirma.

Esta pesquisa se pauta nessa dupla concepção de heterogeneidade que constitui o discurso do sujeito *FSP*, bem como do *FR*. Para efeito de análise, pautamo-nos em marcas linguísticas que fornecem pistas para nossa interpretação; assim, adotamos como categoria de análise linguística a referenciação, que ora passamos a expor.

1.1.5 A Referenciação como categoria de análise

A AD não trabalha com a língua enquanto sistema, ela compreende a língua na relação com seu exterior, com a história e a ideologia que afetam a produção de sentido de um texto. Na confluência entre a Linguística, a História e a Psicanálise, a AD abre uma reflexão sobre o modo de funcionamento do discurso, o modo como o discurso se materializa na língua. Assim, longe de desconsiderar a materialidade linguística, a AD a toma como marcas sob as quais se manifesta o discurso, que, por sua vez, é a manifestação material das relações de poder.

Cardoso (2003) afirma que há uma heterogeneidade de discursos no seio da linguística e postula um outro deslocamento sobre a questão da referência, ao que ela chama de auto-referencialidade, em que o referente é refletido e refratado, de modo que “na representação, o representado nunca é uma realidade bruta, mas uma realidade moldada pela prática da própria representação” (2003 p. 121).

Nesse sentido, consideramos que a AD se constitui num campo profícuo para a questão da referenciação, tendo em vista que, na perspectiva da AD, o discurso se constitui na confluência da língua com o seu exterior, com a história e a memória: a referenciação como relação entre a língua e a realidade torna-se interessante estratégia de produção de sentido. Desse modo, cabe ao analista do discurso, desvendar, na materialidade linguística, as estratégias de referenciação que contribuem para a produção de determinados efeitos de sentido. A referenciação, segundo estudos de Koch (2003), Marcuschi e Koch (2002), Cardoso (2003), entre outros, constitui uma atividade discursiva, de modo que, para Koch (2003, p. 79), a referência

[...] passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não objetos-do-mundo.

o que modifica substancialmente a relação que existia entre a língua e a realidade, em que o referente do discurso deixa de ser a realidade, “mas aquilo que o discurso institui como realidade” (CARDOSO, 2003, p. 3). Sobre essa questão, Marcuschi e Koch (1998, p. 5) nos alerta que “nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real.

Ele (o cérebro) reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso”. O discurso constrói uma representação do real, que deve ser partilhada pelo autor e interlocutor. Desse modo, a seleção lexical feita pelo enunciador, dentre as variadas possibilidades oferecidas pela língua, para referir ou correferir um objeto, pode alterar a sua categorização.

No discurso midiático, o enunciador jornalista busca nas anáforas diretas e indiretas, bem como nas recategorizações nominais, formas de acionar a memória discursiva do leitor para criar efeitos de sentido que constituem a vontade de verdade do órgão midiático.

Nesse sentido, a interpretação de uma expressão anafórica, em nosso objeto de análise, requer mais do que identificar o seu antecedente, consiste em estabelecer relações entre o linguístico e o extra-linguístico, encontrar na memória discursiva uma ligação entre esses elementos de modo coerente. Isso implica uma visão de linguagem além do signo linguístico, para além do código, uma visão de “(re)construção do próprio real” (KOCH, 2003, p. 81)

A referenciação como prática discursiva opera pela interação entre a superfície linguística e a remissão a um objeto do discurso recuperável pela memória discursiva. Assim, a interpretação de uma expressão referencial não se limita a uma simples localização de um termo linguístico antecedente, mas à compreensão do complexo jogo de formulações discursivas que emergem da memória. Isso equivale a dizer que a questão da referenciação no quadro teórico da AD se relaciona com o interdiscurso, na forma de pré-construídos, com a memória do dizer (CARDOSO, 2003).

Assim, o uso da expressão nominal definida “China moderna” no discurso da *FR* remete ao amplo contexto das transformações e desenvolvimento por que passou a China, após a abertura econômica de 1978, ao mesmo tempo em que aciona a memória discursiva do período anterior à abertura, pois o termo moderno se contrapõe ao tradicional, ou seja, o período de isolamento chinês. Essa forma de remissão é o que chamamos anáfora indireta, recurso bastante utilizado no discurso jornalístico.

1.1.5.1 Anáfora e recategorização: uma ancoragem discursiva

A noção clássica de anáfora designa expressões, que, no texto, remetem a outras expressões ou segmentos textuais, por meio de retomadas ou não, que contribuem com a progressão textual. Chamamos de Anáfora Direta o processo pelo qual ocorre a retomada de um referente já introduzido no texto, nesse caso há uma certa equivalência semântica entre a anáfora e seu antecedente, de modo que se admite a anáfora direta apenas quando houver uma relação semântica prévia entre duas palavras *a* e *b*, ou seja, se a relação semântica ocorrer independentemente do texto.

Para Marcuschi (2005), o conceito de anáfora direta como uma espécie de substituto do elemento retomado não considera a complexidade que envolve a questão da referenciação, visto que pode não existir uma equivalência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente, além disso, na visão do autor, a anáfora pode não representar a simples atribuição de um referente. Dependendo do contexto, possibilita uma interpretação mais ampla, de modo que a anáfora é mais um processo de ativação da memória discursiva, por meio do interdiscurso, do que simplesmente substituição referencial. Assim, a anáfora “ao invés de retomar um outro elemento do mesmo texto, pode remeter a um ‘já dito’ constitutivo do interdiscurso, o qual não aparece explicitamente no texto” (CARDOSO, 2003, p. 143), o que vem ampliar a tradição linguística dos estudos da referência.

A recategorização também constitui importante estratégia referencial que pode se operar por rotulação, na qual são atribuídos novos predicados, permitindo uma reinterpretação do objeto referido; também é comum que a recategorização imprima uma orientação argumentativa, que deve ser percebida pelo interlocutor. Segundo Marcuschi e Koch (2002, p. 46) “a recategorização se acha fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente, que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação”. Assim, o processo de recategorização envolve a seleção lexical de natureza semântica que, num processo de paráfrase e metonímia, traz para o interior do discurso o seu exterior, ou seja, reativa, pelo intradiscurso, a memória discursiva do interdiscurso.

Mais uma vez, ressalta-se que a seleção lexical implica na ilusão do sujeito de ter o domínio do sentido de seu dizer, o chamado esquecimento nº 2. No entanto, o sentido do discurso é determinado pelo lugar social inscrito pelo enunciador. Assim, nossa análise inscreve as recategorizações encontradas em nosso *corpus* nas FD das quais os sujeitos *FSP* e *FR* enunciam seus discursos.

A compreensão do discurso, no tríplice domínio da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, nos remete à heterogeneidade da constituição do discurso, bem como à dispersão do sujeito, cuja identidade se encontra cingida, clivada. De modo que a compreensão desse sujeito exige uma abordagem para além do discurso, assim, buscamos nos Estudos Culturais os referenciais que abarcam a questão da identidade do sujeito chinês na pós-modernidade.

1.2 A perspectiva culturalista

A AD lança sobre o discurso um gesto de interpretação nas tramas do entrelaçamento dos fios do discurso, da história e do sujeito. A esse entrecruzamento, lançamos um outro olhar interdisciplinar, o dos Estudos Culturais (EC), que nos conduzem às práticas identitárias que emergem nas práticas discursivas, de modo que possamos melhor compreender a representação identitária da China e dos chineses no discurso da mídia jornalística. Para compreender o sujeito contemporâneo e sua identidade cultural, torna-se imprescindível uma análise da sociedade pós-moderna. Assim, a identidade cultural, bem como as questões mais amplas que envolvem os EC, como a globalização que afeta toda produção cultural contemporânea, as questões étnicas e a dominância cultural merecem de nossa parte uma reflexão sobre o aporte teórico dessa outra teoria transdisciplinar, que se constitui na convergência entre a antropologia, sociologia, psicologia e história.

1.2.1 Percurso teórico dos Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra, entre o final da década de 1950 e início de 1960, tornaram-se um campo de estudo organizado, cujo interesse recaía sobre os estudos da cultura não-erudita, não-canônica, trazendo à baila as relações entre

cultura e sociedade, que definitivamente exigiam mudanças no campo teórico. Assim, os EC pretendiam estabelecer um novo paradigma teórico, visando a um projeto eminentemente político, fundamentado na intersecção entre a Antropologia, Sociologia, Psicologia e História, de modo que podemos considerá-los como uma área que visa estudar os aspectos culturais da sociedade e não propriamente uma disciplina (ESCOSTEGUY, 2000, p. 137).

Hoggart, Willians, Thompson e Hall são considerados os grandes precursores dos EC, e suas obras salientam uma nova concepção de cultura, abarcando aspectos sócio-históricos e políticos. Hoggart (1957) centra sua atenção na cultura popular e nos *mass media*, até então desprezados pela cultura erudita. Enfatizam-se, assim, as práticas de resistência à cultura hegemônica. Nesse aspecto, observamos um diálogo com o pensamento foucaultiano, trazendo à tona as relações entre poder e resistência. Em sua vasta obra, Foucault (2009, 2010) explicita as relações de poder que regem a sociedade contemporânea, bem como as formas de resistência. Para o filósofo, onde há poder, há também resistência.

Há que se ressaltar que o caráter político-ideológico de esquerda aproximou os EC da cultura não-hegemônica, da cultura de origem popular, deslocando, assim, o conceito de cultura, até então, sinônimo de erudição e elitismo. Desse modo, os EC se preocupam justamente com a cultura marginal, que se encontra fora dos domínios canônicos, de forma que faz emergir a voz periférica dos subalternos, dos que se encontram à margem do poder e da cultura hegemônica.

Para os EC, os meios de comunicação de massa são considerados instrumentos de manipulação e manutenção da cultura hegemônica, assim, a exclusão da cultura popular no seio da grande mídia, bem como a representação estereotipada dos excluídos, tornam-se um campo fértil para as discussões culturalistas.

Sobre o papel da mídia, nessa questão, Charaudeau (2009) assevera que, se a mídia manipula, ela é, também, ao mesmo tempo, manipulada, visto que sofre coerções internas e externas. Desse modo, não podemos deixar de citar as relações que Jameson (2004) estabelece entre a cultura, economia e política, permeadas pela globalização. Para ele, todos esses elementos se imbricam, não há, pois, como separar a produção cultural dos efeitos da globalização.

1.2.2 A cultura pós-moderna: aspectos da globalização

A pós-modernidade, segundo Jameson (2004) é a condição sócio-cultural e estética do capitalismo contemporâneo. Nessa concepção, cultura e economia estão intimamente implicadas. O autor afirma que o nosso presente histórico se caracteriza pela fusão entre esses dois aspectos sociais, de modo que o “capitalismo tardio depende para seu bom funcionamento, de uma lógica cultural, de uma sociedade de imagens voltada para seu consumo” (JAMESON, 2004, p. 9). Por sua vez, os produtos culturais são tanto base como superestrutura, produzindo significados e gerando lucros. Em suma, a cultura estaria a serviço do dinheiro.

Assim, o sistema de produção econômico e as relações mercadológicas regem e determinam a produção cultural, transformando-se em produto vendável, numa indústria cultural da qual fazem parte o cinema, as mídias televisivas e impressas, a publicidade, entre outros.

Jameson (2001) afirma, ainda, que a dimensão econômica da globalização demarca interesses geopolíticos que atuam sobre a produção cultural no mundo todo, para o autor, presenciamos a hegemonia norte-americana no segmento cultural do entretenimento, a indústria cinematográfica dos Estados Unidos tem penetração no mundo todo e incute a “american life” aos países de todos os continentes. Desse modo, diluem-se as fronteiras do nacionalismo e caminha-se para a homogeneização da cultura, sob a égide do capitalismo americano. Para Jameson (2004), a globalização é, portanto, um dominante cultural que se entranha em todos os segmentos sociais e em todas as manifestações culturais e não pode ser concebida sem as afetações econômicas, políticas e tecnológicas, que, em última análise, são também níveis distintos da globalização.

No que concerne à produção da informação, a dimensão tecnológica é imprescindível, seja pela capacidade de levar a informação a todas as partes do mundo, seja pela imediatez com que as informações são veiculadas, com transmissões ao vivo, via satélite. Essas transmissões instantâneas contribuem com a espetacularização da mídia jornalística, trazendo para o público imagens de tiroteios entre policiais e o crime organizado nas favelas do Rio de Janeiro, ou a espetacular destruição das torres gêmeas de Nova Iorque, fazendo que os fatos noticiados ganhem uma dimensão ficcional.

Dentre os aspectos da globalização citados por Jameson (2001), a dimensão cultural é considerada pelo autor como a mais significativa, pois se imbrica com as outras dimensões, a globalização da cultura é afetada pela questão econômica e tem uma intrínseca relação com a dimensão política e com o nacionalismo, que segundo o autor se configura como uma forma de resistência ao domínio do imperialismo norte-americano. Para esse teórico marxista, a compreensão da globalização e de seu funcionamento nas instâncias sociais, bem como a compreensão sobre a pós-modernidade é fundamental para pensarmos uma prática cultural de resistência à cultura hegemônica.

Para Canclini (2003), no entanto, não há um consenso acerca do conceito de globalização, bem como acerca das suas afetações nos campos sociais, a ponto de o autor considerá-la como “objeto cultural não-identificado”. Esse autor destaca que a relação local-global suscita a presença de uma interculturalidade, de modo que não se pode falar em anulação ou substituição completa da cultura local pela global, há antes, uma interrelação, uma dupla afetação do local no global e do global no local, dissolvendo-se as fronteiras entre ambos, mas não a completa subjugação da cultura local. Um exemplo dessa interculturalidade, pôde ser observado na abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Sem deixar de lado suas tradições, a China demonstrou, com efeitos especiais de alta tecnologia, que está integrada à modernidade tecnológica ocidental.

Tomando como objeto de nosso estudo a representação identitária da China, no discurso midiático, torna-se relevante compreender a complexa formação da identidade dos chineses, bem como a do homem pós-moderno. Desse modo, buscamos nas reflexões de Jameson e Canclini sobre a pós-modernidade e a constituição da cultura contemporânea, pois abrem espaço para uma outra reflexão: a constituição da identidade do sujeito pós-moderno, que ora passamos a expor.

1.2.3 Identidade cultural ou hibridismo cultural?

Compreender a identidade do sujeito pós-moderno requer, antes, a compreensão do que é a pós-modernidade e a sua noção de tempo-espço que compõe e é composto por esse sujeito.

O termo pós-modernidade surgiu na década de 1960 e passou a designar a emergência de uma nova ordem social e econômica do período pós-guerra, que Jameson (2001) denomina de capitalismo tardio ou sociedade do consumo, segundo o qual a sociedade pós-moderna se caracteriza pela instantaneidade, velocidade da informação, efemeridade e superficialidade das relações sociais, contribuindo com a fragmentação do sujeito e de sua identidade.

Para Bauman (2005), a sociedade pós-moderna marca a era da “modernidade líquida”, na qual as relações sociais são marcadas pela fluidez e transitoriedade. Num mundo onde tudo é ilusório, o sofrimento, a angústia, a dor e a insegurança provocadas pela “vida em sociedade” causam a sensação de desorientação e são responsáveis pelas transformações em nossa identidade. Assim, a questão da identidade está intrinsecamente relacionada com o colapso do “Estado de bem-estar social” da era líquido-moderna.

O sociólogo assevera que a identidade nacional também se encontra em crise. Ela, a identidade nacional, foi forjada pela necessidade do Estado se constituir como poder centralizador e controlador, legitimada pela condição “necessária” para que uma nação se consolidasse como tal, com sua cultura, suas tradições, sua língua, mas com a era da globalização, da modernidade líquida, a presença do Estado nas relações sociais é cada vez menor, visto que essas relações são regidas pelo mercado, dando lugar a uma sociedade em que os interesses locais e particulares se sobrepõem aos coletivos, dessa forma, as relações interpessoais são regidas pela individualidade. Os efeitos da globalização, que determinam a fluidez das relações sociais, na era da modernidade líquida, fazem que o sentimento de pertencimento, também, passe a ter uma forma fluida, moldada pelas circunstâncias e necessidades momentâneas. Desse modo, para Bauman (2005), a identidade nacional da era pós-moderna assume uma forma fluida, sem contorno definido, o que no dizer de Hall (2006) se configura como uma identidade fragmentada.

Sobre essa questão da fragmentação da identidade, Hall (2006, p. 7) assevera que, na modernidade tardia, a identidade cultural, tal como foi concebida durante muito tempo, encontra-se em crise, assim, sujeito e identidade estão fragmentados. Para o autor, há que se falar em descentramento, descontinuidade, deslocamento, fragmentação ao nos referirmos às identidades culturais. Segundo Hall, isso se deve, entre outros

fatores, às transformações sociais da pós-modernidade e às afetações da globalização. Entre as consequências da globalização sobre as identidades culturais, o autor aponta a sua desintegração em virtude da homogeneização da cultura na sociedade pós-moderna.

Nesse ponto encontramos uma convergência entre Hall (2006), Bauman (2005) e Jameson (2001), com denominações diferentes quanto ao atual estágio de desenvolvimento social, *modernidade tardia*, *modernidade líquida e capitalismo tardio* ou *sociedade do consumo*, respectivamente, todos comungam da ideia de fragmentação da identidade cultural na sociedade pós-moderna em decorrência da homogeneização da cultura provocada pela globalização.

Nesse contexto, as identidades culturais das etnias orientais encontram-se particularmente fragmentadas e afetadas pela globalização e pela dominante cultural ocidental, observável na aparência física dos jovens, sobretudo japoneses e chineses. De acordo com Trevisan (2006, p. 71), milhares de chineses recorrem às cirurgias plásticas para obterem aparência ocidentalizada, a ampla maioria realiza cirurgia para arredondamento dos olhos, outras chegam a se submeter a intervenções que “poderiam estar em livros sobre técnicas de tortura, como lixamento dos ossos do rosto para afinar a face e a colocação de pinos entre ossos rompidos para aumentar a altura” (TREVISAN, 2006, p. 71).

Embora tais procedimentos alterem apenas os aspectos físicos, estes também são determinantes na constituição da identidade nacional, ainda que a cultura nacional seja um “discurso, um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50), ou seja, embora a cultura nacional, bem como a identidade nacional seja uma construção discursiva historicamente constituída, o sentido de ser “inglês”, “indiano” ou “chinês” passa necessariamente pela constituição biotípica.

Sobre essa questão, Vasconcelos; Iana Sudo; Nara Sudo (2004, p. 75) afirmam que

A maneira como o indivíduo lida, sente e percebe o seu corpo, reflete uma realidade coletiva, conseqüentemente, o corpo antes de tudo, passa a existir e ter sentido dentro de um contexto social, sendo-lhe atribuído representações, constituída de sentidos, imagens e significados dentro de um universo simbólico, tornando-se um fato cultural.

Consideramos, portanto, que as mudanças físicas realizadas pelos jovens chineses fazem parte de um processo de ocidentalização da cultura nacional.

Retornando às questões suscitadas por Hall (2006, p. 58), encontramos o questionamento acerca da unidade da identidade nacional. Embora ela dilua as diferenças quanto à classe, gênero ou etnia, buscando unificá-las num mesmo sentimento de pertença, para Hall a cultura nacional e, por conseguinte, a identidade nacional nunca foi ponto de lealdade e união simbólica. Ao contrário, a cultura nacional é forjada na estrutura de poder cultural a partir da dominação de uma cultura sobre as outras, visto que não existe uma cultura nacional pura, considerando que a maior parte das nações ocidentais ou orientais se formou no jugo de guerras, invasões e dominação de territórios e nações de etnias diferentes.

Nessa perspectiva, a cultura nacional chinesa é formada por um mosaico. O milenar País do meio é formado por 57 etnias, das quais a Han corresponde a 86% da população, ou seja, é a etnia predominante, e as outras 56 estão distribuídas entre os outros 14% da população chinesa. Evidentemente a convivência de todas essas etnias não é tão “harmoniosa” quanto tentou demonstrar o governo de Pequim, durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos.

Durante os meses que antecederam as Olimpíadas, o governo chinês reprimiu com violência os protestos separatistas tibetanos. Fato que teve repercussão internacional, pois ocorreu às vésperas do maior evento esportivo já realizado na China, ocasião em que o país “socialista de mercado” buscava uma auto-imagem mais palatável aos sabores ocidentais, conforme procuramos demonstrar neste trabalho.

Não obstante a questionada unicidade da cultura nacional, conforme argumenta Hall (2006), a identidade nacional é constituída por discursos que representam a unidade a despeito de que, ainda que diferentes, as diversas etnias se constituem num único povo. Tais práticas discursivas, para os representantes do governo, legitimam ações repressivas contra movimentos separatistas, seja na China, contra os tibetanos, seja na Espanha, contra os bascos, ou entre os britânicos, contra o IRA (Exército Republicano Irlandês), ainda que os interesses de ambos os lados (governo e grupos separatistas) tenham mais motivações políticas do que sociais.

Na esteira dos movimentos separatistas de resistência à hegemonia política e cultural do Estado, encontramos outra consequência da globalização sobre as

identidades culturais, apontada por Hall (2006, p. 69). Trata-se da valorização da cultura local como forma de resistência, além disso, o autor assevera o surgimento de novas identidades híbridas, tal qual uma tela cubista, um mosaico de representações culturais.

Entendemos esses dois aspectos levantados por Hall como complementares, visto que reforçar a identidade local como forma de resistência, como nos lembra Foucault (2009), não significa pensar em manifestação cultural local meramente como um retorno às velhas identidades enraizadas, mas uma cultura local afetada pela cultura global.

No discurso midiático, objeto desta pesquisa, o efeito simbólico dessa dupla afetação da cultura local e global contribui com a representação identitária de uma China que tenta unir modernidade e tradição, conforme percebemos em “China moderna não nega o passado”. Lembramos que, para Maingueneau (1997), a negativa consiste numa polifonia que inscreve no intradiscurso um outro discurso, uma outra voz que a precede, na qual afirma que a modernidade não condiz com a tradição. Assim, essa dupla negação “não” e “nega” apontam para uma representação identitária contraditória e paradoxal.

Consideramos que a China vive o paradoxo de manter sua milenar tradição cultural, em meio à avalanche da globalização e à homogeneização cultural, conforme já dissemos anteriormente. Entre o esforço de aceitação pelo ocidente e a tentativa de se colocar como a nova superpotência, emerge um discurso proferido de um entre-lugar, o discurso de um sujeito fragmentado, e, tal como outras nações, a China busca no discurso pós-colonial a constituição de uma nova identidade cultural. O termo pós-colonial refere-se ao período histórico do fim do colonialismo, em meados do século XX, com a independência de países africanos e asiáticos.

Embora inicialmente tivesse caráter espaço-temporal, esse termo passou a designar não apenas o período da pós-independência, mas também uma exigência de “um lugar para falar”, a busca de se fazer ouvir a voz de um povo colonizado e explorado pelo imperialismo europeu. Transcendendo as fronteiras dos países colonizados, os intelectuais se voltaram também à defesa de todos que viviam em “condições pós-coloniais”, ou seja, em condições análogas aos colonizados, como os migrantes, os negros, as minorias étnicas, os imigrantes legais e ilegais, em países de

primeiro mundo, e também as nações periféricas, enfim, todos que se encontram à margem do poder eurocêntrico (BHABHA, 2007).

Dentre os defensores da teoria pós-colonialista, destacamos os trabalhos de Bhabha (2007), para quem o Pós-colonialismo se configura como um processo discursivo enunciado de um lugar que não é nem do interior nem do exterior da dominação colonial, mas de um entrelugar, da diáspora.

Bhabha (2007, p. 240) afirma que “reconstituir o discurso da diferença cultural exige não apenas uma mudança de conteúdos e símbolos culturais” há necessidade de novas narrativas e uma revisão espaço-temporal radical para que essas narrativas possam ser inscritas e possam articular outros símbolos nas quais as identidades culturais possam ser inscritas. Isso implica explorar as fissuras no discurso dominante e romper com o binarismo centro-periferia, norte-sul para inscrever um discurso que se constitui pelo hibridismo cultural.

Nessa perspectiva culturalista, a subjetividade, bem como a identidade cultural do sujeito, abarcam a complexidade das relações de poder que constituem a sociedade pós-moderna. De modo que consideramos essas teorias essenciais para esta pesquisa, que se volta para a constituição da representação identitária desse sujeito fragmentado, descentrado, afetado pela globalização, que enuncia seu discurso de um entrelugar, considerando que a China, a despeito de sofrer inúmeras invasões, de ter parte de seu território dominado pela Europa e Japão, durante quase todo o século XIX, não se configura como um país do centro, apesar de sua expansão econômica e de sua importância no cenário econômico mundial.

Vale lembrar que pesquisamos a representação identitária da China no discurso midiático, e que ela exerce papel fundamental na construção do imaginário social, a partir do qual “os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação ao outro” (GREGOLIN, 2003, p. 97), portanto, buscamos, nas reflexões acerca da comunicação, compreender o funcionamento desse discurso e a emergência das relações de poder que regem a aparição do discurso e a construção do imaginário social sobre a identidade chinesa.

1.3 O discurso da mídia em questão

Os dispositivos teóricos da AD constituem-se importante ferramenta para a análise de acontecimentos discursivos veiculados pela mídia jornalística, na medida em que a AD toma o sentido como uma construção discursiva perpassada pela língua, história e ideologia. O sentido é, pois, construído na articulação entre o linguístico e o extra-linguístico. De modo que considerar a opacidade da língua e a não neutralidade do discurso implica desmistificar a ideia de objetividade e neutralidade do discurso jornalístico.

Nessa perspectiva, devemos entender que é por meio da linguagem e do discurso que podemos compreender como os sentidos se produzem no seio da atividade jornalística; estes são produzidos na intrínseca relação entre sujeitos — o enunciador e o enunciatário — e determinados pelas condições de produção do discurso, ou seja, pelo contexto sócio-histórico-cultural e pelas formações discursivas e formações ideológicas nas quais o sujeito enunciador inscreve seu discurso.

Entendemos que tomar o discurso midiático como objeto de pesquisa implica, necessariamente, buscar, nas teorias da comunicação, o aporte teórico que fundamenta a constituição e o funcionamento dos textos jornalísticos. Sobre a prática jornalística, Navarro-Barbosa (2008, p. 226) fundamenta-se em Melo (1994) para afirmar que a atividade jornalística pode ser considerada “como um processo cultural e social, que se articula partir da relação periódica e oportuna entre organizações formais – editoras e emissoras — e coletividade – o público receptor—, por meio de canais de difusão, como o jornal e a revista impressos”. O autor afirma que nem sempre a relação entre o produtor e leitor é tranquila, nem sempre o que a instituição quer informar é o que o leitor quer saber. Assim faz-se necessário encontrar um equilíbrio entre os interesses do órgão midiático e do leitor.

O leitor é, em grande medida, responsável pela seleção temática das matérias, pois todos os órgãos midiáticos de grande ou médio porte determinam e são determinados pelo perfil de seus leitores, embora a relação entre enunciador e enunciatário – entre o agente produtor da notícia e o leitor – não possa ser considerada dialógica no sentido bakhtiniano. Para Navarro-Barbosa (2008, p. 227), a atividade jornalística como instância produtora parece reservar ao leitor a posição de agente

passivo da informação veiculada. Nesse aspecto, a mídia jornalística pode ser considerada agente produtora de cultura e, como tal, como instância produtora de cultura, produz representações da realidade por meio de observações, descrições, análises e avaliações da realidade, que é consumida pelo público leitor.

A partir das contribuições de De Certeau, Navarro-Barbosa (2008, p. 228) levanta indícios que corroboram o jornalismo como prática produtora de cultura, dentre os quais destacamos que

O jornalismo exerce seu poder pelo saber que detém, saber esse que se realiza por intermédio de uma série de procedimentos do tipo “estratégias” – dispositivos, instrumentos, técnicas – que lhe confere um lugar próprio de onde intervém na sociedade, propondo a esta uma compreensão que pode ir desde o simples relato de um acontecimento até uma reflexão sobre os aspectos definidores de sua identidade.

Tal assertiva nos permite dizer que o discurso jornalístico se encontra na *ordem do discurso*, como nos lembra Foucault (2008a), de modo que ele é enunciado de uma posição que confere ao jornalista o poder de enunciar tal discurso, conferindo um efeito de verdade.

No que concerne à produção jornalística, Chaparro (2008, p. 109) apoia-se em Melo (1994) para apresentar uma classificação dos gêneros jornalísticos, entre o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo, embora considere que tal distinção se constitui num equívoco, visto que o paradigma Opinativo X Informativo se constrói num falso paradigma, pois “o jornalismo não se divide, mas constrói-se com informações e opiniões” (CHAPARRO, 2008, p. 146). Desse modo, podemos dizer que nas práticas discursivas jornalísticas, não existem gêneros meramente informativos, todos, em alguma medida, expressam opiniões valorativas do sujeito enunciativo, assim, não existe discurso jornalístico neutro e imparcial.

Para analisar o discurso midiático, Charaudeau (2009) propõe um quadro de referência teórica cujo modelo de análise do discurso se baseia no ato de comunicação, assim, para o autor, o sentido do discurso midiático se constitui na confluência de duas instâncias: a de produção e a de recepção, que determinam três lugares, a saber, o lugar das condições de produção; o lugar da construção da recepção; e o lugar das condições de interpretação. Desse modo, a constituição de sentido ocorre como resultado da

“intencionalidade, que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis e os efeitos produzidos” (CHARAUDEAU, 2009, p. 28).

Embora para a AD não exista uma intencionalidade do produtor, visto que o sujeito da AD é inconsciente e perpassado pela história e pela ideologia, aplaudimos o valor atribuído por Charaudeau, no que concerne ao lugar das condições de produção que, para o autor, comporta os espaços denominados como externo-externo e externo-interno. O primeiro, segundo o autor, refere-se às condições socioeconômicas e interesses político-econômicos que regem e determinam a atuação dos órgãos midiáticos. Já o segundo refere-se “às condições que presidem a própria realização do produto midiático” (CHARAUDEAU, 2009, p.25), ou seja, refere-se ao fazer jornalístico, que pressupõe definir o que “por em discurso”.

Nosso interesse recai sobre o lugar de produção externo-externo, visto que consideramos os efeitos da globalização na produção do discurso midiático. Assim, procuramos analisar as implicações dos interesses econômicos e políticos na constituição da representação identitária da China, no âmbito do discurso jornalístico.

Charaudeau (2009) propõe, ainda, uma análise do discurso midiático que permita revelar o não-dito, os sentidos que se encontram além das aparências, escondidos sob a aparente objetividade da informação, e desse modo, desvelar os jogos, as manipulações, os regimes de verdade. Tais efeitos de objetividade são conferidos por meio da “posição de apagamento do sujeito, conferindo aparente neutralidade do engajamento do informador” (idem, p. 54). Ao analista, segundo o autor, cabe observar à distância para explicar o funcionamento da “máquina de fabricar sentido social” e, assim, revelar as interpretações possíveis.

Esse autor (2009) salienta que no discurso midiático a instância de produção é composta por vários atores que colaboram para produção de um enunciado aparentemente homogêneo, que representa a ideologia do órgão em questão. O jornalista, nessa instância, exerce o papel mais importante, pois é ele quem capta a informação, cabendo-lhe duas posições sujeito: o de pesquisador e fornecedor da informação e o de descritor-comentador da informação. Outro aspecto levantado por Charaudeau (2009) refere-se ao grande desafio que se coloca para a mídia, a relação com a verdade. Não se trata, aqui, da verdade filosófica, mas da verdade linguística, a verdade ligada à maneira de reportar os fatos, às condições de emergência da verdade.

O autor aborda, ainda, a informação em seu nascedouro, ou seja, o acontecimento. Para Charaudeau (2009), o acontecimento é “todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual” (p.95), ele é construído pelo olhar do sujeito produtor, que transforma o acontecimento bruto em acontecimento significativo, ou seja, é o olhar do jornalista que interpreta e reestrutura o acontecimento previamente significado. O acontecimento midiático, segundo o autor, é selecionado e construído em função do seu potencial de atualidade, sociabilidade e de imprevisibilidade, de modo que se o fato não se enquadrar nessas três premissas, não merece ser informado ao público.

Tais acontecimentos podem ser veiculados em três grandes suportes, o rádio, a televisão e a imprensa (escrita), os quais possuem características próprias e buscam dispositivos de encenação necessários para atrair o público. Charaudeau (2009, p. 92) afirma, ainda, que “a instância midiática acha-se, então, ‘condenada’ a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”.

Ao discutir as estratégias de encenação da informação, o autor detalha a construção da notícia e assevera que não existe realidade empírica que não passe pelo filtro do ponto de vista, assim, nenhuma notícia é neutra, ela é, necessariamente uma construção do real elaborada pelo jornalista. Além disso, ao selecionar os acontecimentos, a mídia impõe um recorte do espaço público, tal seleção obedece a critérios externos, que remetem ao modo como surgem os acontecimentos, podendo ocorrer em sua factualidade, ser programada ou suscitada.

Quanto ao modo de organização do discurso, destacamos que o falante pode relatar o que aconteceu no espaço público, o que implica construir o acontecimento midiaticamente, de modo que o acontecimento relatado (AR) compreende fatos e ditos, ou os fatos relatados (FR) e os ditos relatados (DR). Considerando o aspecto dialógico da palavra, Charaudeau (2009) define o DR como a presença de um dito encaixado em outro dito, manifestando a heterogeneidade do discurso, conferindo valor de autenticidade do dito, ou atribuindo a responsabilidade a quem o disse, ou ainda, de verdade do que foi dito. Para o autor, as mídias modernas foram, progressivamente, se tornando um espaço democrático, no qual as diferentes vozes se entrecruzam,

conferindo à imprensa o papel de eco, ou espelho das diferentes falas que circulam no espaço público.

Entendemos que o DR se configura como uma heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990) de modo que, para além do discurso de autoridade ou de isenção de responsabilidade pelo dito, devemos interpretar o discurso midiático na modalidade do dito relatado a partir da interdiscursividade que é constitutiva de todo discurso.

Com esses dispositivos teóricos da Análise do Discurso, dos Estudos Culturais e da Mídia pretendemos trazer à luz os efeitos possíveis do discurso proferido pela *FSP* e *FR* no que concerne à representação identitária da China.

CAPÍTULO II

2. O discurso sobre a China: as condições de produção

O foco analítico deste trabalho envolve a relação entre mídia, discurso, identidade e poder. Na perspectiva da Análise do Discurso, essa relação é permeada pelo sujeito e pela ideologia. De acordo com Pêcheux (2009, p. 141), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, ou seja, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” e é por meio do discurso que se pode observar a relação entre o sujeito e a ideologia. De modo que a relação discurso-sujeito-ideologia constitui o modo como a língua produz sentido.

Afirmamos, portanto, que a posição assumida pelo sujeito determina o sentido do discurso, assim, o sentido das palavras é determinado pela posição sujeito, ou pelas formações discursivas nas quais o sujeito se inscreve. Além disso, as condições de produção também são constitutivas da construção de sentido do discurso. Segundo Orlandi (2007a, p. 30), as condições de produção compreendem o sujeito, a situação e, também, a memória.

Assim, compreender os sujeitos envolvidos no processo de enunciação e os lugares de onde eles enunciam torna-se fundamental. De modo que consideramos relevante para esta pesquisa conhecer as condições em que o discurso da *FSP* e da *FR* sobre a China são produzidos. Para tanto, procuramos conhecer os traços identitários de cada uma das empresas, suas linhas editoriais, seus posicionamentos ideológicos frente aos acontecimentos políticos internacionais que são o tema em questão. Também procuramos identificar quem são os seus leitores, visto que, segundo Cardoso (1999, p. 38), as escolhas do sujeito enunciador não são aleatórias, elas são regidas também pelo sujeito enunciatário e pela imagem que se tem deste. Cardoso (1999, p. 39) assevera, ainda, que não devemos considerar os sujeitos enunciadores pelo seu papel empírico, mas como “representação de lugares determinados na estrutura social”, ou seja, o sujeito jornalista que assina a matéria não deve ser considerado como um ser empírico, mas como a voz que representa a sua instituição, assim como os jornais pesquisados não serão considerados pela sua natureza empírica, mas consideramos como instituições responsáveis pela veiculação de informações, cada qual no seu âmbito de circulação,

como órgãos com a responsabilidade social de levar, a milhões de brasileiros, os acontecimentos do Brasil e do exterior.

Quanto à situação que circunscreve a produção do discurso, Orlandi (2007a, p. 30) identifica dois contextos: em sentido estrito, que se refere à circunstância da enunciação, envolvendo os sujeitos, o tempo e o espaço do acontecimento discursivo, este é considerado o contexto imediato da produção do discurso, e em sentido mais amplo, este envolve o contexto sócio-histórico e ideológico da produção do discurso.

Consideramos este último aspecto contextual, ou seja, o contexto amplo das condições de produção do discurso como mais importante para a construção de sentido, visto que tal contexto é que efetivamente lança sobre o discurso as possibilidades de sentido, que se torna apreensível por meio da memória discursiva. É a partir da inserção do discurso nas teias da história, e dos outros discursos que o antecederam, que as palavras produzem sentido; vale dizer, portanto, que a memória reinscreve e ressignifica as palavras, produzindo efeitos de sentido, ou mesmo produzindo deslocamentos de sentido.

Consideramos, como contexto imediato de nosso trabalho, as Olimpíadas de Pequim, realizadas entre oito e vinte e quatro de agosto de 2008 e, como contexto mais amplo, a trajetória histórica da China, cujos aspectos propiciaram a construção de uma imagem identitária entre estereótipos e clichês, bem como a explosão desenvolvimentista que o país atravessa para mostrar uma nova China.

Para a compreensão das condições de produção do discurso, objeto desta pesquisa, qual seja, o discurso jornalístico, passamos a explorar os aspectos contextuais da produção de sentido do referido discurso, bem como o papel que a mídia desempenha na construção simbólica do perfil identitário chinês.

2.1 Condições de produção do discurso jornalístico

A sociedade pós-moderna vive sob uma avalanche de informações veiculadas pelas mídias de variados suportes, entre rádio, televisão, impressos, digitais, que invadem os lares e, em grande medida, é a responsável pela construção do nosso imaginário social. Ela dita regras de conduta, determina o que é certo e errado, segundo

Gregolin (2007, p. 16) a mídia “formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente”.

A mídia se configura como uma instância que produz, sob a aparente unicidade de sentido, a mediação entre os leitores e a realidade; portanto seus textos não são a realidade, mas a representação desta. Dos fatos que propiciam o aparecimento da notícia até a sua veiculação, o texto passa pela interpretação que o jornalista dá aos fatos, pela revisão, pelo crivo da editoração e pelos interesses políticos e econômicos, que determinam os espaços destinados a cada matéria, de modo que a notícia chega ao leitor carregada de marcas ideológicas dos envolvidos no processo de produção.

Com o crescente desenvolvimento da tecnologia da informação e as mudanças da sociedade contemporânea, a globalização afeta diretamente a produção do discurso midiático, quer pela homogeneização estética, quer pela afetação da ideologia capitalista que rege a produção da informação (JAMESON, 2001). Assim, não podemos pensar no discurso da mídia jornalística sem estabelecermos relação com os interesses mercadológicos que afetam a produção do discurso da mídia brasileira, que se encontra, como toda a mídia ocidental, inexoravelmente ligada à dominação cultural norte-americana. Nesse sentido, a globalização e o capitalismo fazem parte da engrenagem que move a produção midiática. Percebemos, pois, no discurso, sobretudo da *FSP*, marcas ideológicas do capitalismo e conseqüentemente contrárias ao comunismo, atribuindo à China uma imagem negativa.

O discurso jornalístico, consoante o aspecto ideológico que atravessa a sua produção, impõe-se pela informatividade. Sobre o processo de produção do discurso midiático, Charaudeau (2009, p. 36) afirma que a informação não tem existência fora do sujeito, e, sendo uma enunciação, seu sentido depende “do campo de conhecimento que o circunscreve, de sua situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo na qual é posta em funcionamento”. Assim, também para Charaudeau, as condições de produção do discurso são fundamentais para a construção de sentido do discurso. Podemos afirmar, portanto, que o sentido do discurso não é dado *a priori*, mas construído por ação languageira entre os sujeitos. Nesse aspecto, o conhecimento histórico acerca dos sujeitos *FSP* e *FR* é essencial para a compreensão das posições assumidas por eles no tocante à construção identitária da China. Ainda que a constituição do sujeito para a AD ocorra pelo/no discurso, o percurso histórico do

sujeito contribui para a compreensão das condições de produção do discurso em questão.

No que concerne à produção do discurso, vale lembrar que as palavras são opacas e seu sentido se constitui a partir do lugar de onde se enuncia o discurso, das formações discursivas e formações ideológicas que as FDs representam. Nesse sentido, apoiamo-nos em Charaudeau quanto à negação de um *grau zero* da informação. Considerando o *grau zero* como a “ausência total de todo implícito e todo valor de crença” (CHARAUDEAU, 2009, p. 59), entendemos que as matérias jornalísticas, por mais neutras que pareçam, não eximem de seu caráter valorativo, não podem pretender um *grau zero*, porque isso equivaleria à unicidade, à única explicação possível. Não concebemos qualquer discurso como provido de sentido único, assim o discurso da informação também não escapa da possibilidade do sentido outro, do silenciamento que, ao dizer, silencia outros dizeres possíveis (ORLANDI, 2007b).

Sobre o engendramento da produção jornalística, Flausino (2001) assevera que a notícia é, antes de tudo, um produto cultural que tem a função de informar, esclarecer, explicar e também vender. Qualquer uma das funções da notícia, sobretudo a mercadológica, é permeada pela ideologia de quem escreve e da empresa midiática. Desse modo, as produções jornalísticas são representações dos acontecimentos, determinadas pela perspectiva de quem a produz, “longe de se constituir em espelho do real, a notícia, resultado da linha de produção jornalística, acaba por informar de uma maneira peculiar” e, se outrora carregava a finalidade informativa, hoje, a notícia é um produto de consumo (FLAUSINO, 2001, p. 105).

Charaudeau (2009, p. 101), por outro lado, considera que o discurso midiático tem por finalidade relatar os acontecimentos do espaço público, que devem ser selecionados e noticiados de acordo com o potencial de atualidade, socialidade e de imprevisibilidade. Isso implica dizer que um fato pode e deve ser noticiado de acordo com a distância que o separa do momento da informação. Quanto mais próximo do momento da informação, maior é o potencial de atualidade, assim, a transmissão ao vivo é um recurso para configurar a contemporaneidade e criar a ilusão da verdade absoluta dos fatos.

Consideramos os dois posicionamentos complementares, pois, se concordamos com Flausino (2001), no tocante à concepção de notícia como produto mercadológico,

também consideramos relevantes os conceitos de Charaudeau (2009) no que se refere às estratégias de atualidade adotadas pelas mídias. Ainda que as imagens possam ser consideradas prova cabal dos acontecimentos, elas imprimem a seleção do ângulo de filmagem do cinegrafista e a edição das imagens a serem exibidas, de modo que mesmo as transmissões ao vivo são informações parciais, que marcam a posição sujeito assumida pelo cinegrafista.

Quanto ao discurso do jornalismo impresso, objeto de nossa pesquisa, há uma distância entre o acontecimento, o momento de produção da informação e o momento de leitura da informação. Essa distância, segundo Charaudeau (2009, p. 113) é compensada por estratégias diferentes das outras mídias: a apresentação gráfica da notícia permite ao leitor uma visão mais analítica, visto que possibilita a visão global do texto e a compreensão das operações de conexão, bem como as orientações argumentativas assumidas pelo enunciador. Tais procedimentos interpretativos não são possíveis na oralidade, de modo que, “a escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 113)

Ainda no que se refere ao potencial de atualidade, o jornalismo impresso utiliza com frequência os verbos no presente do indicativo como recurso para marcar a factualidade das notícias veiculadas, embora saibamos que os acontecimentos noticiados ocorreram num tempo passado. De acordo com a “Moderna gramática portuguesa”, de Bechara (2007, p. 221), os tempos verbais assinalam “a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento da fala” sendo que o presente designa fatos que ocorrem ou se estabelecem no momento da fala. Quanto ao modo verbal, estabelece “a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente”. O modo indicativo é utilizado em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais.

Assim, o uso de verbos no pretérito perfeito marca uma ação passada, imprimindo uma sensação de notícia “velha”, e o emprego de verbos no presente do indicativo confere a ilusão de atualidade, além de marcar uma posição sujeito que tem a certeza, a convicção de afirmar a verdade.

Lembremos, no entanto, que, para Foucault (2008b), a verdade é construída discursivamente, portanto o que existe é a vontade de verdade, que se configura como um dos mecanismos de exclusão por que passa o discurso. Assim, a seleção dos

mecanismos linguísticos confere ao discurso jornalístico uma vontade de verdade e não a revelação da verdade.

A compreensão dos mecanismos de funcionamento do discurso jornalístico é essencial para esta pesquisa, mas não menos importante também é o conhecimento dos sujeitos enunciadore e leitores, ambos são elementos que constituem as condições de produção do discurso. Assim, passamos a expor o processo histórico da formação dos sujeitos *FSP* e *FR*. em que os dois órgãos se configuram como líderes: este quanto à circulação em nível regional, com área de abrangência restrita ao oeste paulista, e aquele em nível nacional, considerado o maior e mais importante jornal do país.

2.1.1 A constituição do Jornal *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* é, hoje, o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação, de acordo com os números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), a média de circulação diária é de 287.873 exemplares, nos dias úteis a circulação diária é de 280.972 exemplares e aos domingos atinge 329.278 e sua abrangência alcança todo o território nacional. O posto de maior jornal brasileiro foi alcançado em meados de 1980, quando empunhou a bandeira das “Diretas já”, tornando-se o principal jornal brasileiro a se envolver diretamente no processo de redemocratização do país. Desde então, a *FSP* se consolidou como o maior jornal do país, embora sua circulação tenha caído substancialmente na última década.

O jornal foi criado por Olival Costa e Pedro Cunha, em 1921, com o nome de *Folha da Noite*, quatro anos depois foi criada a *Folha da Manhã* e, posteriormente, a *Folha da Tarde*. Dez anos após a sua criação, foi vendida ao cafeicultor Octavino Alves Lima, que mudou a razão social para *Empresa Folha da Manhã*, nome que permanece até hoje. Foi sob a direção de Lima que a tiragem média aumentou de 15 para 80 mil, mas, em 1945, o controle acionário da empresa passou para as mãos de José Nabantino Ramos, que empreendeu como marca redacional a política da imparcialidade. Na década de 1960, o grupo fundiu seus jornais sob o nome de *Folha de S. Paulo* e o controle acionário da empresa *Folha da Manhã* foi assumido por Otávio Frias de Oliveira. Hoje o controle acionário, bem como a direção do *Grupo Folha* pertencem a seu filho, Otavio Frias Filho (FSP, 2001).

Nos anos 80, a empresa lançou seu projeto editorial que, segundo ela, fixou três metas “informação correta, interpretações competentes sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos”, a partir do qual o jornal passou a designar-se como a imprensa democrática e pluralista.

O crescimento da empresa levou à criação de outros jornais como o *Notícias Populares*, conhecido como *NP*, o jornal de caráter popular, com manchetes violentas e de cunho sexual, e que foi extinto em 2001, devido ao desinteresse do público leitor, que passou a buscar o mesmo tipo de informação em telejornais populares como o *Aqui Agora*. Assim, o grupo concentrou seu núcleo de jornalismo popular no recém-criado *Agora São Paulo*, que passou a circular em 1999, em substituição ao *Folha da Tarde*. Em 2000, o grupo *Folha* lançou o *Valor*, jornal de economia criado em parceria com o grupo *Globo*. Também fazem parte do grupo *Folha da Manhã*, a empresa de pesquisa *Datafolha*, o portal de internet *UOL*, a gráfica *Plural* e a agência de notícias *Folhapress*, que vende, a outros órgãos de imprensa, as matérias veiculadas nos três jornais do grupo, além de notícias produzidas exclusivamente para fins comerciais (FSP, 2001).

O crescimento do grupo *Folha da Manhã*, sobretudo do principal jornal da empresa, a *Folha de S. Paulo*, objeto desta pesquisa, levou a uma reestruturação chamada de Projeto editorial *Folha*, desenvolvido a partir de 1997, o qual preconiza que um jornal será tanto mais útil se conseguir organizar as informações não específica, ou seja, aquelas que podem interessar a qualquer pessoa, além disso, torná-las mais compreensíveis em seus nexos e articulações, de forma a garantir maior acesso a um público cada vez mais heterogêneo, um público fragmentário e dispersivo. Ou seja, de acordo com o Projeto editorial da *Folha* (2001, p. 15), “o jornalismo terá de fazer frente a uma exigência qualitativa muito superior à do passado, refinando sua capacidade de selecionar, didatizar e analisar”. Além disso, o Projeto prevê que a edição das informações também precisa ser mais crítica, deve aprofundar a interpretação e ter um grau maior de inteligência e inteligibilidade (FSP, 2001, p. 16).

Para viabilizar esse projeto a *FSP* lançou o “Manual da redação”, publicado em 2001, que, em seu texto de apresentação, expõe a visão da empresa frente à globalização e suas afetações no campo da produção midiática, sobretudo a jornalística. Nesse sentido, o Manual (2001, p. 10) preconiza que

A dualidade política foi substituída por um consenso. Uma só superpotência impôs seu predomínio ao mundo, quase todas as sociedades procuram se aproximar de seu modelo. Com pouca variação de grau, há uma só receita econômica (o mercado), uma só fórmula institucional (a democracia), num mundo que tende inevitavelmente à "globalização". [...] O modelo vitorioso se impôs pela eficiência com que produz bens e serviços, renunciando uma era de progresso e multiplicação da riqueza. Seu monolitismo é perturbado, porém, por instabilidades e exclusão. Grupos sociais estão sendo alijados do dinamismo econômico, nações inteiras correm o risco de se verem confinadas ao subdesenvolvimento. Os próprios vínculos coletivos como "nação" ou "classe" entretanto se enfraquecem, quando expostos a um modelo que premia individualmente enquanto exclui socialmente.

A percepção de mudanças no panorama econômico, político e cultural, afetado pela globalização, marca um posicionamento da *FSP* ciente de que o jornalismo, como produção cultural, está inserido na lógica do *capitalismo tardio*, e como tal se encontra regido pelas interesses do mercado. Para Jameson (2001, p. 45-46), a globalização é um “conceito comunicacional que ora mascara ora transmite significados culturais ou econômicos”, nesse sentido a produção jornalística deixou de ter um caráter meramente informativo e passou a assumir uma dimensão cultural e espetacularizante.

Pêcheux, em sua obra “Estrutura ou acontecimento” (2002), aborda a produção do enunciado “*on a gagne*” referindo-se à metáfora que trouxe para o campo esportivo o acontecimento político da eleição de Mitterand e traz à tona reflexões sobre o funcionamento da mídia e a relação com política. Tal enunciado, segundo Pêcheux (2002), é um acontecimento político que a mídia remete a um conteúdo perfeitamente transparente e ao mesmo tempo profundamente opaco. Trazendo para a arena esportiva, a mídia espetaculariza o acontecimento político e se esquiva de reflexões que subjazem a primeira eleição de um candidato de esquerda na França.

A espetacularização da mídia jornalística é cada vez mais constante, a ponto de Gregolin (2003, p. 9) questionar nossa capacidade de distinguir se as cenas do atentado de 11 de setembro, incansavelmente repetidas pelas mídias, seriam reais ou parte de um filme-catástrofe hollywoodiano, também incansavelmente mostrado na telas. A mídia, sobretudo a televisiva, tem transformado cada vez mais a informação em *shows*, em espetáculos que alimentam o desejo *voyerista* do público.

De acordo com o Projeto editorial publicado no Manual da redação da *FSP*, o jornal demonstra a preocupação em acompanhar as mudanças tecnológicas por que passa o mundo, seja no aspecto econômico, seja no aspecto social e admite as críticas que o jornalismo vem recebendo quanto à espetacularização. Segundo a *FSP*, “no afã de

obter revelações chocantes, a imprensa atropela quaisquer limites, sobrepondo um suposto interesse público, cuja extensão ela mesma estabelece, aos direitos individuais de privacidade e reputação”, no entanto, para esse *mass media*, essa prática é apenas uma exceção da qual ela não faz parte.

Observamos, ainda, no Manual, a percepção de que o leitor do jornal é um sujeito heterogêneo e fragmentado, num indício de que a *FSP* se concebe como fruto da sociedade pós-moderna, marcada pela influência da globalização, e como tal, propõe alterações em seu fazer jornalístico, adequando sua linguagem, sua organização gráfica e os temas de suas notícias a esse novo público leitor.

Embora a *FSP* reconheça a fragmentação do sujeito contemporâneo, sua análise acerca das mudanças na sociedade contemporânea possui a meta de apenas atender à necessidade do público leitor e “aproximar da vivência concreta do leitor a pauta do jornal” (FSP, 2001 p. 15), de modo que o jornal se considera capacitado para atender às demandas da sociedade pós-moderna. A empresa veicula, assim, em seu Manual, um *ethos* de quem é capaz de acompanhar as transformações sociais em tempo real, atribuindo para si credibilidade e autoridade para veicular as informações. Ela se considera, portanto, dona de seu dizer, consciente das necessidades do leitor, conforme se observa em:

A fim de oferecer ao leitor não só uma visão atual, crítica e útil, mas também clara, complexa e original dos fatos, a Folha valoriza o planejamento do trabalho jornalístico e a discussão em equipe dos acontecimentos. Essas são atitudes fundamentais que antecedem a elaboração da pauta, que é a seleção refletida dos fatos que serão investigados pelos jornalistas, efetivamente publicados como notícia no jornal e transmitida organizadamente ao leitor. (FSP, 2001, p. 19)

No entanto, para a AD, o sujeito não é consciente, ele está sujeito aos esquecimentos propostos por Pêcheux (2009), de modo que seu discurso lhe escapa o sentido, pois que o sentido está sujeito a falhas, ao equívoco (ORLANDI, 2007a), assim, ela não tem o controle do sentido, esse é construído na intersecção entre os sujeitos, a memória e a história. O pretense pluralismo e a criticidade remetem mais ao *ethos* construído pela própria empresa midiática do que propriamente a uma construção discursiva. Destacamos, ainda, a pretensão do jornal de oferecer ao leitor uma informação “clara” como se as palavras fossem transparentes, como se a língua não

ocultasse, por trás da aparente transparência, as posições ideológicas que determinam o sentido das palavras (PÊCHEUX, 2009 p.

146). Entendemos que a clareza pretendida pelo jornal esconde os interesses que regem a produção do discurso midiático.

Para o jornal, o conhecimento do perfil de seus leitores lhe permite determinar os assuntos de maior interesse de seu público, bem como o estilo de linguagem formal ou popular. Além disso, a escolha da pauta e a edição das matérias são, em grande medida, influenciadas pelo perfil dos leitores. Para analista, é relevante conhecer o leitor virtual da *FSP*, ou o sujeito enunciatário para quem o jornal escreve, considerando que é na interação entre os sujeitos que o sentido se constitui, portanto o enunciatário exerce papel fundamental na construção discursiva do sujeito.

Segundo pesquisa realizada pelo *Datafolha* em 2000, o público-leitor da *FSP* é composto majoritariamente por adultos entre 30 e 49 anos, com renda mensal que chega a 30 salários mínimos e escolaridade superior, com uma elevação do percentual de pós-graduados. O que significa que a *FSP* é mais lida pela população brasileira das classes A e B, além disso, a pesquisa revela um envelhecimento do seu público-leitor.

O perfil elitista do leitor da *FSP* determina a formação imaginária que o sujeito *FSP* (A) faz de seu leitor (B) no jogo discursivo da representação apontado por Cardoso (1999, p.40), a partir dos preceitos teóricos formulados do Pêcheux, segundo o qual os sujeitos A e B atribuem a si e ao outro a imagem que fazem do lugar ocupado por si mesmo e pelo outro. Tal jogo de representações pode ser esquematizado a partir de expressões e perguntas como:

- 1) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, com a pergunta “Quem sou eu para lhe falar assim?”;
- 2) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A, com a pergunta “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”;
- 3) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, com a pergunta “Quem sou eu para que ele me fale assim?”;
- 4) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B, com a pergunta “Quem é ele para que me fale assim?”.

Considerando as imagens do lugar de A e B como constitutivos das condições de produção, entendemos que a imagem elitista do leitor (B) determina o discurso com viés

político proferido pela *FSP*, no que se refere aos Jogos Olímpicos de Pequim, posto que, segundo o próprio jornal, a pesquisa realizada pelo Datafolha revela que 47% dos seus leitores têm muito interesse por política. O tom político atribuído às Olimpíadas pode ser observado tanto nos títulos das reportagens quanto no corpo do texto, conforme se observa em “China usa Jogos como vitrine de poder” e “Com mão de ferro, China "maquia" problemas de Pequim nos Jogos”, publicados respectivamente em 06 de julho e 24 de agosto de 2008. Observamos que, em ambos os títulos, a *FSP* confere à China um caráter autoritário e manipulador.

Postura diferente foi adotada pela *Folha da Região (FR)*, pois em seus títulos não percebemos a dimensão política atribuída ao evento esportivo. Retomando os jogos de representação do lugar ocupado pela *FR* e por seus leitores, devemos pensar sob a ótica do sujeito enunciador *FR*: “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” Para compreendermos as condições de produção do discurso do jornal regional, passamos a expor a constituição histórica da *FR*.

2.1.2 *Folha da Região*: as contingências do jornalismo regional

O jornalismo impresso, não só no Brasil, como no mundo todo, passa por profundas transformações. Com o crescente desenvolvimento tecnológico e as mudanças da sociedade pós-moderna, tem-se apregoado uma crise no jornal impresso. De acordo com Perles (2004), entre 1994 e 1995, registrou-se o ápice de circulação dos três maiores jornais do Brasil, a *FSP*, objeto desta pesquisa, O Globo e O Estado de S. Paulo, desde então, observou-se uma queda na circulação dos periódicos de circulação nacional. Em contrapartida, no mesmo período, a circulação dos jornais regionais apresentou crescimento, o que coloca em dúvida a análise simplista que apregoa a crise dos jornais diários (PERLES, 2004, p. 31).

O autor atribui essa dicotomia entre a circulação dos periódicos nacionais e regionais, entre outros fatores, à migração de leitores dos grandes jornais para os regionais, sobretudo devido ao interesse dos leitores por matérias locais, que são evidenciadas pelos periódicos regionais e compõem a maior parte do jornal.

Embora não tenha a mesma tradição dos grandes jornais do país, a *FR*, com a sede em Araçatuba, interior de São Paulo, circula em mais de 37 cidades da região. Foi

fundada em 1972 e é considerada o maior jornal da região oeste paulista. De acordo com Perles (2007, p. 23), os números relativos à circulação não são publicados nem na capa nem no expediente do jornal, mas, de acordo com a aferição feita pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), a tiragem média diária, em 2003 foi de 10.449 exemplares.

Segundo as informações veiculadas no *site* da *FR*, atualmente a tiragem nos dias úteis é de 13 mil exemplares e, aos domingos, 15 mil; ainda de acordo com essas informações, abrange 75 mil leitores, computando a média de 5 leitores por exemplar. O público leitor, segundo pesquisa realizada pelo “IBOPE”, disponível também no *site* da *FR*, é formado majoritariamente por pessoas das classes A e B (60%), sendo 36% da classe C e 4%, D e E, quanto à faixa etária, 35% têm entre 25 e 30 anos e 25% entre 15 e 24 anos.

Os dados indicam que, assim como os da *FSP*, os leitores da *FR* são majoritariamente pertencentes à classe A e B, embora um percentual significativo da classe C também leia o periódico; quanto à faixa etária dos leitores, percebemos que o periódico regional abrange um número significativo de jovens, estes correspondem a um quarto de seus leitores.

De acordo com o instituto de pesquisa “IPEP”, 84% dos leitores, da região oeste, afirmam ler a *FR*, o que equivale a cinco vezes a soma dos demais jornais, incluindo a *FSP* e O Estado de S. Paulo. Embora a pesquisa tenha sido encomendada pela *FR* e os dados se encontrem disponíveis no *site* do jornal como autopublicidade, esses números revelam o interesse dos leitores por periódicos regionais. Além disso, os indicadores confirmam a tendência de migração dos leitores dos grandes jornais para os regionais, seja por veicularem matérias ligadas à realidade local, seja por questões econômicas, em função da diferenças no valor da assinatura, conforme preconiza Perles (2004, p. 32).

Consideramos que o perfil mais heterogêneo dos leitores da *FR*, bem como seu interesse por conteúdos regionais, determinam a posição sujeito assumida pelo jornal ao silenciar a dimensão política do evento esportivo em questão, considerando a abertura dos Jogos Olímpicos apenas uma festividade esportiva, conforme observamos na reportagem sobre a abertura das Olimpíadas, cujo título é “China conta sua história em abertura que durou quatro horas”.

Os discurso acerca das olimpíadas devem ser analisados em sua dimensão de acontecimento, em sua relação com a História. Assim, passamos à explanação do acontecimento discursivo que corresponde ao contexto imediato, no qual os dados desta pesquisa estão inseridos.

2.2 Pequim 2008 e o discurso da nova China

Nossa reflexão busca, na confluência do discurso com a história, estabelecer as relações entre discurso e poder, a partir dos fundamentos de Foucault (2008a) acerca do acontecimento discursivo para analisar o discurso midiático, objeto desta pesquisa.

O acontecimento discursivo, na perspectiva foucaultiana, remete à irrupção do enunciado. Trata-se de tomar o discurso em sua singularidade de acontecimento, de determinar as condições de sua existência e trazer à tona as questões suscitadas por Foucault (2008a, p. 30), pensando como apareceu esse enunciado e não outro em seu lugar. Para o teórico um enunciado “é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” porque seu sentido se constitui na inscrição das teias da história e da memória. Tal discurso se encontra inscrito na descontinuidade histórica. A noção de descontinuidade proposta por Foucault (2008a, p. 10) permite ao pesquisador a compreensão dos acontecimentos discursivos que possibilitaram o aparecimento e a cristalização de certos discursos em nossa sociedade.

Tomando as Olimpíadas de Pequim como o acontecimento discursivo que fez emergir o discurso da/sobre a nova China, a análise dos dados parte do conjunto dos enunciados produzidos por cada órgão midiático em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. Para analisar o discurso da/sobre a nova China, consideramos pertinente compreender o discurso sobre a China antiga e a China comunista, que são constitutivos desse novo discurso.

2.2.1 Conhecendo a China: do esplendor à dominação

A China, ou *Zhong Guo*, que em mandarim significa país do meio, tem cerca de cinco mil anos de existência e se constitui como a mais longa civilização contínua da história. Nesses mais de quatro mil anos, o país passou por guerras e derrubadas de

dinastias, fragmentação de seu território e processo de unificação, que ocorreram pela primeira vez durante a dinastia Qing, entre 221 e 207 antes de Cristo. Na dinastia Qing, foi instaurado o sistema de governo imperial que perdurou por dois mil anos, encerrando-se em 1911, com a proclamação da república. Boa parte desse período foi marcada pela prosperidade, o que colocou a China entre as principais economias do mundo e permitiu o surgimento das principais invenções que revolucionaram a história, dentre as quais destacam-se o papel, a bússola e a imprensa (COUTO, 2008).

Embora a invenção da imprensa seja atribuída ao alemão Johann Gensfleisch Gutenberg, entre 1338 e 1440, ele apenas aperfeiçoou os tipos móveis de madeira criados pelos chineses setecentos anos antes, inventando a tipografia. O esplendor da civilização chinesa teve o seu auge na dinastia Tang (618-907), período em que os chineses inventaram a pólvora e o papel-moeda, além de experimentar uma explosão de atividades artísticas e literárias, dentre as quais a criação da ópera chinesa; enquanto isso, a Europa ocidental se encontrava mergulhada na escuridão da Idade de Média.

Até o final do século XVIII, a China era considerada uma das maiores economias do planeta com grande volume de exportação de produtos manufaturados, despertando a cobiça das principais potências europeias, sobretudo da Inglaterra que via no País do meio um mercado promissor para seus produtos industrializados, visto que o país asiático ainda não havia iniciado o processo de industrialização, e contava com uma população de mais de 300 milhões de habitantes, além de constituir uma extensa reserva de matéria-prima. Embora fosse grande exportadora de produtos como chá, porcelana e seda, produtos bastante apreciados na Europa, a China mantinha sérias restrições quanto à importação de produtos ocidentais e se mantinha isolada dos avanços tecnológicos das nações europeias. (KARNAL, s/d p. 13)

No início do século XIX, a Inglaterra obteve a exclusividade para comercializar no porto de Cantão, no entanto, seus produtos não interessavam ao governo chinês, assim, o *déficit* na balança comercial britânica passou a preocupar as autoridades, que decidiram comercializar o único produto de interesse chinês, o ópio, utilizado inicialmente apenas com fins terapêuticos. A droga logo se espalhou entre a população, inclusive entre os soldados, de modo que o governo chinês logo proibiu a importação do ópio, embora a lei não fosse cumprida. Em 1839, os chineses destruíram e queimaram 20 mil caixas de ópio nos depósitos britânicos, o que deu início à primeira Guerra do

Ópio, que se encerrou em 1842 com a humilhante derrota da China. O país asiático se viu obrigado a assinar o Tratado de Nanquim, no qual se comprometeu a abrir cinco portos ao comércio britânico, além de pagar indenização e entregar a concessão da ilha de Hong Kong, que esteve sob domínio inglês por 150 anos.

Após o confronto com a Inglaterra, outras sucessivas guerras foram travadas entre a China e as nações ocidentais, além do Japão. A cada derrota, o País do meio se via obrigado a abrir mais portos ao comércio ocidental, além de entregar parte de seu território como indenização, assim além da Inglaterra, França, Portugal, Alemanha, Rússia, Japão e Estados Unidos mantinham seus domínios sobre as fronteiras da China (OLIVEIRA, 2008, p. 3). Nesse contexto, há a irrupção do discurso de fragilidade do país asiático, sob o jargão “negócio da China”: tal expressão irrompe o discurso de exploração daquele país com vantagens lucrativas para os ocidentais. Enquanto o imperialismo europeu, sob a liderança inglesa, lançava seus tentáculos sobre os países africanos e asiáticos, propagava-se o discurso de fragmentação do império chinês, que se encontrava suscetível a qualquer investida estrangeira (MUNDO EDUCAÇÃO, s/d).

Considerando que o enunciado deve ser tomado na irrupção de seu acontecimento e que as teias da história e da memória fazem ressignificar o discurso, a faixa afixada pela FIRJAN (Federação da indústria do Estado do Rio de Janeiro), em frente ao Congresso Nacional, com os dizeres “A redução da jornada de trabalho é mesmo um negócio da China. É pra lá que os empregos vão”, reatualiza a expressão “negócio da China”, trazendo à tona o discurso desenvolvimentista da nova China.

Embora haja implicação político-ideológica nesse discurso da FIRJAN, quanto ao projeto de redução da jornada de trabalho, que tramita no Poder Legislativo, focamos nossa atenção no discurso sobre a China. Se outrora a expressão significava obtenção de vantagens unilaterais, hoje, traz em seu bojo, o discurso de um país em franco desenvolvimento e reconhecidamente importante para economia global. Tal discurso contribui para a construção identitária da nova China como uma nação próspera e desenvolvida.

O desenvolvimento econômico da China teve início no final da década de 1970, com a abertura promovida por Deng Xiaping, que assumiu o comando do Partido Comunista Chinês após a morte de Mao Tse-tung. Sob a liderança de Mao, a China viveu três décadas de um rigoroso sistema comunista que, se promoveu algum avanço

social, também, retirou dos chineses qualquer direito à livre expressão (ALMEIDA, 2009, p. 44).

2.2.2 A Revolução comunista e a era Mao

Longe de seu passado glorioso, a China do século XIX e início do século XX era vista como uma nação decadente, controlada por países europeus com a conivência dos imperadores da dinastia Manchu (COUTO, 2008, p. 105) .

Sob a liderança do grupo nacionalista, a última dinastia chinesa chegou ao fim, em 1912, com a proclamação da República da China. Nas três décadas subseqüentes, ocorreram inúmeros confrontos entre o Kuomintang, partido político nacionalista conservador e o Partido Comunista Chinês (PCCh), criado em 1921, por Wang Jinmei, Deng Enming, Zhu Enlai e Mao Tse-tung entre outros. Este liderou a última batalha da Revolução Comunista e, em outubro de 1949, proclamou a República Popular da China (POMAR, 2003). Após isso, as lideranças do Kuomintang se refugiaram em Taiwan e a maioria dos países do mundo retirou sua embaixada de Pequim. Sob a liderança dos EUA, as nações ocidentais, bem como a ONU (Organização das Nações Unidas), não reconheceram o governo popular chinês e concederam à Taiwan o *status* de República da China, embora o governo de Pequim reivindicasse o reconhecimento como única nação chinesa (POMAR, 2003, p. 97).

Mao conduziu a China com mãos de ferro, instituiu uma série de reformas, dentre as quais a reforma educacional e agrária. Com apoio financeiro da ex-União Soviética, o governo de Pequim investiu nas indústrias de base e no forte aparato militar, compondo com Moscou as duas maiores lideranças socialistas na Ásia. O contexto da Guerra Fria isolou a China do bloco ocidental e, com o rompimento com a União Soviética, em 1960 a China isolou-se politicamente do mundo, mas continuou se impondo como potência mundial, com pesquisas atômicas e como país fortemente militarizado, embora mergulhasse em profunda crise econômica e política (POMAR, 2003).

A austeridade do governo totalitário de Pequim, o controle dos meios de comunicação e a ausência de liberdade fizeram emergir um discurso referente à China como um país autoritário e ditatorial, conforme observamos no discurso veiculado pela *FSP* por ocasião da abertura dos Jogos Olímpicos. Com uma foto ocupando duas

páginas do jornal, a *FSP* apresentou, como capa de seu caderno especial sobre as Olimpíadas, a bandeira chinesa sendo hasteada por militares em posição de sentido, conforme podemos observar.



Gregolin (2007) afirma que uma foto nada tem de transparente; assim como a língua, a fotografia também é opaca, ela traz consigo, sob a aparente neutralidade, vozes que se manifestam. Em se tratando de fotografia publicada em jornal, devemos interpretá-la em consonância com as palavras, buscando na relação imagem-texto os efeitos de sentido e as representações identitárias veiculadas pela empresa jornalística. Sobre o papel da mídia na constituição da identidade, Gregolin (2007, p. 16) assevera que a mídia, de certa forma, constitui nossa identidade histórica na medida em que ela se configura como

o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento[...], que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

Nesse aspecto, Gregolin (2007) ressalta, ainda, que o efeito de construção da “história ao vivo” se deve à instantaneidade da produção midiática que, por meio de imagens e textos, compõe “o movimento da história presente” ressignificando imagem e palavras cristalizadas, permitindo outras interpretações, outros sentidos que se deslocam, a partir do qual se constroem os efeitos identitários.

Considerando o acontecimento discursivo inscrito na história, podemos dizer que a imagem selecionada pela *FSP* para ilustrar a abertura das Olimpíadas confere uma imagem identitária de autoritarismo e os efeitos de sentido, provenientes do jogo discursivo entre a linguagem verbal e não-verbal, remetem a uma identidade chinesa marcada pela austeridade e pelo rigor militarista, contrariando a imagem da nova China progressista e democrática que o governo de Pequim tentou imprimir aos Jogos Olímpicos. Considerando, ainda, o jogo discursivo proveniente entre imagem e palavras no qual temos a referida foto e logo abaixo a reportagem sobre a abertura dos Jogos com o título “Made in China”, entendemos que, para a *FSP*, a imagem democrática pretendida por Pequim é falsificada, um produto “made in China”; para o jornal a verdadeira identidade da China ainda é de um país despótico, conforme atesta a fotografia que é utilizada como um indício comprobatório de que o referido *mass media* revela a verdade. No entanto, podemos dizer que a *FSP* constrói uma vontade de verdade quanto à identidade chinesa, excluindo qualquer outra forma de verdade, excluindo a imagem da nova China moderna e progressista pretendida pelo governo chinês.

Nessa perspectiva, o título da reportagem “Made in China” veiculada pela *FSP* inscreve no discurso jornalístico a memória do discurso econômico. A expressão “*made in*” significa “feito em” e remete à produção industrial destinada à exportação. Afora isso, devemos considerar o contexto amplo que inseria a China como um dos principais responsáveis pela indústria da falsificação de produtos industriais, de modo que os produtos *made in* China eram conhecidos como falsificados ou de baixa qualidade. Portanto, esse título, referindo-se à abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, parece conferir ao evento o mesmo caráter de falsificação, tal como os produtos produzidos na China. Desse modo, a memória discursiva ressignifica o dizer, conferindo à expressão-título um sentido outro que só é recuperado pelo interdiscurso, pelos já-ditos que cristalizaram uma representação identitária da China como o “paraíso da pirataria”.

Além disso, o título da reportagem “Made in China” veiculada pela *FSP* inscreve no discurso jornalístico a memória do discurso econômico. A expressão “*made in*” significa “feito em” e remete à produção industrial destinada à exportação. Afora isso, devemos considerar o contexto amplo que inseria a China como um dos principais responsáveis pela indústria da falsificação de produtos industriais, de modo que os

produtos *made in China* eram conhecidos como falsificados ou de baixa qualidade. Portanto, esse título, referindo-se à abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, parece conferir ao evento o mesmo caráter de falsificação, tal como os produtos produzidos na China. Desse modo, a memória discursiva ressignifica o dizer, conferindo à expressão-título um sentido outro que só é recuperado pelo interdiscurso, pelos já-ditos que cristalizaram uma representação identitária da China como o “paraíso da pirataria”.

2.2.3 A abertura econômica e a nova China

Após sucessivos planos desastrosos (Movimento das cem flores, O grande salto adiante e Reforma cultural) instituídos por Mao, o prestígio do Grande timoneiro diante do PCCh estava abalado e no seio do comando florescia um grupo com ideias reformistas. Com a morte de Mao, em 1976, a direção do PCCh passou para Deng Xiaoping que, de acordo com Pomar (2003, p. 102) admitiu que “a construção socialista, apesar dos avanços obtidos, falhara em progredir satisfatoriamente e envolvera o país em graves insucessos políticos”, assim, Deng defendendo a necessidade de reformas econômicas profundas, promoveu a abertura da China ao capital internacional, bem como a abertura de seus portos ao comércio externo.

Deng implantou um programa de reformas conhecido como “As quatro grandes modernizações (da indústria, da agricultura, da tecnologia e das forças armadas)” que deu origem ao que se pode chamar de socialismo com características chinesas. Além de investir maciçamente na indústria leve, e no desenvolvimento de tecnologia, com prioridade para a educação, a China restabeleceu relações diplomáticas e comerciais com as nações ocidentais (SULEIMAN, 2008).

Com a abertura econômica, em 1979, a China criou as Zonas Econômicas Especiais (ZEE) permitindo investimentos estrangeiros e a instalação de empresas privadas nacionais e internacionais, desde que associadas às empresas estatais ou cooperativas de trabalhadores, alavancando um crescimento sem precedente nas últimas décadas. Com um crescimento médio de 9% ao ano nos últimos dez anos, em 2005, a China se tornou a quarta maior economia do mundo, ultrapassando França e Inglaterra; dois anos depois passou à terceira posição, superando a Alemanha, ficando atrás apenas

dos Estados Unidos e do Japão e, no início de 2010, superou seu tradicional rival asiático, tornando-se a segunda economia mundial.

Há quinze anos, o país asiático era movido a bicicletas, dez anos depois se tornou o terceiro maior mercado automobilístico do mundo. Estimativas feitas em 2006, segundo Trevisan (2006), apontavam que, por volta de 2015, a China iria liderar o *ranking*, mas em 2009, com a venda de 13,7 milhões de veículos, ultrapassou os Estados Unidos, tornando-se o maior mercado automobilístico do mundo.

De acordo com Trevisan (2006, p. 25), se existe um país que poderá rivalizar com os Estados Unidos no século XXI é a China. Especialistas apontam que, entre 2030 e 2040, o PIB chinês será maior do que o norte-americano, o que poderá conferir ao país asiático maior poder político, pendendo a seu favor a balança de poder no cenário internacional.

A República Popular da China já possui três das credenciais de superpotência: integra o Conselho de Segurança da ONU¹ como membro permanente desde 1971, quando foi reconhecida como única nação chinesa, até então, a vaga era ocupada por Taiwan; entrou para o seleto clube de nações com projetos espaciais, em 2003, quando a China enviou ao espaço o tenente-coronel Yang Liwei a bordo da nave Shenzhou-5. Assim, o país asiático forma com Estados Unidos e Rússia os três únicos países a enviarem um astronauta ao espaço; além disso, a China também compõe com outros membros do conselho de segurança da ONU o grupo de países que possuem armas nucleares.

Para as autoridades do PCCh, as Olimpíadas de 2008 representaram o evento que coroou o processo de modernização e de integração da China à comunidade internacional e a sua ascensão ao pódio das nações mais poderosas do mundo (TREVISAN, 2006, p. 42). Os chineses se prepararam, ainda, para brilhar nos pódios olímpicos, com preparações intensivas desde 2001, quando venceram a disputas para a realização dos Jogos de 2008. Nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, a China surpreendeu ao ficar em segundo lugar no quadro de medalhas com apenas três medalhas de ouro a menos que os EUA. Nos Jogos de Pequim, os chineses subiram ao

¹ O Conselho de segurança da ONU é um órgão das Nações Unidas com responsabilidades sobre a segurança mundial, com poderes para autorizar uma intervenção militar em algum país, é composto por 15 membros, dos quais cinco são permanentes: Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China, os outros dez membros são rotativos com mandato de dois anos (cf. <http://www.brasil-cs-onu.org.br>, acesso em 15 de maio de 2010).

pódio cem vezes, dos quais 51 no lugar mais alto, enquanto os americanos hastearam sua bandeira 36 vezes; assim, no quadro geral de medalhas, a China ficou em primeiro lugar com 51 medalhas de ouro, 21 de prata e 28 de bronze e os EUA em segundo, com 36 de ouro, 38 de prata e 36 de bronze, e a Rússia em terceiro, com 23 de ouro, 21 de prata e 28 de bronze. Embora no total os americanos tenham conquistado mais medalhas, o critério para o *ranking* dos jogos é o maior número de medalhas douradas, o que eleva os chineses à condição de nova superpotência no esporte.

A preparação intensiva para acumular o maior número de medalhas douradas e, conseqüentemente, superar os EUA como potência esportiva marca a imagem de um país voltado para a competição, para a disputa, em que apenas o vencedor tem valor. Assim, os valores culturais que movem a nova China estão mais centrados no acúmulo de glória e riqueza que na essência do ser, ou seja, prevalece o ter em detrimento do ser.

Em três décadas, a China se transformou completamente, embora o discurso oficial se refira ao novo modelo econômico como “socialismo de mercado” ou “socialismo com características chinesas”, a trajetória rumo à modernidade aumentou significativamente o consumo interno, sobretudo de produtos de luxo e ampliou a desigualdade social. A nova China presencia tensões entre os beneficiados e os excluídos do progresso econômico do país. Ao mesmo tempo em que os *shoppings* de Pequim e Xangai reúnem representantes das grifes europeias, americanas e japonesas mais caras do mundo, cerca de 80 a 100 milhões de chineses vivem abaixo da linha da pobreza, segundo relatório da Unicef. Enquanto as grifes Luis Vuitton, Prada, Dior, Ermenegilda Zegna, Ferrari, Gucci, BMW disputam os bolsos dos abastados chineses, a média salarial, no campo, é de US\$ 50 (TREVISAN, 2006).

O contraste entre a riqueza e a pobreza, o desenvolvimento intelectual e a censura, a modernidade e a tradição constituem o discurso midiático referente à identidade da China. Lembremos que o discurso jornalístico, sob o pretenso compromisso com a veracidade dos fatos e com a informatividade, cria a ilusão de não haver recortes, nem interesses que subjazem a produção jornalística. Sobre essa questão, Coracini (2007, p. 62) nos adverte que

a imprensa funciona construindo um modelo de compreensão dos sentidos, instituindo uma ordem, isto é organizando e fazendo circular sentidos que interessam à instâncias que o dominam. Declarando-se comprometida com a

verdade dos fatos, a imprensa finge não contribuir com a construção de evidências, atuando no mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade.

O efeito de verdade provocado pelo discurso jornalístico, segundo a autora, esconde seu caráter ideológico e constitui a formação imaginária do leitor acerca do Brasil dos brasileiros, bem como de outros países e de estrangeiros.

Sobre as questões identitárias, Coracini (2007, p. 59) assevera, com base nas teorias psicanalíticas e nas teorias do discurso, que o sujeito, bem como seu discurso, são constituídos pelo outro, assim “as representações que o estrangeiro faz de nós atravessam, de modo constitutivo, o sentido de identidade subjetiva, social e nacional”, do mesmo modo a representação que fazemos da China e dos chineses constituem e atravessam o sentido de ser chinês. Acreditamos, portanto, que a representação identitária que o discurso jornalístico brasileiro faz acerca da China é atravessada pela representação que nós, brasileiros, fazemos do país asiático, assim como nossa representação é atravessada pelo olhar dos chineses acerca deles mesmos e acerca de nós.

Consideramos importante salientar que, para nós, os chineses são estrangeiros e como tal, no conceito derridiano, é aquele a quem se oferece a hospitalidade. Para Derrida (2003, p. 23) ao estrangeiro, provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, assim como o outro absoluto, ao sem nome, devemos oferecer a hospitalidade absoluta, o que significa que devemos recebê-los incondicionalmente. Do mesmo modo, as delegações das 203 nações presentes aos Jogos Olímpicos de Pequim foram hóspedes durante sua estada na China e, segundo a *FSP*, o país asiático se empenhou para demonstrar hospitalidade; no entanto, para esse *mass media*, não se trata de uma hospitalidade espontânea, ou uma acolhida incondicional do estrangeiro, mas um esforço para que o estrangeiro, sobretudo os jornalistas, tenham a melhor imagem possível do país, conforme observamos em

Os esforços meticulosos para incentivar os habitantes de Pequim a serem hospitaleiros com os visitantes, além da persistente atenção aos detalhes para tornar a cidade apresentável aos turistas estrangeiros, indicam que os organizadores estão profundamente preocupados com a maneira como a China é apreendida e receosos quanto às imagens que os visitantes -especialmente os mais de 30 mil jornalistas- levarão para casa. (*FSP*, 2008)

Aqui, um dos efeitos de sentido mobilizado pelo discurso da *FSP* é que a hospitalidade, além de atender aos interesses políticos dos organizadores do evento, foi forjada, visto que é fruto de “esforços meticulosos para incentivar os habitantes de Pequim”, assim, a imagem identitária apresentada pelo discurso do jornal remete mais a um país hostil com seus hóspedes do que propriamente hospitaleira. Sobre essa questão, Coracini (2010, p. 112) afirma que a palavra hospitalidade traz na sua raiz sentidos opostos (*hospes* e *hostes*), “carrega o sentido de acolhimento (hospital, hospício, hospedagem, hóspede, hospedeiro etc.) e, ao mesmo tempo, o sentido de hostilidade (da mesma raiz, *hostis*, temos hostil, hostilidade, mas também hotelaria, hotel)”, assim uma marca identitária da China é a de um país que hospeda sem hospedar ou o hostiliza seus hóspedes.

Depois de consideradas as condições de produção do discurso da mídia brasileira acerca da identidade chinesa, buscamos, na materialidade dos dados coletados, as falhas, as fissuras por onde os fios do discurso permitem entrever o funcionamento do discurso, as relações de poder que regem o discurso sobre a China e a imagem que nossos jornais trazem sobre o país asiático.

CAPÍTULO III

3. O discurso nos dados

Diante de nosso objetivo de analisar o discurso dos jornais *FSP* e *FR* e a representação identitária que ambos fazem da China, consideramos importante iniciarmos nossa incursão pela análise da articulação dos gêneros nos suportes, bem como pela orientação editorial adotada por cada um dos veículos, visto que o discurso só tem existência de fato na forma de enunciados concretos e estáveis, que denominamos de gêneros (BAKHTIN, 2006). Assim, o estudo dos gêneros pode nos mostrar a linha ideológica adotadas pelos periódicos.

Considerando que o gênero não pode ser pensado fora da dimensão espaço-temporal, na perspectiva bakhtiniana o gênero é uma construção sóciohistorica que mantém características relativamente estáveis quanto ao tema, à forma composicional e ao estilo (BAKHTIN, 2006, p. 266).

No que concerne aos estudos do gênero, Maingueneau (2005, p. 72) assevera a importância do suporte, que não pode ser visto como acessório, pois “o modo de transporte e recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso”. Devemos considerar, ainda, que o suporte não é neutro, tampouco o gênero é indiferente ao suporte, desse modo o suporte pode ser considerado “uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de por esse gênero em circulação” (BONINI, 2005, p. 64). Assim, para a compreensão dos gêneros que compõem cada um dos jornais pesquisados faz-se necessário pensarmos no suporte jornal, que difere de outras mídias quanto ao modo de apresentação dos gêneros.

Para efeito de nossa pesquisa acerca dos gêneros do discurso jornalístico, adotamos a classificação proposta por Chaparro (2008, p. 178), pois acreditamos que tal organização atenda melhor aos objetivos deste trabalho, considerando que, para o autor, a distinção entre textos opinativos e informativos não considera as especificidades e a complexidade dos gêneros presentes no suporte jornal.

Impossibilitados de analisar como os gêneros jornalísticos se articulam num e noutro veículo nas edições do acontecimento em questão, visto terem sido coletados na versão *on line* da *FSP* e da *FR*, pesquisamos as edições impressas da *FSP* que

circularam nos dias 09 a 15 de maio de 2010, bem como as edições da *FR* dos dias 09 e 11 a 15 de maio de 2010.

O jornal *FSP* tem circulação diária, de domingo a sábado, já a *FR* não circula às segundas-feiras. Ambos apresentam cinco cadernos fixos, sendo que a *FSP* oferece aos seus leitores um caderno suplementar que varia conforme os dias da semana. Os cadernos fixos² da *FSP* são identificados pelas letras A, B, C, D e E, denominados respectivamente: *Brasil/Mundo*, *Dinheiro*, *Cotidiano*, *Esporte* e *Ilustrada* e na segunda-feira circula, também, o suplemento *Folhateen*; na quarta-feira, o *Informática*; na quinta-feira, o *Turismo*; na sexta-feira, o *Equilíbrio*; no sábado, o *Folhinha* e no domingo, o *Classificados* e o *Mais*. Já na *FR* os cadernos fixos são: *Primeiro caderno*, *Cidade*, *Esporte*, *Vida* e *Classificados*.

3.1. Os gêneros nos cadernos da *FSP*

O caderno *Brasil/Mundo* da *FSP* é subdividido em quatro seções, a saber: *Opinião*, *Brasil*, *Mundo* e *Ciência* e traz na primeira página, como em todos os jornais, as manchetes e chamadas das principais reportagens e artigos.

A seção *Opinião* ocupa as páginas 2 e 3, sendo que na página 2 são publicados os editoriais (geralmente dois), a charge, três artigos assinados por articulistas da *FSP*, uma coluna assinada em cada dia da semana por personalidades empresariais e intelectuais diferentes e o expediente do jornal; na página 3 encontram-se as subseções *Tendências e Debates* e *Painel do leitor*, este traz cartas de leitores com críticas sobre matérias publicadas pelo jornal em edições anteriores, aquele traz artigos assinados por representantes de diferentes segmentos da sociedade brasileira. Nessa seção, encontramos apenas os gêneros da modalidade comentário. Curioso dizer que, dos gêneros classificados por Chaparro (2008, p. 178), apenas a caricatura não se encontra na seção *Opinião*.

Na seção *Brasil*, são publicadas reportagens referentes à política nacional e traz, ocasionalmente, artigo assinado por Jânio de Freitas ou Clovis Rossi — ambos são

² A partir do dia 23 de maio de 2010 a Folha de S. Paulo promoveu uma mudança gráfica, que alterou a denominação de alguns de seus cadernos fixos. O caderno A passou a se chamar *Poder*, o caderno B, *Mercado*, além disso, o suplemento *Mais* deixou de circular aos domingos, sendo substituído por *Ilustríssima* (cf. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/739057-informação-exclusiva-de-cara-nova.shtml>, acesso em 30 de maio de 2010).

jornalistas e articulistas da *FSP*. A seção apresenta, ainda, notícias e a subseção *Painel*, contendo pequenas notas; aos domingos a seção *Brasil* conta, também, com a subseção *Ombudman*, com análise crítica das edições anteriores. A seção *Mundo* apresenta reportagens versando sobre questões internacionais e, na seção *Ciência*, encontramos reportagens, eventualmente, artigos de divulgação científica. Vale dizer que, nessas três seções, encontramos gêneros da modalidade comentário e relato, sendo que, no caderno como um todo, predominam os gêneros relato, embora a seção *Opinião* contenha apenas os gêneros comentário.

O caderno *Dinheiro* traz reportagens sobre economia nacional e internacional, um artigo assinado por diferentes economistas a cada dia da semana e um artigo assinado pelo jornalista Vinicius Torres Freire. Encontramos, também, notícias e indicadores econômicos. Aos sábados circulam dois cadernos *Dinheiro*, designados *Dinheiro1* e *Dinheiro2*, nesse caso, os artigos são publicados apenas em *Dinheiro2*.

O caderno *Cotidiano* traz reportagens e notícias acerca de educação, violência, trânsito, entre outros assuntos; também encontramos artigo assinado por Bárbara Gancia, Walter Ceneviva e Pascoale Cipro Neto, eventualmente, são publicadas crônicas escritas por Moacir Scliar, Rubem Alves ou Carlos Heitor Cony e a coluna de Gilberto Dimenstein. O caderno traz, ainda, as subseções: *A cidade é sua*, contendo reclamações de leitores; *Previsão do tempo*; *Mortes*, contendo notas de falecimento e *Saúde*, com reportagens e notícias sobre questões de saúde.

No caderno *Esporte*, encontramos reportagens versando sobre as várias modalidades de esportes, notícias e notas, coluna escrita por comentaristas esportivos e, eventualmente, são publicados artigo e crônica esportiva. Na segunda-feira, esse caderno traz a tabela com resultados dos jogos de futebol do campeonato paulista e/ou nacional.

O caderno *Ilustrada* é o que mais apresenta gêneros não-jornalísticos, onde encontramos poucas reportagens sobre arte e cultura, entrevista, além de coluna social, coluna de José Simão, artigo, resenha de filmes e livros, crítica de cinema, programação da TV, horóscopo, tiras e palavras cruzadas.

Nos cinco cadernos, encontramos gêneros da modalidade comentário e relato. Percebemos que o gênero artigo aparece com frequência em todos os cadernos, além da reportagem, que, em sua maioria, são extensas, muitas vezes ocupando a página inteira.

Sobre as reportagens da *FSP*, Chaparro (2008, p. 121) afirma que há uma tendência no jornalismo atual de utilizar recursos tecnológicos como, gráficos, infográficos, mapas e tabelas com fins didáticos, para tornar as reportagens mais claras ao leitor; além disso, outro recurso bastante utilizado por jornais são os resumos didáticos, que, de acordo com o autor, tem se tornado uma marca de identidade visual e jornalística da *FSP*.

Quanto à orientação editorial da *FSP*, nos sete dias em que pesquisamos o jornal, observamos que, dos catorze editoriais analisados, metade versa sobre política nacional, sendo eles: “Paz e rancor”, “Ladainha bolivariana”, “Partido da economia”, “Ligações perigosas”, “Multiportunismo”, “Prudência necessária” e “Planos modificados”; três referem-se a questões internacionais: “Resposta europeia”, “Ateus e religiosos” e “Novos conservadores”; e quatro referem-se a temáticas variadas.

Considerando as condições de produção do discurso da *FSP*, a predominância de temática voltada para questões de políticas nacional e internacional deve-se ao perfil identitário de seus leitores, com alto grau de escolaridade e grande interesse por política, conforme demonstramos no capítulo II. Percebemos, ainda, que a política internacional merece mais atenção nos editoriais do que as questões ambientais. Além disso, mesmo quando se trata do tema energia, como em “Pouca energia”, a abordagem não deixa de ter conotação política, conforme examinamos em “o crescimento da economia brasileira tem exposto [...] as deficiências da infraestrutura do país”. Vale ressaltar, ainda, que o discurso da candidata petista à presidência, Dilma Rousseff, é ancorado no crescimento econômico alcançado pelo Brasil durante o governo Lula, assim, ao associar o crescimento econômico com as “deficiências da infraestrutura” e com a falta de energia em algumas regiões do país, o jornal desestabiliza o discurso da petista, levando para a disputa política a temática tratada no editorial.

3.2 Os gêneros na *Folha da Região*

O Caderno a da *Folha da Região*, denominado *Primeiro Caderno*, traz na primeira página, a manchete e o texto de chamada da matéria principal, quase sempre referente ao município de Araçatuba, sede do jornal, e outras manchetes com menor destaque, sem o texto de chamada. Na página 2, abrigam-se os gêneros editorial, charge, coluna do leitor e, eventualmente, artigo assinado por personalidades araçatubenses,

além do expediente do periódico. Nas demais páginas do caderno, encontram-se os gêneros reportagem, notícia, nota e, eventualmente, artigo.

Os artigos normalmente versam sobre comportamento, saúde, educação, entre outros assuntos cotidianos; as reportagens são voltadas para acontecimentos de Araçatuba; já as notícias, algumas delas, são referentes às cidades circunvizinhas; outras tratam de assuntos nacionais, nesse caso são adquiridas de agências de notícia, mas a ampla maioria das matérias do primeiro caderno trata de questões da cidade-sede. O primeiro caderno não se segmenta em seções, as matérias são identificadas por rubricas.

Já o caderno B, denominado *Cidades*, traz reportagens e notícias acerca das cidades de abrangência do jornal, como Birigui, Penápolis, Guararapes, Andradina, entre outras. O caderno comporta, ainda, o gênero coluna, assinado pelo economista Luís Nassif e traz, também a seção *Brasil*, com reportagens, notícias e notas referentes a assuntos nacionais, todas produzidas por agências de notícia, visto que a redação da *FR* é voltada apenas para assuntos regionais.

O caderno *Esportes* veicula reportagens e notícias referentes ao campeonato estadual e nacional de futebol, Copa do Mundo, Fórmula 1, Taça Libertadores, Liga nacional de vôlei, e outros assuntos esportivos de cunho nacional, além de notícias sobre o esporte regional. Interessante notar que o caderno *Esportes* é o único em que os assuntos nacionais prevalecem sobre os regionais.

Dedicado ao entretenimento, o caderno *Vida* traz reportagens, agenda cultural, resumo de novela, história em quadrinho, horóscopo e palavras cruzadas. Eventualmente, o caderno traz a seção *Mundo*, na qual publica reportagens e notícias acerca de assuntos internacionais.

O caderno *Classificados* traz na capa uma reportagem de mercado cujo conteúdo é determinado, por razões de mercado, e encontra-se vinculado ao gosto do consumidor (CHAPARRO, 2008, p. 139), sendo que suas páginas internas são destinadas à publicação de pequenos textos nos quais se oferecem produtos e serviços, estando dividido em cinco seções básicas: veículos, negócios, empregos, imóveis e editais.

Entendemos que na *FR* predominam os gêneros da categoria relato, dentre os quais destacam-se a reportagem e a notícia. Encontramos poucos artigos e apenas uma coluna, voltada para economia. Os assuntos políticos que predominam na *FSP* merecem pouco destaque, sobretudo os de cunho nacional e internacional. A ênfase do jornal

recai sobre os assuntos regionais, especialmente referentes à cidade de Araçatuba, visto que, dos seis editoriais analisados, apenas um não se refere à cidade de Araçatuba, o editorial do dia 13 de maio, que trata das consequências da crise econômica de 2008/2009. Além disso, três editoriais se referem às matérias publicadas pelo jornal, como se observa em “destaque da edição de hoje”, do dia 11 de maio, “nas edições de ontem e hoje desta Folha”, publicado em 12 de maio e “Matéria principal da edição de hoje”, do dia 16 de maio.

A necessidade do editor de expressar seu ponto de vista acerca dos assuntos tratados nas reportagens, por meio do editorial, implica no conceito de gênero pautado no paradigma Opinião *versus* Informação, que, segundo Chaparro (2008, p. 146), é um falso paradigma, pois o jornalismo se constrói com ambos, informação e opinião, não havendo gêneros apenas informativos ou apenas opinativos como quer veicular a seção.

Observamos, ainda, que, embora as temáticas dos editoriais não sejam voltadas especificamente para política, como ocorre na *FSP*, nas edições dos dias 12, 14, 15 e 16 o periódico responsabiliza o poder público, nesse caso, a Prefeitura Municipal de Araçatuba, pelas situações descritas nos editoriais, conforme observamos em “exigem atenção das autoridades e acompanhamento pela sociedade”, “falta de interesse da área pública em mantê-lo.”, “arranhada pela incapacidade de encaminhar uma solução político-administrativa” e “[...] A fiscalização da Prefeitura de Araçatuba não multa as empresas que colocam o equipamento”.

Entendemos que o periódico regional tem como prioridade os assuntos referentes à cidade de Araçatuba e o jornal se coloca como crítico da atual administração, de Cido Sérgio, do Partido dos Trabalhadores.

Considerando as condições de produção do discurso da *FR*, como jornal de liderança em circulação na região e número de leitores locais que ultrapassa o dos grandes jornais como a *FSP* e *O Estado de S. Paulo*, conforme mostramos no capítulo 2, o discurso da *FR* busca uma aparente neutralidade política que satisfaça a sua gama de leitores, que varia quanto à classe social e à faixa etária, fato que levamos em conta ao refletirmos sobre a imagem da China construída pela mídia, por ocasião do acontecimento esportivo mencionado, cujas implicações políticas e especificidades articulamos, a seguir.

3.3 O País do meio (Zhong guo) no centro do discurso

Logo após o término dos Jogos de Pequim, em outubro de 2008, o mundo inteiro se viu assolado pela maior crise econômica depois de 1929 (CARDOTE, 2009), cujo epicentro ocorreu nos Estados Unidos. A maior economia do mundo entrou em colapso após sucessivas falências de instituições bancárias. Com a economia globalizada, os efeitos da crise americana se estenderam por toda Europa e Ásia, levando os países desenvolvidos a uma profunda recessão. Com isso, os Estados Unidos registraram uma contração de 2,4% de sua economia em 2009 e, no ano anterior, no início da crise, a economia americana ficou praticamente estagnada, com crescimento de apenas 0,4%. Na esteira da crise americana, Japão, Alemanha, França e Inglaterra também apresentaram retração da economia, em 2009.

Enquanto isso, a China, embora afetada pela crise internacional, apresentou um crescimento de 9,6%, em 2008, e 8,7%, em 2009 (BBC Brasil, 2010). Tais números apontam o país asiático como um dos responsáveis pela recuperação econômica mundial, ampliando a relevância da China como potência internacional, despertando cada vez mais o interesse dos países ocidentais a respeito desse país que se abriu para o capitalismo, mas conduz com rigor a estrutura política do Partido Comunista.

Consoante o papel que a China desempenha na engrenagem econômica mundial, o país também tem ocupado as páginas da imprensa internacional em função da repressão aos manifestantes que se opõem ao regime totalitário, como os protestos tibetanos, ocorridos nos meses que antecederam os jogos Olímpicos e que renderam protestos pelo mundo durante a passagem da tocha olímpica. Além disso, o terremoto, que abalou a província de Sichuan, região central da China, em maio de 2008, a três meses das Olimpíadas, também fez o mundo voltar seus olhos para aquele país.

No entanto, o acontecimento que mais evidenciou a China, nos meios de comunicação, foram as Olimpíadas de Pequim, pois durante 17 dias o mundo todo esteve conectado com o País do Meio, e emissoras de televisão e jornais do mundo todo enviaram correspondentes ao país para acompanhar e transmitir os Jogos. A cerimônia de abertura, que aconteceu no dia oito de agosto de 2008, às 20h08min, horário de Pequim, foi assistida por, aproximadamente, 4 bilhões de pessoas em todo o mundo, de acordo com os organizadores do evento. Durante quatro horas, mais da metade da

população do planeta voltou seus olhos ao país asiático, acompanhando as coreografias, luzes e fogos que, segundo a *FR*, contaram a história da China.

Diante do objetivo deste trabalho, qual seja, encontrar, na materialidade linguística, na opacidade da língua, nos fios que tecem o discurso jornalístico da mídia brasileira, marcas da identidade chinesa, tomando como acontecimento discursivo as Olimpíadas de Pequim, consideramos necessária a compreensão da noção de arquivo, formulada por Foucault (2008a).

Consideramos que a mídia jornalística se configura como uma instância de poder que produz um saber; o poder de circulação e a abrangência do discurso jornalístico conferem à instância midiática o status de “quarto poder”, segundo Charaudeau (2009). O discurso jornalístico reorganiza os relatos de supostas verdades sobre a realidade, de modo que as relações de poder não se mostram como tal, são travestidas de “retrato fiel da realidade”, de verdade única dos fatos, veiculadas como se não existissem outras vozes, outras verdades. Pode-se dizer que a memória social que outrora se encontrava nas relações sociais e culturais dos indivíduos, agora se encontra nos arquivos da mídia (NAVARRO-BARBOSA, 2003, p. 116), tornando-se dispositivo identitário e produtor de subjetividades. Para Coracini (2007, p. 60), a identidade, seja nacional ou individual, é construída socialmente por quem tem o poder, por quem, legitimamente, tem o poder de dizer verdades.

Assim, procuramos “escavar”, nos arquivos do discurso jornalístico, marcas da constituição identitária de um país controverso e importante como a China que, no contexto da economia globalizada, com o fim da “ameaça comunista” após a queda do Muro de Berlim e a dissolução do bloco socialista sob a liderança soviética, é impulsionada por financiamentos externos, sobretudo de bancos europeus, japoneses e americanos, vivenciando um crescimento econômico sem precedentes, fazendo emergir uma nova ameaça à hegemonia político-econômica ocidental (MEDEIROS, 1999, p. 100-102).

Lembramos que, por questões metodológicas, os excertos selecionados são identificados como E seguido de sequência numérica e R, também seguido de sequência numérica, sendo E selecionados da *FSP* e R, da *FR*.

3.3.1 A construção identitária da China no discurso da *Folha de S. Paulo*

Entre os meses de abril a novembro de 2008, a *FSP* trouxe em suas páginas inúmeras matérias referentes à China, sendo a maior parte delas publicadas no caderno “Política”, na seção “Mundo”, em que são veiculados os assuntos políticos nacionais e internacionais, e no caderno “Dinheiro” que traz as questões econômicas. Mas no período de realização das Olimpíadas, as matérias referentes ao país em questão foram publicadas no caderno Esporte, na seção Olimpíadas.

Procedendo à análise das formulações enunciativas da *FSP* encontramos traços marcantes das questões políticas que envolveram a realização dos Jogos Olímpicos de Pequim. O caráter político da Olimpíada não foi uma prerrogativa apenas de Pequim, visto que outras edições dos Jogos também foram palco de manifestações políticas. Em 1972, em Munique, atletas israelenses foram sequestrados por grupos palestinos e o desfecho desse fato foi permeado por um alto grau de violência; em 1980, sob a liderança dos Estados Unidos, os países do chamado “Primeiro Mundo” boicotaram os Jogos de Moscou em virtude da invasão soviética ao Afeganistão; em resposta, o bloco socialista boicotou os Jogos de Los Angeles, quatro anos depois. No que concerne à Olimpíada de Pequim, os conflitos ocorridos no Tibete foram constantemente lembrados pela *FSP*, conforme se observa em E 1 retirado da reportagem sobre a abertura dos Jogos.

E1 - Coube a um herói do esporte chinês, Li Ning, ginasta que ganhou três medalhas de ouro na Olimpíada de 1984 (a primeira do país desde 1952), a honra de acender a pira, estrutura imensa fixada no teto do estádio. Chegou lá suspenso por cabos. **“Caminhou³”** pela borda da cobertura, onde projeções mostravam a tocha pelo mundo – **uma nova edição da história, sem os protestos** ocorridos em Londres, Paris e San Francisco. História que, a partir de hoje, a China **tenta escrever também no esporte, onde não há edição.**

Os protestos contra a China, mundo afora, em razão da truculência chinesa diante dos tibetanos e de outras minorias étnicas sob seu domínio político, ocorreram, especialmente, durante a passagem da tocha olímpica pelos cinco continentes, sendo que a referência a tal acontecimento político é ressaltada no fragmento “uma nova edição da história, sem os protestos ocorridos em Londres, Paris e San Francisco”,

³ Grifos nossos utilizados como marcas para destacar os termos que exploramos na análise.

contrariando as imagens mostradas durante a cerimônia de abertura, que não faziam qualquer menção aos protestos ocorridos em várias cidades do mundo.

Embora as imagens sejam utilizadas pela mídia jornalística como indício comprobatório, para a *FSP*, as imagens da tocha olímpica projetadas durante a cerimônia não mostravam a passagem da tocha pelo mundo, pois para o jornal, tratava-se de “uma nova edição da história”, ou seja, de acordo com a *FSP*, o governo chinês “editou” a história de acordo com seus interesses. O discurso midiático ressalta, desse modo, as manobras do governo chinês para demonstrar aos olhos do mundo uma harmonia e serenidade chinesa com a qual a *FSP* parece não comungar, conforme examinamos em E 1, na passagem “onde projeções mostravam a tocha pelo mundo – uma nova edição da história, sem os protestos ocorridos em Londres, Paris e San Francisco”.

De acordo com o “Dicionário Aurélio Eletrônico”, o termo “editar” pode ter quatro sentidos, dentre os quais “4. fazer modificações em (arquivo já existente)”. Assim, para a *FSP*, o governo chinês modificou a história. Vale dizer, portanto, que o termo “editar” implica a atitude de manipulação dos fatos por parte do governo de Pequim, demonstrando autoritarismo e ausência de liberdade de informação, característicos de governos totalitários, sobretudo de governos socialistas. A foto escolhida/editada para ilustrar a abertura dos Jogos Olímpicos, com militares hasteando a bandeira chinesa, em posição de sentido, vem contribuir, ainda, para compor a imagem identitária de autoritarismo. Assim, para a *FSP*, a festa foi ofuscada pelos conflitos políticos que envolvem a China.

Além disso, o conector “sem”, que indica falta, ausência, traz de volta à cena enunciativa os acontecimentos escondidos pelo governo de Pequim. Desse modo, o enunciador traz a memória discursiva dos protestos ocorridos no percurso da tocha olímpica, num indício de que tais acontecimentos não podem ser esquecidos, nem manipulados, como quer o governo chinês ao “editar” a história.

Ainda em E 1, observamos que a ameaça à supremacia americana no esporte pode ser entendida na passagem “História que, a partir de hoje, a China tenta escrever também no esporte, onde não há edição”. O verbo no presente do indicativo “tenta” marca uma posição sujeito que não confere à anfitriã a competência para dominar o mundo esportivo; de um lado, o operador argumentativo “também” evidencia o

reconhecimento de que a China é a grande potência mundial do momento, e, de outro lado, a expressão “onde não há edição” produz o efeito de sentido de conferir ao país asiático o desafio de se mostrar num evento em que não é possível ocorrer “manobras e maquiagens”, visto que os acontecimentos são reais e transmitidos, via satélite, para o mundo todo, sem chances de serem manipulados, segundo o jornal impresso.

Podemos dizer que nessa passagem a imagem identitária formulada pelo jornal é totalmente fragmentada, por um lado há o reconhecimento de que a China é uma grande potência mundial, o que demonstra uma imagem positiva atribuída pelo órgão midiático; por outro, o jornal não acredita na capacidade chinesa de superar os americanos no esporte, o que imprime uma imagem negativa aos chineses. Para a *FSP*, a China vai apenas tentar mostrar sua superioridade, pois os jogos não são passíveis de “edições” e manobras. A repetição do verbo “editar” inscreve o discurso da *FSP* na FD midiática atravessada pela FD da democracia, da Constituição de 1988, que apregoa o direito à informação sem as tais “edições”, de modo que a recorrência a esse item lexical vem conferir ao discurso da *FSP* um efeito de verdade, em que o órgão midiático se coloca como detentor da única verdade.

Outro aspecto negativo atribuído à China refere-se à manipulação de informações, por meio do uso recorrente da expressão “edição”, conferindo uma postura autoritária, manipuladora ao país asiático, tendo em vista que na China há um rigoroso controle das informações por parte do governo, até mesmo a internet é censurada em Pequim. Para corroborar essa imagem identitária, o jornal enfatiza a simulação da caminhada de Li Ning sobre as imagens da tocha projetada no estádio, ao utilizar o verbo “caminhou” aspeado, numa indicação de que a caminhada do atleta, suspenso no ar, era falsa.

Segundo Maingueneau (1997, p. 90), as aspas designam a demarcação do que pertence a uma formação discursiva e o seu exterior, de modo que remetem a palavras atribuídas a um outro espaço enunciativo, e no dizer de Authier Revuz (1990) trata-se de uma marca da heterogeneidade mostrada, ou seja, o termo aspeado traz para o interior do discurso jornalístico uma outra voz, que diz não comungar com as imagens mostradas durante a cerimônia de abertura dos Jogos, negando, assim, a ação de caminhar demonstrada pelo atleta chinês. Entendemos que as aspas, nesse caso,

produzem o efeito de sentido de mais um gesto de manipulação promovida pelos chineses, que simularam um fato ao mundo.

Em E 2, encontramos novamente a referência aos protestos que antecederam a Olimpíada, marcando o evento como eminentemente político, conforme observamos em

E 2 - O desfile das 204 delegações de atletas **também** fez lembrar que a festa era política. Aliados da China no cenário internacional, Paquistão, Cuba e Coréia do Norte foram os mais aplaudidos – depois, claro, da anfitriã. As passagens de EUA, Japão e França mereceram **murmúrios e aplausos polidos**. [...] Os discursos, embora breves, também tiveram pitadas políticas. Presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional), o belga Jacques Rogge disse que os Jogos “são o encontro de 204 nações, **independentemente** de origens étnicas, sexo, religião ou sistema político”. Comandante do comitê organizador de Pequim, Liu Qi falou em “**aprofundamento do entendimento mútuo**”. **Isso diante de jovens vestidos com trajes das 56 minorias étnicas chinesas**, pintando um **retrato de harmonia** que os protestos de tibetanos e muçulmanos uigures insistem em desmentir.

Nesse excerto, as marcas formais indicam uma reafirmação do caráter político do evento com a utilização do operador argumentativo “também” em “O desfile das 204 delegações de atletas também fez lembrar que a festa era política”, ou seja, para a *FSP*, a cerimônia, como um todo, teve viés político, apesar do esforço empreendido pelo governo chinês em mostrar apenas a festa colorida. Para a *FSP*, os aplausos aos aliados políticos da China e os “murmúrios e aplausos polidos” aos não-aliados são indícios da conotação política do evento, sobretudo se considerarmos que os tais aliados são países fechados que vivem sob o regime socialista e sofrem sanções econômicas impostas pela ONU. Além disso, o operador argumentativo “também” reativa os acontecimentos enfatizados em E 1, ou seja, os protestos contra a China, de modo que o discurso da *FSP*, aqui, encontra-se inscrito na FD política atravessada pela FD dos direitos humanos.

Durante o desfile das delegações, segundo o jornal, houve o *silenciamento* dos países não aliados da China, ao mencionar “os aliados da China no cenário internacional Paquistão, Cuba e Coréia do Norte foram os mais aplaudidos”; aqui, são silenciados todos os outros países que não o são, dentre os quais estão os Estados Unidos, Japão e França, que, segundo o jornal, “mereceram murmúrios e aplausos polidos”. Vale ressaltar que os referidos países são tradicionais opositores ao regime comunista chinês, embora se apresentem como importantes parceiros comerciais. De acordo com Orlandi

(2007b, p. 12), há, no silenciamento, um processo de produção de sentido que nos faz entender a dimensão do não-dito. O silenciamento desses países, sobretudo, dos Estados Unidos, revela um confronto velado entre os países socialistas, aliados da China, e as potências capitalistas ocidentais.

Vale lembrar que, para Bhabha (2007), o Japão deve ser considerado como pertencente ao bloco capitalista ocidental, embora situado na Ásia oriental. Temos assim, um confronto entre as mais importantes nações do mundo e a mais nova superpotência mundial que ora emerge; assim, o silenciamento das potências ocidentais pode ser interpretado como uma forma de resistência ao domínio do imperialismo ocidental.

Também são silenciadas pelo governo chinês, segundo o jornal, as vozes das minorias étnicas, conforme observamos em E 2 na passagem “comandante falou em aprofundamento do entendimento mútuo”. As palavras da autoridade chinesa referem-se aos conflitos e protestos envolvendo a China, testemunhados pelo mundo, nos meses que antecederam o evento esportivo. A necessidade de “aprofundamento” do entendimento indica o reconhecimento por parte da autoridade chinesa de que suas relações com as minorias étnicas são precárias. Por outro lado, para o representante do governo chinês, o aprofundamento do entendimento deve ser “mútuo”, ou seja, ambos os lados devem ceder para que se acabem os conflitos. Nesse sentido, o governo chinês se coloca em condições de igualdade com as minorias étnicas sob seu comando.

De acordo com Orlandi (2007b), ao dizer algo, automaticamente, silencia-se o que não é dito, assim, a expressão “entendimento mútuo” silencia os conflitos, de certa forma, censura os protestos e os direitos exigidos pelas etnias subordinadas a Pequim. Frente à assertiva do jornal impresso de que “Isso [ocorreu] diante de jovens vestidos com trajes das 56 minorias étnicas chinesas, pintando um retrato de harmonia que os protestos de tibetanos e muçulmanos uigures insistem em desmentir”, a *FSP* vem conferir às palavras do presidente do comitê organizador uma “vontade de verdade”: a versão chinesa que confere apenas aos chineses o *status* de verdade vem implicar uma *interdição* da outra versão dos fatos aos olhos do mundo (FOUCAULT, 2008b).

Além disso, a heterogeneidade mostrada marcada pela presença do discurso direto, demarcada pelas aspas, configura um distanciamento entre a voz enunciativa do jornal e a afirmação feita pela autoridade chinesa, de modo que o discurso direto isenta

o sujeito enunciador da responsabilidade pelo efeito de sentido provocado por tais palavras: no entanto, o uso do termo referencial “isso” parece mostrar o espanto do sujeito jornal diante de uma afirmação julgada “mentirosa”, acerca da autoridade chinesa. Tal espanto se acentua se considerarmos que o discurso foi proferido por uma autoridade, por um sujeito que tem o direito de dizê-lo, que está na *ordem do discurso*. De acordo com Foucault (2008b, p. 37), a produção do discurso é, ao mesmo tempo controlada e selecionada, passando por procedimentos de exclusão, ou seja, “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, para entrar na ordem do discurso é preciso satisfazer certas exigências, é preciso ser qualificado para fazê-lo. O discurso do Sr. Liu Qi está legitimado, ele fala do lugar de comandante do comitê organizador do evento, do lugar de autoridade que lhe permite proferir um discurso em nome do governo chinês.

Devemos considerar, também, que o discurso direto, ou o “discurso relatado”, de acordo com Charaudeau (2009, p. 163), apoiado na operação de empréstimo, tem o objetivo de produzir autenticidade ao dito de origem. O sujeito jornal assume o posicionamento de autoridade ao relatar e mostrar ao público leitor que ele, sujeito, sabe o que diz, além de lhe conferir poder, o poder de dizer a verdade. Desse modo, podemos dizer que a utilização das palavras da autoridade chinesa, por meio do discurso relatado, confere ao sujeito *FSP* o *status* de enunciador da verdade.

Entendemos que o termo “isso”, nesse caso, uma anáfora indireta, remete não apenas às palavras de Lui Qi, mas ao fato de que o “aprofundamento do entendimento mútuo” silencia os conflitos étnicos e, sobretudo, as perseguições sofridas pelas minorias étnicas chinesas, ou seja, “isso” remete ao amplo contexto histórico-social que envolve essa questão tão conflituosa, além disso, a expressão “pintando um retrato de harmonia...” demonstra que essa harmonia é “forjada” pelo governo chinês. Assim, o discurso direto retomado pelo termo referencial “isso” é utilizado pelo enunciador para contestar a autoridade chinesa por meio de suas próprias palavras.

Quanto à outra citação apresentada nesse excerto E 2, também demarcada por aspas, confere ao enunciador a posição de autoridade, pois as palavras do presidente do COI confirmam o tom político do evento demonstrado pelo jornal, no decorrer da reportagem. Na passagem “independentemente de origens étnicas, sexo, religião ou

sistema político”, temos a emergência do interdiscurso (PÊCHEUX, 2009) que ativa a memória discursiva dos conflitos étnicos, religiosos e políticos, ocorridos no Tibete, além dos conflitos entre as *Coreias*, entre Israel e Palestina, entre Estados Unidos e Iraque, bem como as desigualdades sexistas que, longe de terem sido resolvidos, devem, segundo Jacques Rogge, ser substituídos pelo espírito olímpico, pois trata-se de um *encontro* de nações e não de *confronto*.

A reunião das 205 nações, dos cinco continentes, em uma única cidade, torna os países participantes hóspedes e o país-sede a hospedeira, aquela que acolhe, que recebe o outro. De acordo com o conceito derridaiano de hospitalidade, o hóspede deve ser acolhido incondicionalmente por aquele que hospeda, segundo a *lei da hospitalidade* absoluta, que determina uma acolhida inquestionável, mas o termo hospedar, segundo Derrida (2003, p. 41) guarda em sua origem latina dois aspectos contraditórios, (*hostis*) que tanto indica hospitalidade, acolhimento, quanto hostilidade, de modo que o estrangeiro pode ser recebido como hóspede ou como inimigo. Nas palavras da *FSP*, os aliados da China foram os mais aplaudidos “depois, claro, da anfitriã”. Isso significa que, para o jornal, a China não hospeda todos os estrangeiros do mesmo modo, alguns ela acolhe, outros ela hostiliza.

Ainda no excerto E 3, há o relato do espetáculo coreográfico apresentado na cerimônia de abertura ao lado das críticas ao governo de Pequim, que fez questão de mostrar ao ocidente apenas parte de sua história, isto é, o que lhe interessava relatar. Para o jornal, a China escondeu do público o período em que o país esteve sob domínio das potências europeias, fase considerada humilhante para os chineses, a exemplo da era Mao, que instituiu o regime socialista.

E 3 - Transformou-se no palco da mais espetacular abertura de uma Olimpíada, que começou com uma ode às invenções da China antiga. Do **papel à pipa, do relógio de sol** ao alfabeto chinês, a pólvora – houve espaço até para astronauta, um dos últimos orgulhos do país. Uma aula de história **editada** pela **rigidez** do governo de Pequim, que **deixou de lado a decadência dos últimos cinco séculos** e, especialmente, os 150 anos de turbulência entre as invasões do século 19 e a abertura econômica de 1978. Em quase quatro horas de evento, não houve menção à Revolução comunista nem a Mao Tse-tung. Já os atuais líderes do Partido Comunista mereceram generosos **closes** nos telões do estádio e na **TV**.

Observamos, aqui, uma construção da imagem negativa do governo chinês, uma vez que no enunciado “uma aula de história editada pela rigidez do governo de Pequim”, o uso da expressão “editada” indica que, para a *FSP*, os acontecimentos

retratados na cerimônia foram manipulados, atitude típica de governos autoritários, reafirmado pelo uso do adjetivo “rigidez”.

Lembremos que o termo “edição” já havia sido empregado em E 1, de modo que a repetição do vocábulo parece conferir um efeito de verdade às atitudes atribuídas ao governo de Pequim. Embora o discurso midiático imprima uma vontade de verdade, não podemos nos esquecer que a seleção lexical, bem como o sentido atribuído aos vocábulos são determinados pela FD na qual o sujeito se inscreve ao enunciar seu discurso. Entendemos que os itens lexicais “close” e “TV” inscrevem o discurso da *FSP* na FD midiática; além disso, a designação da Revolução Comunista Chinesa como período de decadência faz atravessar o discurso capitalista. Podemos dizer, ainda, que essa FD midiática, na qual se inscreve o jornal, é permeada pelo discurso da democracia e pelos preceitos de liberdade de expressão, segundo os quais os sentidos de “editar” conferem um teor negativo ao governo comunista chinês: um governo capaz de alterar e manipular os fatos, um governo que não prima pela transparência. O discurso da *FSP* apresenta marcas de uma formação identitária da China como um país altamente militarizado, cujo governo centralizador e autoritário não permite a liberdade de expressão, “editando” a história de acordo com seus interesses e estratégias de força.

Há que se salientar que a mídia também edita as matérias de acordo com seus interesses⁴; portanto, o discurso da *FSP* acerca da abertura olímpica também se constitui numa estratégia de poder/saber ao trazer para o leitor a sua versão do fato.

Segundo a *FSP*, a “decadência dos últimos cinco séculos” foi deixada de lado, sobretudo o período em que a China sofreu invasões de outros países, até a abertura econômica de 1978, período que compreende, também, a Revolução Comunista e o governo de Mao Tse-tung. Assim, para o jornal, a China fez questão de esconder essa parte da sua história considerada “decadente”.

O uso da anáfora indireta “decadência”, no entanto, remete não só ao período descrito pelo jornal, mas também ao período de glória da China, reconhecendo que o país teve importância no desenvolvimento tecnológico da Europa Medieval, com invenções que impulsionaram a navegação mercantil europeia, visto que, para entrar em decadência, é preciso, antes, que o país tivesse chegado ao apogeu. Além disso, os substantivos “papel”, “relógio”, “alfabeto” e “pólvora” são referentes do período em

⁴ Contribuição da profa. Dra. Celina Aparecida G. S. Nascimento durante o exame de qualificação, no dia 10/08/2010.

que a China era a nação mais desenvolvida do mundo e, sobretudo, o reconhecimento de que o próprio desenvolvimento da Europa mercantilista se deveu, em boa medida, às invenções chinesas. Além disso, o enunciado “uma aula de história”, ainda que o jornal julgue ter sido editado, remete à FD pedagógica apoiada na FD científica, que confere ao discurso midiático o caráter de ensinamento, reforçando o papel que a *FSP* se atribui de detentora de saber/poder.

Constatamos a construção de uma imagem identitária heterogênea e fragmentada da China, pois, ao mesmo tempo em que a *FSP* constrói uma imagem identitária negativa desse país, ela resgata a memória dos tempos de glória do Império do Meio. A exemplo do que ocorre em E 1, a China é construída pelo discurso da *FSP* como múltipla, móvel, clivada. Sendo o sujeito uma construção sócio-histórica e discursiva, a identidade de uma China autoritária, que o jornal parece imprimir, traz em seu bojo a sua história de glória e de invasões, a história que a constitui como o sujeito nação do século XXI.

A referência ao período da Revolução Comunista, e ao governo de Mao Tse-tung como um período de decadência da China, reativa a memória discursiva por meio do interdiscurso da Guerra fria, cujos já-ditos, que constituem o arquivo do discurso ocidental contra o comunismo, de certa forma contribuem para a imagem militarizada e autoritária atribuída aos governos socialistas.

Em outro excerto, E 4, extraído de um artigo de opinião, cujo título é “O espírito chinês”, assinado por Raul Juste Lores, correspondente da *FSP* em Pequim, também encontramos uma constituição subjetiva marcada pela heterogeneidade. A imagem identitária da China, construída pelo sujeito *FSP*, transita entre progressista e desenvolvimentista, capaz de transformar a China numa nova potência mundial, e o autoritarismo militarista, que esconde as suas mazelas e “cala dissidentes”, conforme podemos perceber em:

E 4 - A China **desnutrida** de 30 anos atrás se transformou em **potência** com infra-estrutura **reluzente** e consumo feérico em cada esquina. **Sem favelas à vista**, a China **já** parece bem mais rica que o Brasil. Houve um evidente esforço para esconder mazelas e calar dissidentes, que engana bem, Mesmo sem a plástica, a prensa chinesa supera Usain Bolt. O Brasil levará décadas para dar racionalidade a seus impostos, a seus gastos públicos. [...] **Nos contentamos** com pouco. Enquanto a Europa discute semanas de trabalho de 35 horas e o Brasil aprova licença-maternidade de seis meses, a China corre à toda velocidade. De uma maneira que não estaríamos dispostos a imitar [...]. Treinamos duro e com muita disciplina, atores aceitam ordens e agem como computadores. Os

estrangeiros ficam admirados. Esse é o espírito chinês, disse Yimou. O diretor chinês se queixa de suas experiências como diretor de óperas “no Ocidente”. Lá é tão problemático. **Eles** trabalham quatro dias e meio por semana e têm direito a dois cafezinhos por dia [...]. **Nós** podemos agüentar muita dureza. **Os chineses** fazem em uma semana o que eles levam um mês.

No segmento E 4, “A China desnutrida de 30 anos atrás se transformou em potência com infra-estrutura reluzente e consumo feérico em cada esquina”, examinamos que o adjetivo “desnutrida”, constituído pelo prefixo de negação “des”, confere à China a condição de fragilidade, de miséria, numa relação de contradição ao outro, ao “nutrido”, ao desenvolvido. Além disso, entendemos que a expressão nominal definida “A China desnutrida de 30 anos atrás” remete ao período anterior à abertura econômica, remete à era maoísta, considerado pelo jornal, como um período em que a China era subdesenvolvida, um país de miséria, “desnutrido”, ao passo que a China pós-abertura é recategorizada por “potência” com infraestrutura moderna que encanta os olhos, uma ode ao consumismo capitalista.

Vale ressaltar que o referido discurso é enunciado a partir da FD capitalista, segundo o qual a consumismo exacerbado é sinônimo de riqueza e de valor positivo. Para Jameson (2001, p. 61), o consumismo é um traço da globalização e a liberdade de mercado se apresenta como algo positivo. Assim, a entrada da China no mercado globalizado é visto pelo jornal como sinônimo de progresso, que tirou o país asiático da miséria e proporcionou um desenvolvimento que o levou à condição de potência. Desse modo, a *FSP* parece instaurar um discurso sobre China que não condiz com a imagem de austeridade do governo socialista chinês.

No entanto, para o enunciador, ainda que a China tenha se sucumbido à globalização, o país socialista esconde suas mazelas para melhorar sua imagem perante o Ocidente, sobretudo durante a realização da Olimpíada, quando o mundo todo estava voltado para o País do meio. De acordo com o jornal, houve um “evidente esforço para esconder mazelas e calar dissidentes, que engana bem”. A atitude de dissimulação do governo chinês é considerada “evidente”, perceptível a todos os estrangeiros.

A “maquiagem” produzida por Pequim pode ser observada também em “Sem favelas à vista, a China já parece mais rica que o Brasil”. As favelas, ao contrário dos esforços para esconder as mazelas, não estão à vista, embora se saiba que há um grande

contingente de chineses que vivem em situação de miséria, abaixo da linha da pobreza. De acordo com o relatório da Unicef, esse número chega a 55 milhões de pessoas.

Observamos que a ausência de favelas à vista refere-se, também, à causalidade da China “parecer” mais rica do que o Brasil. O simples fato do país oriental não possuir favelas, para o enunciador, já o torna superior ao Brasil, sendo notória a imagem negativa que o enunciador tem do nosso país. Além disso, o advérbio temporal “já” instaura a ideia de um “agora”. O marcador temporal estabelece uma comparação entre o “antes” e o “agora”, ou seja, antes a China era mais pobre que o Brasil, agora parece mais rica, desse modo, “já” aponta a emergência do interdiscurso da pobreza da China anterior à abertura econômica.

Considerando que a construção identitária é formulada a partir da relação de alteridade, ou seja, a imagem que fazemos de nós é carregada da imagem que o outro tem de nós, assim como a imagem que fazemos do outro é perpassada pela imagem que fazemos de nós (CORACINI, 2007), entendemos que o enunciador, ao afirmar que a ausência de favelas aparentes na China a torna mais valorizada do que o Brasil, confere ao povo chinês uma imagem desenvolvimentista e progressiva em oposição à imagem de miséria e de violência, advinda do vocábulo “favela” que movimenta o campo semântico na direção do efeito de sentido de “atraso brasileiro”, o que, na realidade, é uma construção simbólica recorrente no discurso do estrangeiro sobre o Brasil. Podemos dizer, portanto, que a imagem identitária que o jornal faz do Brasil é perpassada pela imagem que o estrangeiro, o outro faz da Terra *brasilis*. Relevante mencionar que, mesmo vindo de um brasileiro, o enunciador imprime uma imagem estereotipada do Brasil. De acordo com Bhabha (2007, p. 11), o estereótipo como forma de subjetivação no discurso colonial representa “o desejo de uma originalidade ameaçada pela diferença de raça, cor e cultura”. Assim, podemos dizer que essa imagem estereotipada do Brasil remete ao discurso do colonizador e do colonizado, que nega a diferença, que nega o outro. A posição enunciativa assumida pelo jornal, nesse fragmento, se configura pelo assujeitamento à dominação eurocêntrica (BHABHA, 2007), cujo ideal de riqueza se concentra nos valores dos países desenvolvidos da Europa e dos Estados Unidos, atribuindo às demais nações um papel periférico e sem valor.

A mesma posição enunciativa é assumida pelo enunciador em “O Brasil levará décadas para dar racionalidade a seus impostos, a seus gastos públicos, [...] nos contentamos com pouco”, o que vem conferir ao Brasil a condição de país atrasado e ao seu povo a condição de acomodado, situação a que o autor também se inclui, na medida em que utiliza o pronome na primeira pessoa do plural inclusivo “nós”. De acordo com Fiorin, (2005. p. 60) “nós” não representa apenas a amplificação do “eu”, mas a junção de um *eu* com o *não-eu*, ou seja, eu + tu, representa a junção do enunciador e do enunciatário, assim, o enunciador busca, na conjunção com o leitor enunciatário, a cumplicidade na condição de acomodado.

Além disso, o enunciador considera as mudanças nas leis trabalhistas brasileiras, bem como nas europeias, negativas para o desenvolvimento econômico de um país. Em “Enquanto a Europa discute semanas de trabalho de 35 horas e o Brasil aprova licença-maternidade de seis meses, a China corre a toda velocidade. De uma maneira que não estaríamos dispostos a imitar”, a ampliação dos direitos trabalhistas é vista como mecanismo de entrave para o crescimento econômico brasileiro⁵. Para o enunciador, ao mesmo tempo em que a China cresce num ritmo acelerado os países ocidentais ampliam direitos dos trabalhistas, reduzindo a taxa de crescimento.

Nessa perspectiva, a exaustiva jornada de trabalho a que são submetidos os trabalhadores chineses, bem como uma legislação trabalhista que garanta poucos benefícios aos trabalhadores são consideradas positivas pelo enunciador. Podemos dizer que esse discurso é enunciado a partir da FD capitalista, que concede alguns benefícios trabalhistas, mas sempre voltado aos interesses da produtividade e não em defesa da classe oprimida, de modo que a licença maternidade de seis meses e a redução de jornada de trabalho são consideradas exageros que atravancam os interesses econômicos de um país.

A busca frenética pelo desenvolvimento empreendida pela China ora assume valor positivo, ora negativo, no discurso em questão. Nos enunciados “potência com infraestrutura reluzente e consumo feérico” e “mesmo sem plástica, a pressa da China supera Usain Bolt”, a postura desenvolvimentista da China é exaltada pelo adjetivo “reluzente”; além disso, a comparação com o velocista jamaicano Usain Bolt, recordista

⁵ Contribuição da profa. Dra. Celina Aparecida G. S. Nascimento durante o exame de qualificação, em 10/09/2010.

mundial e ouro olímpico nos 100 metros rasos, exalta a ambição chinesa, o que confere ao processo de abertura econômica um caráter altamente positivo.

Por outro lado, para o enunciador, tal desenvolvimento é assegurado em detrimento dos direitos do trabalhador, contrariando os princípios do socialismo marxista, base do sistema político chinês. Assim, em “De uma maneira que não estamos dispostos a imitar”, o enunciado da *FSP* parece não comungar com a prática adotada pelo governo chinês em relação aos direitos trabalhistas. Para corroborar essa posição enunciativa, o enunciador utiliza o verbo “estamos” na primeira pessoa do plural (nós) em referência a “eu” + “vocês (leitores)” configurando um “nós” inclusivo.

Vale ressaltar, ainda, que o jornal imprime aos trabalhadores chineses uma postura de submissão a um exaustivo regime de trabalho, conforme observamos em “enquanto a Europa discute semana de trabalho de 35 horas [...], a China corre a toda velocidade”. O marcador temporal “enquanto” indica a ocorrência de uma ação concomitante, mas contraditória, assim “correr a toda velocidade” produz um efeito de sentido que não condiz com a ampliação dos direitos trabalhistas ocorridos na Europa e no Brasil, ao contrário, implica forte subjugação ao capitalismo selvagem e à exploração do trabalhador.

Para corroborar a imagem identitária de submissão atribuída à população chinesa, o sujeito enunciador traz para o discurso uma outra voz, a do cineasta chinês Zhang Yimou, criador e diretor da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos. As palavras do diretor chinês, marcadas pelo discurso direto e as aspas, assumem caráter comprobatório da rigorosa disciplina chinesa e da submissão à hierarquia.

No entanto, a obediência às normas e o rigor disciplinar, considerados pelo enunciado do jornal como indícios de submissão, para Yimou assumem caráter positivo. A disciplina e a obediência são motivos de orgulho para o diretor, conforme observamos em “Treinamos duro e com muita disciplina. Atores aceitam ordens e agem como computadores. Os estrangeiros ficam admirados. Esse é o espírito chinês”. Os termos “disciplina” e “ordem” podem ser interpretados dentro do campo semântico militar, com valor positivo, já que na instância de poder militar a disciplina é prerrogativa indispensável. Assim, a representação identitária que Yimou faz dos chineses como disciplinados, obedientes, capazes de aceitar ordens passivamente e trabalhar incansavelmente como computadores, assumem um caráter positivo que não é

partilhado pelo enunciador da *FSP*. A passividade e docilização do povo chinês frente ao poder central de Pequim são criticadas na passagem “goste ou não do seu espírito”, visto que o próprio cineasta se refere à conduta chinesa como “o espírito chinês”.

Interessante notar que, ao se referir ao trabalho árduo suportado pelos chineses, o diretor se inclui como parte da população chinesa, conforme se vê em “Treinamos duro e com muita disciplina” e “nós aguentamos muita dureza”. O verbo “treinamos” na primeira pessoa do plural, bem como o pronome pessoal “nós”, remetem ao “nós” inclusivo, eu + a população chinesa. No entanto, a posição exercida por Yimou nessa relação de poder não é de obediência, mas de comando, de quem ordena. Quando se refere à execução do trabalho árduo, o cineasta se exclui do grupo de chineses, utilizando os termos “atores” e “chineses”, o que implica uma posição enunciativa de distanciamento no que tange ao seu próprio discurso sobre os chineses.

Observamos nas palavras do cineasta chinês uma defesa à obediência cega aos poderes hierárquicos e uma representação identitária dos chineses como submissos ao poder disciplinar. Para Yimou, a resistência nas relações de poder tem o caráter negativo da insubordinação, assim, o cineasta imprime aos ocidentais uma representação identitária de rebeldia. Segundo a fala o diretor, o rigor disciplinar imposto aos chineses não é aceitável no Ocidente, conforme observamos em: “Lá [no Ocidente] é tão problemático. Eles trabalham quatro dias e meio por semana e tem direito a dois cafezinhos por dia. Não aceitam nenhum desconforto por causa dos direitos humanos”.

Yimou refere-se aos ocidentais como “estrangeiros” e retoma-os por meio da anáfora pronominal “eles” que são considerados rebeldes, resistentes, corporativistas e absenteístas, isso porque que não aceitam uma jornada de trabalho igual a dos chineses. Na concepção do chinês, no ocidente, trabalha-se pouco, apenas quatro dias e meio e com direito a dois cafezinhos; ou seja, os direitos trabalhistas, para Yimou, são privilégios descabidos, inadmissíveis para o regime socialista chinês. Longe de defender os direitos e interesses sociais, o discurso de Yimou parece condená-los, contrariando os princípios socialistas fundados nas teorias marxistas, segundo os quais a defesa dos direitos do proletariado é um principio inviolável.

Ademais, os ocidentais, recategorizados como “estrangeiro”, engendram, aqui, efeitos de sentido de que eles não são considerados hóspedes, não são acolhidos

incondicionalmente, ao contrário, são tomados como intrusos, o outro que não compreende e é incapaz de aceitar o “espírito chinês”, ordeiro e disciplinado.

Considerando que a *FSP* é um jornal brasileiro, portanto, ocidental, entendemos que o discurso relatado do cineasta, que idealizou a festa de abertura da Olimpíada, é utilizado pelo jornal para desestabilizar a imagem que o diretor imprime aos chineses. Nesse sentido, a representação que Yimou faz do povo chinês como disciplinado, organizado, aquele que suporta a rigidez das condições de trabalho, tem caráter negativo quando tais representações se referem à postura dos chineses frente ao autoritarismo governamental.

Outro excerto analisado foi extraído de uma entrevista da antropóloga americana Susan Brownell⁶, radicada em Pequim, concedida ao jornalista Raul Juste Lores, cujo título é “Chineses ainda têm complexo de inferioridade”. Na entrevista a antropóloga traça o perfil identitário dos chineses, conforme se vê em:

E 5 - Os chineses têm uma estratégia de investir em esportes que vão se tornar olímpico. E ganham medalha nesses chamados “**esportes novos**”. Vários esportes que não eram olímpicos em 1984, hoje são dominados pelos atletas chineses. Eles também focaram em esportes sem tradição local, como o remo. O esporte é pouco praticado no mundo, então o nível internacional não é tão alto. É o oposto do que acontece com o futebol, onde o nível é altíssimo, então a China **não consegue nada**.

A China vai bem em *badminton*, tiro com arco, tênis de mesa, onde sempre foi forte, mas apenas ganhou na natação quando o doping não era tão controlado, depois nunca mais.[...] Muitos chineses **ainda se vêem** com o preconceito ocidental do século 19. **Julgam-se menores, mais fracos, desnutridos**, pequenos, há um complexo de inferioridade. É uma ideologia **desatualizada**, que o resto do mundo **já** deixou para trás, **mas** que **ainda deixa** marcas no país.

Entendemos que o operador argumentativo “ainda”, presente no título, remete à memória discursiva do período histórico em que a China foi subjugada pelas potências ocidentais, durante os séculos XIX e XX, em decorrência da Guerra do Ópio, quando a China se viu obrigada a ceder parte de seu território à possessão inglesa, francesa, alemã, russa, japonesa e americana. Ao mesmo tempo, a expressão atualiza o complexo de inferioridade atribuído aos chineses, trazendo-o para o tempo presente, num indício de que tal sentimento perdura até hoje. Isto implica dizer que os chineses se encontram

⁶ Susan Brownell é ex-atleta, morou em Pequim nos anos 80 e integrou a equipe chinesa de esportes quando estudou na Universidade de Pequim. Autora de três livros sobre esportes na China, atualmente ela pesquisa o impacto dos Jogos Olímpicos na prática esportiva no país (cf. <http://www.umsi.edu/divisions/artscience/anthro/faculty/brownell.html>, acesso em 10 de outubro de 2010).

numa condição de subalternidade, embora o país se constitua como um dos principais polos econômicos do mundo. Para Bhabha (2007), todas as culturas não eurocêntricas encontram-se na periferia, à margem; assim, a China continua sendo um país periférico, mesmo sendo a segunda maior economia do planeta, o que justifica o enunciado sobre o sentimento de inferioridade dos chineses.

A entrevista foi publicada pela *FSP* sem as perguntas formuladas pelo jornalista, assim, as palavras da antropóloga foram organizadas por temas e inscritas em rubricas. Sob a rubrica “Estratégia”, o jornal traz o discurso de Brownell que parece atribuir aos chineses uma imagem ardil, capaz de estabelecer estratégia para galgar espaço no mundo esportivo, com a conquista de um número significativo de medalhas olímpicas. No entanto, de acordo com as palavras da antropóloga, a China só é capaz de vencer em “esportes novos”, sem tradição olímpica, cuja prática não desperta muito interesse, sobretudo nas nações tradicionalmente bem sucedidas nos Jogos, como o levantamento de peso feminino, o taekwondo e o remo, conforme podemos observar em “O esporte [remo] é pouco praticado no mundo, então o nível internacional não é tão alto. É o oposto do que acontece com o futebol, onde o nível é altíssimo, então a China não consegue nada”. A dupla negação “não consegue nada” reforça a condição de incompetência atribuída à China.

A referência ao título da matéria pode ser percebida sob a rubrica “Complexo”, numa indicação de que se trata de uma imagem imputada pelos próprios chineses. De acordo com a antropóloga, “Muitos chineses ainda se veem com o preconceito ocidental do século 19”. Nessas palavras, o operador argumentativo “ainda” instaura um “agora” da enunciação que se reatualiza a cada leitura, de modo que o complexo de inferioridade é configurado como atual e constante, um sentimento que não se acaba. Trata-se da articulação de um sentimento de inferioridade, em que as construções verbais no tempo presente “se veem” e “julgam-se” trazem o pronome reflexivo “se” para atribuir ao próprio chinês tal sentimento, isentando as nações ocidentais de tal complexo.

Também, em E 5, os adjetivos “menores, mais fracos e desnutridos” instauram uma contradição com um outro considerado como “maiores, fortes e nutridos”, assim, a representação identitária dos chineses é marcada por adjetivos que os desqualificam, enquanto os ocidentais são marcados por uma representação identitária forte e saudável.

A expressão “desnutrido”⁷ remete à baixa estatura da população chinesa, em contraposição à estatura alta dos europeus e americanos que remetem à imagem de saúde e nutrição. Conforme mencionamos anteriormente, alguns chineses estão recorrendo à intervenção cirúrgica para aumentar a estatura.

De acordo com o Dicionário Michaelis (1998, p. 986), o item lexical “fraco” pode significar “que não tem força, débil, frouro”, pode, também, indicar “sem importância, medíocre” ou, ainda “ covarde, insignificante, de pouco valor, pouco sabedor.” Tais sentidos apontam para uma imagem identitária da China não apenas como sem força, mas como insignificante e sem valor em relação ao mundo ocidental⁸.

E segundo o discurso da entrevistada, essa representação a que os chineses se imputam é decorrente de uma ideologia “desatualizada”, ou seja, não procede, uma vez que o mundo ocidental “já [a] deixou para trás”. Aqui, o operador argumentativo “já” permite ativar a rede de memória de que o Ocidente considerava os chineses inferiores, havia, pois, uma ideologia colonialista que imputava ao país oriental uma imagem inferior, numa visão etnocêntrica que justificava a subjogação da China aos países ocidentais desenvolvidos.

A mesma visão etnocêntrica justifica o discurso colonial, que, segundo Bhabha (2007, p. 11), tem por meta criar um estereótipo do colonizado como tipo degenerado, o que justifica a conquista e a imposição de um sistema administrativo colonizador.

Embora essa visão ocidental se constitua como passado, instaurado pelo verbo no pretérito perfeito “deixou”, os operadores argumentativos “mas” e “ainda” indicam uma atualização do preconceito ocidental, reforçada pelo verbo no presente do indicativo “deixa”. Assim, longe de ser um complexo sem justificativa, a visão colonialista continua latente.

Considerando as condições de produção do discurso midiático, entendemos que a entrevista marca um regime de verdade que imprime uma visão estereotipada dos chineses, além disso, sendo a entrevistada uma pesquisadora, uma antropóloga e radicada em Pequim, suas palavras assumem a condição de verdade absoluta, pois ela o

⁷ Segundo Silveira, 2010, a desnutrição é concebida como estado de deficiência qualitativa e quantitativa de nutrientes no organismo, podendo afetar as habilidades físicas e intelectuais do indivíduo e, de acordo com Kilsztajn (s/d), a desnutrição pode ser mensurada pela relação baixo peso/altura, altura/idade e peso/idade, assim, a estrutura física da população está diretamente relacionada à condição de nutrição/desnutrição.

⁸ Contribuição do prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues por ocasião do exame de qualificação realizado em 10/09/2010.

enuncia de seu lugar de autoridade conhecedora do desenvolvimento da sociedade humana. Entendemos, ainda, que, embora a antropóloga afirme que o complexo de inferioridade lhes seja imputado pelos chineses, seu discurso é carregado de contradições, como todo discurso, sujeito a falhas, ao equívoco próprio da linguagem. Assim, as palavras de Brownell carregam outros sentidos: o Ocidente tem uma visão estereotipada e colonialista dos chineses, visão que está longe de acabar, portanto, mais do que complexo dos chineses, trata-se de preconceito contra os chineses.

E 6 foi extraído do artigo de opinião “A Olimpíada e o patriotismo chinês” assinado por Zhou Shixiu, professor de história da Universidade de Hubei, na China, e por Luis Antonio Paulino, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, *campus* de Marília, publicado na subseção Tendências e Debates, na página 3 da *FSP*. Essa subseção é destinada à publicação de artigos assinados por personalidades públicas e intelectuais de diversos segmentos sociais, assim, a *FSP* explicita em nota que “os artigos com assinaturas não traduzem a opinião do jornal”; além disso, o jornal esclarece que “essa publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo”.

A nota explicativa da *FSP* parece marcar uma posição sujeito democrática, que abre espaço para o debate e respeita as diversas opiniões, ao mesmo tempo em que se isenta da responsabilidade dos efeitos de sentido possíveis provocados pelos artigos de opinião publicados nessa subseção.

Em E 6, constatamos uma exaltação dos chineses e de sua devoção patriótica em contraposição à posição enunciativa assumida em E 4. Vale ressaltar que E 6 foi retirado de artigo de opinião assinado por um professor chinês, enquanto E 4 foi retirado de artigo de opinião assinado por um jornalista brasileiro. Considerando que os discursos desses excertos marcam o lugar ideológico de onde cada sujeito enuncia seu discurso, entendemos que há uma contraposição entre o discurso socialista chinês (E 6) e o discurso capitalista ocidental (E 4).

E 6 - **Sim**, na China a gente fala **também** sobre democracia e liberdade, **mas** sempre **pensando com a responsabilidade**. A **maioria dos chineses** sabe que a realização de democracia deve se dar passo a passo. Atualmente em todos os municípios da China foram construídas **bases de educação de patriotismo**, nas quais há estátua de heróis e testemunhos dos **crimes dos imperialistas**. Com esse patriotismo o povo chinês fortalece o amor

à pátria, a **disciplina no estudo** e no trabalho e a coragem para vencer qualquer dificuldade. Com esse patriotismo **todos** têm um só objetivo: construir a China como um país de estudos, um **país de inovação** e um **país de desenvolvimento sustentável**.

Considerando que o interdiscurso é constitutivo do discurso, em “Sim, na China a gente também fala em democracia e liberdade”, encontramos a discursividade do autoritarismo o governo de Pequim, que nega a existência de democracia e liberdade na China. O termo “sim” instaura uma contradição ao discurso do “não”, ao discurso do capitalismo ocidental que apregoa o totalitarismo do governo socialista, sem que os cidadãos tenham o direito à livre expressão. Assim, ao afirmarem a existência de democracia no país asiático, os enunciadores fazem emergir o interdiscurso da ausência dos direitos humanos. Além disso, o operador argumentativo “também” é outro indício dos pré-construídos, de já-ditos que constituem o discurso sobre a China como um país onde impera o controle estatal sobre tudo e sobre todos.

Embora os enunciadores afirmem que na China se fala em democracia e liberdade, tal discurso, segundo eles, deve ser “pensado com responsabilidade”, assim, para Shixiu e Paulino, a liberdade deve ser restrita, controlada, contida. Além disso, uso do operador argumentativo “mas” instaura uma oposição entre os ideais democráticos e a responsabilidade, de modo que democracia e liberdade assumem a condição de irresponsabilidade. Tal discurso justifica o massacre ocorrido na Praça da Paz Celestial, em 1989, segundo o qual os acontecimentos não passaram de um “ato de irresponsabilidade” dos estudantes chineses.

Para corroborar o discurso da liberdade, com responsabilidade, os enunciadores buscam o aval da população chinesa em “a maioria dos chineses sabe”. Desse modo, temos a adesão de cerca de um bilhão de pessoas ao discurso da moderação, criando, assim, um efeito de verdade de que a democracia deve ser instituída paulatinamente, e, por conseguinte, negando a possibilidade de outras verdades.

Entendemos que Shixiu e Paulino enunciam seus discursos a partir da FD política atravessada pelo discurso totalitário e não pelo discurso democrático, pois para eles, é o poder central que determina e institui os valores sociais, conforme analisamos em “em todos os municípios foram construídas bases de educação de patriotismo”. Aqui, o patriotismo é instituído pelo Estado, que constrói “bases de educação”, ou seja, é uma disciplina ensinada nas escolas para que os jovens cultuem o amor à Pátria. Desse

modo, o discurso patriótico não emerge do anseio popular de construir valores nacionalistas, mas se configura como uma imposição estatal que passa ao largo dos princípios democráticos.

Encontramos outras marcas do discurso socialista em “testemunho dos crimes dos imperialistas”. Conforme já mencionamos no capítulo II, o movimento popular, que culminou com a Revolução Comunista de 1949, surgiu no momento em que a China vivia sob o domínio do imperialismo ocidental, em consequência da derrota nas Guerras do Ópio. Assim, reforçar a lembrança dos crimes praticados pelos imperialistas ocidentais é uma forma de reativar a memória discursiva dos discursos nacionalistas que motivaram a Revolução, que pôs fim ao domínio estrangeiro no território chinês.

Em “com esse patriotismo, o povo chinês fortalece o amor à Pátria, a disciplina no estudo e no trabalho e a coragem para vencer qualquer dificuldade”, o item lexical “disciplina” assume valor positivo, capaz de elevar a China ao patamar de potência mundial. Conforme já citamos em E4, esse item lexical, no campo semântico militar tem valor altamente positivo, de modo que entendemos a valorização do rigor disciplinar pelos professores como marcas de que os próprios chineses reforçam a imagem militarista atribuída ao país oriental, visto que Shixiu, um dos enunciadores, é chinês e enuncia seu discurso do lugar de professor titular de História da Universidade de Hubei.

Embora Shixiu e Paulino sejam civis, ambos são professores universitários, seus discursos reverberam o discurso oficial do governo chinês, que apregoa o discurso patriótico como forma de doutrinação e de submissão da população chinesa aos mandos do governo de Pequim. Tal discurso preconiza o sacrifício dos cidadãos chineses em favor do crescimento da China, conforme percebemos em “com esse patriotismo, todos têm um só objetivo: construir a China como um país de estudos, um país de inovação, um país de desenvolvimento sustentável”. Para os professores, os chineses não têm objetivos pessoais, apenas o objetivo coletivo de construção do país. Salientamos, ainda, que o pronome indefinido “todos” instaura a ilusão da inteireza, a ilusão da completude do sujeito. Coracini (2007, p. 99) nos ensina que o desejo da completude, instaura o desejo do poder, de manter o controle. Assim, com essa ilusão de completude os enunciadores têm a ilusão de que não há uma única voz, um único

discurso em toda a China que se contrapõe ao discurso patriótico institucional e ao poder central de Pequim que determina esse sentimento nacionalista.

A exaltação à China é percebida nas recategorizações do referente China. Em “um país de inovações, um país de desenvolvimento sustentável”, preconiza-se o retorno dos tempos de glória do País do Meio por meio do interdiscurso das invenções chinesas. No entanto, a consolidação da China como “país de inovações”, segundo os enunciadores, não deve ocorrer devido à criatividade e à capacidade inventiva dos chineses, mas com a disciplina militarista de dedicação aos estudos. Desse modo, o saber é que vai conferir o poder para a China se tornar um país de inovações. Novamente salientamos a valorização da disciplina como forma de exercício do poder e como um meio para se alcançar o desenvolvimento do país.

Quanto à recategorização “um país de desenvolvimento sustentável” aponta para uma posição sujeito que defende o crescimento econômico aliado à preservação ambiental. O discurso da sustentabilidade, que atualmente se encontra nas agendas de prioridade em todo o mundo, se contrapõe ao discurso que atribui à China o título de um dos maiores emissores de gás carbônico do mundo. Entendemos que, por meio dessas recategorizações, há uma tentativa de mostrar uma imagem positiva diante do ocidente.

E 7, selecionado do mesmo artigo de opinião, marca o discurso chinês de resistência ao domínio imperialista ocidental. Segundo Foucault (2010), onde há poder há resistência, assim, a resistência não pode ser concebida como exterior ao poder, ao contrário é intrínseca às relações de poder, de modo que entendemos que o excerto expõe a relação de poder entre o capitalismo ocidental e o socialismo chinês.

E 7 - Quando a **nova China** se estabeleceu em 1949, seu povo adotou essa canção como hino nacional, para **sempre** lembrar dessa história de humilhação e estimular cada cidadão a trabalhar mais duramente, sobretudo na reforma e na abertura. É isso que os chineses cantavam na Olimpíada. Estudando sua história, os chineses colocaram em prática um antigo ensinamento. Não andar para frente significa voltar para trás. Compreenderam, assim, que, se a China não avançar no seu desenvolvimento ficará vulnerável a ataques.

Ao estabelecer que a Revolução Comunista instituiu à China a condição de um novo país, percebemos uma exaltação ao período maoísta, ao mesmo tempo em que reatualiza as condições humilhantes por que passou a China no século XIX e início do século XX. A expressão nominal definida “a nova China” instaura o interdiscurso do

PCCh, que apregoa a construção de um novo país, livre do domínio imperialista ocidental, sob bases socialistas, em contraposição ao discurso da China imperial que se submetia à dominação estrangeira. Entendemos que “a nova China” se configura como uma anáfora indireta, pois traz em seu bojo as condições sócio-históricas da proclamação da República Popular da China.

Interessante notar que, embora os enunciadores apregoem a condição de mudança, de prosperidade com a implantação do regime socialista, a condição de colonizado se mantém presente, conforme analisamos em “para sempre lembrar dessa história de humilhação”. O advérbio temporal “sempre”, de acordo com o Dicionário Michaelis (1998, p. 1917) indica “constantemente, continuamente, sem cessar”, assim, o uso desse marcador temporal marca uma posição sujeito de subjugação eterna, que se mantém continuamente na lembrança dos chineses, ou seja, os chineses não conseguem e não querem esquecer a sua condição de subalternidade.

Na concepção de Shixiu e Paulino, as lembranças da colonização se configuram como estímulos para que os cidadãos chineses trabalhem cada vez mais pela prosperidade do país, semelhante a uma ferida aberta. O sofrimento, como forma de superação, se constitui numa forma de resistência ao poder colonizador, ao mesmo tempo em que se torna uma forma de controle dos cidadãos, que devem trabalhar arduamente pelo país, conforme marcado no enunciado “estimular cada cidadão a trabalhar mais duramente, sobretudo na abertura e na reforma”.

Tal discurso confere ao governo de Pequim o poder que outrora se encontrava nas mãos do colonizador. Como nos ensina Foucault (2010, p. 103), o poder não se concentra numa só pessoa, num só local, o poder é circular, assim, o oprimido pode se tornar opressor, ou seja, o governo chinês, outrora subjugado ao domínio Ocidental, agora passa a controlar seu povo em nome da resistência ao imperialismo.

E 8 foi retirado da entrevista concedida por Wang Hui, diretora de comunicação e porta-voz do comitê organizador, ao correspondente da FSP em Pequim, Raul Juste Lores. O título da matéria “A 33 dias, Pequim só não controla o ar” aparece sob a rubrica “céu cinza” o que inscreve a discursivização da *FSP* no discurso ambientalista, assim, “não controla o ar”, instaura a imagem de incompetência das autoridades chinesas no combate à poluição. Por outro lado, o advérbio “só” marca a emergência do interdiscurso do controle estatal exercido pelo governo chinês, impedindo qualquer

manifestação contra o regime socialista, trazendo a memória discursiva da repressão e violência com que Pequim lida com seus opositores. Isso marca uma posição enunciativa da *FSP* semelhante à encontrada em *FSP E1*, trazendo uma imagem identitária da China como autoritária, capaz de controlar quase tudo, menos o ar.

Há que se destacar que o verbo “controla” aponta para a ilusão de que o sujeito tem o controle sobre as coisas. O sujeito *FSP esquece* que o sujeito não tem o domínio sobre os sentidos.

E 8 - A Olimpíada é uma festa que todo mundo celebra. As pessoas **não** deveriam vê-la como palco para protestos políticos. Eu vi por, exemplo, que extremistas foram presos pela polícia na Eurocopa, que terminou agora. **A China tem suas leis**, e **nós** devemos recorrer a elas quando as coisas acontecem. [...] Acho que **todos** devem pagar o preço quando se faz algo que infringe a lei de **um país**.

Em E 8, Wang Hui reconhece que a Olimpíada não tem caráter meramente festivo, que não é apenas uma celebração do esporte. Em “as pessoas não deveriam vê-la como palco para protestos políticos”, a enunciadora reafirma o aspecto político do evento. A utilização do advérbio de negação “não” marca a presença do outro no discurso. De acordo com Maingueneau (1997, p. 80), a negação pode ser analisada como um índice de polifonia, pois são mobilizadas duas vozes, uma que afirma e uma outra que nega. Assim, Wang Hui traz em seu discurso as vozes dos segmentos sociais que protestaram contra a China no período que antecedeu os Jogos Olímpicos. Aqui, emergem a voz dos tibetanos, dos ambientalistas, dos apoiadores aos direitos humanos, enfim, daqueles que viram nas Olimpíadas uma oportunidade para dar visibilidade às ações governamentais da China que, de alguma forma, agridem a população e o meio-ambiente. Desse modo, Wang Hui traz para o seu discurso a voz das críticas ao governo chinês.

Para minimizar os efeitos políticos dos protestos que poderiam ocorrer durante os Jogos, a enunciadora recorre ao discurso da legalidade para amparar as ações repressivas, conforme verificamos em “A China tem suas leis, e nós devemos recorrer a elas quando as coisas acontecem”. A inserção das ações governamentais no discurso legal aponta para a visão política de que os protestos são ilegais e, portanto, os

manifestantes devem ser considerados contraventores. Assim, para Wang Hui, o discurso legal justifica qualquer ação repressiva advindas das autoridades.

Devemos ressaltar que o uso da primeira pessoa do plural em “nós devemos recorrer a elas” implica a inclusão da enunciativa como membro do governo, de modo que Wang Hui enuncia seu discurso a partir da posição sujeito de autoridade governamental, ou seja, ela está na *ordem do discurso*, está autorizada a proferir tal discurso e a legitimar as ações contra manifestantes.

Considerando que Wang Hui enuncia seu discurso a partir da posição sujeito que quem está no poder, o enunciado “devemos recorrer a elas quando as coisas acontecem” aponta para uma ameaça aos que pretendiam promover alguma manifestação. Tal ameaça se estende também aos estrangeiros em “todos devem pagar o preço quando se faz algo que infringe a lei de um país”. O pronome indefinido “todos” indica que as leis chinesas seriam aplicadas a qualquer pessoa independentemente da nacionalidade, sobretudo porque havia rumores de que alguns turistas poderiam protestar contra o governo chinês durante a abertura olímpica, quando a cerimônia seria transmitida ao vivo para o mundo todo. Para justificar a repressão, a enunciativa recorre à expressão nominal indefinida para o referente China, num indicativo de que o desrespeito às leis é punido em qualquer país, não apenas na China. Além disso, para corroborar a ideia de que os protestos são reprimidos com ação policial em todos os países, a enunciativa menciona os protestos durante a Eurocopa, numa legitimação dessa cena da enunciação.

E 9 foi retirado do artigo de opinião “China moderna não nega o passado”, assinado por Tu Weiming, professor de história chinesa da Universidade Harvard. No título, a expressão nominal definida “China moderna” instaura o discurso da abertura econômica da China a partir do discurso desenvolvimentista, de progresso, de riqueza, que propiciou ao país a condição de potência econômica. No entanto, a dupla negação “não nega” traz a emergência do interdiscurso maoísta de negação do passado histórico da China, sobretudo, o período de glória do Império. O discurso formulado por Mao Tse-tung defendia a criação de uma nova China, totalmente desvinculada de seu passado de país colonizado e de submissão ao imperialismo ocidental, ou seja, trata-se de um discurso nacionalista, antiimperialista. Assim, a emergência desses dois discursos, o do comunismo e do capitalismo, marca o dilema ocidental sobre a China, entre a manutenção do regime socialista e sucumbência ao regime capitalista ocidental e

gradativo processo de democratização. Embora o país oriental tenha aberto sua economia ao capital externo e tenha em seu território a instalação das principais indústrias de quase todos os segmentos, o controle estatal é bastante forte, sobretudo na economia e na comunicação.

Em E 9, Tu Weiming mostra que o governo chinês utilizou os Jogos Olímpicos como instrumento político, como forma de mostrar uma imagem de poder e grandeza perante o mundo ocidental, considerando que a China é uma incógnita, sobretudo quanto às pretensões no campo político e econômico.

E 9 - O tema geral **da mais espetacular cerimônia de abertura** da história das Olimpíadas **seria** a emergência da China como **gigante econômica, potência política** e, sobretudo, presença cultural no palco mundial. a intenção aparente era transmitir a mensagem de que a China é um **país moderno, em ascensão**, e que possui a mais longa civilização contínua da história humana. [...] Os **esforços meticolosos** para incentivar os habitantes de Pequim a serem hospitaleiros com os visitantes, além da persistente atenção aos detalhes para **tornar** a cidade apresentável aos turistas estrangeiros, indicam que os organizadores estão profundamente preocupados com a maneira como a China é apreendida e receosos quanto às imagens que os visitantes - especialmente os mais de 30 mil jornalistas - levarão para casa.

A recategorização do referente China, por meio das expressões “gigante econômico”, “potência política”, “país moderno” e “em ascensão”, marca uma imagem identitária do país como pertencente ao bloco dos países desenvolvidos, de grande poder e influência no mundo, além disso, a expressão nominal definida “a mais espetacular abertura” parece conferir aos chineses uma competência ímpar, jamais vista anteriormente. Assim, Tu Weiming parece trazer a emergência do discurso nacionalista chinês de exaltação à sua capacidade de surpreender o mundo e se inserir no bloco dos países mais importantes do mundo. No entanto, o termo verbal “seria”, no futuro do pretérito, marca uma posição sujeito que não parece comungar com esse discurso, num indicativo de que tais imagens não passam de uma tentativa da China se mostrar ao mundo ocidental como país moderno e em ascensão.

Se, por um lado, a imagem que a China tentou imputar a si própria, por meio do espetáculo de abertura dos Jogos Olímpicos, surge como uma construção político-ideológica de auto-exaltação, por outro, devemos considerar que tal imagem seja uma estratégia discursiva que busca desconstruir a imagem constituída pelo discurso

capitalista-ocidental, segundo o qual a China é um país de segunda classe: incapaz de produzir inovações tecnológicas, que copia e falsifica a produção alheia. Entendemos que o discurso de inserção da China na cultura globalizada, é, também, um discurso de resistência ao poder hegemônico ocidental, e, de acordo com Coracini (2010, p. 111), a inserção à cultura do outro também é uma forma de resistência para assegurar a sobrevivência de um povo. Para Foucault (2004), a resistência faz parte das relações de poder e, como tal, participa, também, da *ordem do discurso*, de forma transversa, rompendo o poder e a ordem constituída (CORACINI, 2010, p. 112).

A identidade, como efeito das formulações discursivas, é constituída de forma heterogênea pelos diferentes discursos e vozes que se entrecruzam no seio das organizações sociais. No enunciado, “Os esforços meticulosos para incentivar os habitantes de Pequim a serem hospitaleiros com os visitantes”, encontramos um traço identitário que contrasta com o apresentado em “gigante econômico”, conforme analisamos anteriormente. Os itens lexicais “esforços meticulosos” instauram uma ação não voluntária, de modo que a hospitalidade com os visitantes parece ser custosa, sacrificante para os chineses, num indício de que a China não é hospitaleira com seus hóspedes/visitantes, contrapondo-se à imagem de um país moderno e inserido na cultura global. Ao contrário, a imagem atribuída à China é de um país que não acolhe incondicionalmente seu hóspede. De acordo com o princípio derridiano, para a China, o hóspede é um outro, hostilizado, sobretudo se considerarmos que boa parte desse hóspede não comunga com o sistema político chinês, tampouco com o modo como o governo da China conduz sua política interna de comunicação.

Encontramos, também, indícios de que Pequim não é uma cidade agradável para os estrangeiros, a partir do enunciado “tornar a cidade apresentável aos turistas estrangeiros”, visto que o verbo “tornar”, de acordo com Bechara (2006, p. 232), indica a condição de mudança de estado. Aqui, o verbo “tornar” vem marcar a modificação necessária ou a readaptação da cidade na direção de passar a ser uma cidade agradável aos olhos ocidentais. Ressaltamos que, para o enunciador, as cidades chinesas não são adequadas para receber estrangeiros, não possuem infraestrutura conveniente e sua população tem hábitos que causam estranhamento aos estrangeiros, de modo que o discurso precisa mobilizar que é preciso uma transformação das cidades chinesas na direção dos padrões de conforto e bem-estar ocidentais. Isso vem marcar a identificação

da China como um país subdesenvolvido e não como uma “potência” econômica e social.

Em E 10, percebemos a vinculação dos Jogos Olímpicos aos interesses econômicos, visto que o patrocínio das empresas multinacionais movimenta milhões de dólares, o que tornou o evento esportivo em pauta um grande negócio. Conforme nos lembra Jameson (2001), os eventos esportivos não escapam às afetações da globalização, da lógica mercadológica que transforma toda forma de produção cultural em produtos que geram lucro. Considerando que a China é, hoje, o maior mercado consumidor, com uma população de mais de um bilhão de habitantes ávidos para consumir os produtos industrializados, as empresas como a Coca Cola, Kodak, McDonald’s, Johnson&Johnson, entre outras, viram no patrocínio à Olimpíada de Pequim um bom investimento, posto que vincular sua marca a um evento assistido por mais da metade da população do planeta pode trazer dividendos incalculáveis.

Entendemos que o título da reportagem “Patrocínio à Olimpíada gera controvérsia” marca uma posição enunciativa da *FSP* contrária ao princípio mercadológico do *marketing* empresarial, enfatizando a polêmica gerada pela campanha publicitária criada para a Anistia Internacional cujo slogan é “Que todos vejam o que se joga na China”. Nesse sentido, a *FSP* desloca o discurso do *marketing* para o campo político, segundo o qual na China os direitos humanos não são respeitados.

E 10 - O regime político, a censura à imprensa, os protestos tibetanos, o desrespeito ao meio ambiente, entre outros fatores, fizeram que os próximos jogos olímpicos se tornassem uma **corrida de obstáculos** para os anunciantes. [...] O discurso que defende as olimpíadas, ouvido de vários anunciantes **é um só**: os jogos são maiores do que regimes políticos. “as olimpíadas sempre fazem do mundo um lugar melhor”, afirmou Warren Buffett, um dos maiores acionistas da Coca Cola

Ao discursivizar que as questões políticas da China tornaram os Jogos Olímpicos uma “corrida de obstáculo” para os anunciantes, a *FSP* traz os conflitos políticos para o interior do discurso esportivo, mostrando que o acontecimento das Olimpíadas está longe de ser um evento de comunhão entre atletas dos cinco continentes; ao contrário, tem se tornado um instrumento político para todos os

segmentos. Assim, o espírito olímpico e os ideais do Barão de Coubertain⁹ sucumbiram aos interesses políticos e econômicos.

Para a *FSP*, as Olimpíadas se tornaram um grande negócio cujo interesse principal é o lucro. Na esteira de Jameson (2004), afirmamos que a mercantilização da cultura homogeniza os valores sócio-culturais, numa ode ao consumismo, de modo que a arte como cinema, música, artes plásticas se tornaram produtos de consumo de massa. Nessa mesma perspectiva, entendemos que o esporte olímpico também se tornou produto de consumo e nada tem de amador, nos nossos dias. Os resultados obtidos nos jogos, as marcas superadas, os recordes quebrados são frutos da indústria de atletas, que produz campeões patrocinados por grandes empresas que visam lucro, ao atrelar sua marca à imagem de um campeão olímpico.

Mas para a *FSP*, a imagem negativa da China, perante o mundo ocidental pode capitalizar prejuízos e não lucros aos patrocinadores das Olimpíadas, pois vincular suas marcas a um país ditatorial pode arranhar a imagem da própria empresa. Embora a matéria publicada no *Caderno Dinheiro* seja uma reportagem, entendemos que a matéria instaura um aconselhamento ao investidor, que deveria ponderar sobre os riscos de patrocinar os Jogos num país controverso e polêmico como a China.

No enunciado, “o discurso que defende as Olimpíadas ouvido de vários anunciantes é um só”, a *FSP* vem mostrar a emergência do discurso hegemônico, de sentido único, ferindo o caráter dialógico dos discursos. A pretensa homogeneidade do discurso da *FSP* desconsidera a constituição interdiscursiva, bem como a inscrição do sujeito nas FD. Assim, a discursividade de “os jogos são maiores que o regime político” se liga à FD empresarial, atravessada pela FD olímpica, e mobiliza a justificativa dos patrocinadores que, embora não comunguem com o regime socialista, acreditam que as diferenças ideológicas não são empecilhos para investir no maior evento Olímpico realizado até hoje. Tal justificativa marca a tentativa dos patrocinadores de agradar tanto a China quanto seus opositores, considerando que ambos são consumidores de seus

⁹ O Barão de Coubertain foi o principal idealizador das Olimpíadas da era moderna, responsável pela reforma pedagógica do sistema educacional francês, o Barão acreditava que o poder da educação era maior que o das armas, acreditava, também, que era possível aliar o esporte à produção intelectual. Com o lema O importante não é vencer, mas competir com dignidade, Coubertain defendia o amadorismo do esporte para a manutenção do espírito acolhedor das Olimpíadas, cujo objetivo deveria ser a celebração de atletas e visitantes (cf. <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/historia/barao.jhtm>, acesso em 05 de dezembro de 2010).

produtos. Desse modo, os interesses econômicos se sobrepõem a quaisquer outros interesses.

Encerando a análise dos dados da *FSP*, passamos, agora, a analisar os dados do jornal regional.

3.3.2 *Folha da Região e a identidade da China*

O jornal regional, em decorrência de seu porte e de sua abrangência, não mantém sucursal, tampouco correspondente internacional. Diferentemente da *FSP*, que enviou uma equipe de correspondentes para acompanhar os Jogos Olímpicos, a *FR* adquiriu as matérias acerca das Olimpíadas de agências de notícia. Tal prática é bastante comum em periódicos de porte médio e pequeno, visto que esses órgãos de imprensa não possuem aporte financeiro para envio de profissionais ao exterior, além disso, a ausência de profissionais qualificados, sobretudo no que diz respeito a questões internacionais, é outro entrave para a manutenção de correspondentes internacionais em jornais do interior como a *FR*.

Os dados, nesta etapa, são constituídos por sete matérias, em que somente uma é considerada opinativa: trata-se de um editorial produzido pela própria equipe de editoria do jornal regional e seis reportagens produzidas por agências de notícia. Selecionamos as reportagens: “China conta sua história em abertura que durou 4 horas”, adquirida da *Folhapress*, publicada no dia 09 de agosto; “Novo atentado à liberdade: China restringe as entrevistas em praça”, também da mesma agência de notícia, publicada em 06 de agosto; “Menina “feia” teve a voz dublada no hino da China”, produzida pela *Agência Estado*, publicada no dia 13 de agosto; “Com ressalvas, Pequim leva elogios”, produzida pela *Folhapress*, publicada no dia 07 de julho; “Número 8 marca a cerimônia de abertura”, também da *Folhapress*, publicada no dia 07 de agosto; “Faltando 1 mês para abertura, Olimpíada vai da festa à tensão”, da *Agência Estado*, publicada em 08 de julho; além do editorial “Política no esporte”, do dia 15 de abril.

Devemos considerar que as reportagens selecionadas não foram produzidas pela equipe do próprio jornal, mas adquiridas, em sua maioria, da agência *Folhapress*, bem como da *Agência Estado*. Desse modo, a *FR* se isenta da responsabilidade enunciativa da reportagem, no entanto, entendemos que, ao veicular em seu periódico, ela se torna

co-enunciadora, dividindo, assim, a responsabilidade pelo discurso veiculado, portanto, para efeito de nossa pesquisa, consideramos os discursos analisados como enunciados pela *FR*.

No primeiro excerto do periódico regional, constatamos que o jornal não enfatiza o aspecto político da cerimônia de abertura dos jogos, como o fez a *FSP*. Em R 1, percebemos que a matéria refere-se ao evento mais como um grande espetáculo esportivo do que como um acontecimento ligado a interesses políticos.

R 1 - A cerimônia começou com uma grande queima de fogos e uma contagem regressiva, mostrada no centro do estádio por meio de um mosaico de luzes. Na seqüência, percussionistas tocaram tambor enquanto falavam a frase do pensador Confúcio **“amigos vieram de tão longe, estamos muito felizes”**. [...] prosseguiu com uma queima de fogos que cruzou Pequim, partindo da Cidade Proibida até o Ninho do Pássaro, representando os passos da caminhada dos atletas até os Jogos Olímpicos. Durante a cerimônia, **os chineses mostraram as fases de sua história, pulando da China Imperial para a China Moderna. Também tiveram destaque invenções do país** como a **pólvora, o papel, a impressão e a bússola. Tudo repleto de cores**, coreografias e muita tecnologia. A bandeira chinesa foi conduzida para o estádio por 56 crianças, cada uma representando uma etnia existente na China.

Em R 1, examinamos que a ausência de parte da história chinesa, mencionada em E 3 como “decadência”, pela *FSP*, é considerada como um salto na história, ou seja, segundo a *FR* “os chineses mostraram as fases da sua história, pulando da China Imperial para a China Moderna”, sem nenhuma referência negativa ou positiva sobre esse período. Embora a descrição definida “China Moderna” faça referência à abertura econômica pós Mao, não há marcas notórias de caráter político no evento esportivo. O jornal silencia a postura autoritária do governo chinês, a ausência de democracia e liberdade de expressão, destacadas pela *FSP*, ressaltando apenas o colorido da festa, demonstrado nas passagens “A cerimônia começou com uma grande queima de fogos” e “tudo repleto de cores, coreografia e muita tecnologia”. Para corroborar o caráter festivo do evento, a foto que ilustra a matéria mostra o Estádio Nacional, o “Ninho do Pássaro”, coberto por fogos de artifício coloridos, durante a cerimônia oficial.

Nesse excerto, a imagem identitária veiculada pela *FR* mostra uma China com capacidade inventiva e revolucionária, conforme o fragmento “Também tiveram destaque invenções do país como a pólvora, o papel, a impressão e a bússola”. Os referentes das invenções chinesas: “pólvora, papel, imprensa e bússola”, remetem ao período de pujança da China, período em que o país asiático era a nação mais

desenvolvida do mundo, e, segundo o jornal regional, “tiveram destaque” na cerimônia de abertura. Desse modo, a *FR* parece comungar com a ode às invenções chinesas pretendida pelos organizadores do evento, revelando uma posição sujeito omissa quanto aos problemas enfrentados pelo gigante asiático, bem como quanto ao confronto velado entre o poder econômico do comunismo chinês que ameaça o poder hegemônico do Ocidente.

Além disso, em “Também tiveram destaque as invenções do país”, o operador argumentativo “também” reforça a ideia de que a China vem se constituindo como potência esportiva, capaz de promover um evento dessa magnitude. Desse modo, o discurso da *FR* se inscreve na FD esportiva, ao mesmo tempo em que traz o interdiscurso das invenções chinesas. Verificamos que a FD esportiva vem atravessada pela FD da ciência, conferindo à China competência tanto no mundo esportivo como no mundo científico. Vale ressaltar que, como já mencionamos anteriormente, a imprensa foi uma invenção chinesa do século VIII, embora, no Ocidente, tal invenção seja atribuída ao alemão Johan Gutenberg, no século XV.

O jornal regional destacou, ainda, as palavras declamadas por percussionistas enquanto tocavam os tambores: “amigos vieram de tão longe, estamos muito felizes”. Tais palavras conferem à China o papel de anfitriã, de hospedeira que acolhe incondicionalmente o hóspede. Esse acolhimento pode ser percebido em “estamos felizes”. O verbo na primeira pessoa do plural se configura num “nós” coletivo, “nós, os chineses”, não somente os percussionistas da cerimônia, de modo que o país asiático, na voz dos artistas, se apresenta como receptivo a todos “que vieram de longe”, chamado de “amigos”. De acordo com o Dicionário Aurélio Eletrônico (disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com>), o termo “amigo” significa “pessoa a quem se está ligada por uma afeição recíproca”, assim, podemos dizer que, para os chineses, todos os atletas presentes, bem como os que assistiam à cerimônia, ou seja, todos que eram de longe estavam, de certa forma, ligados por laços de afeição recíproca, o que significa a aceitação do outro. Ao chamar os estrangeiros de “amigos”, a China os coloca no mesmo espectro de seus aliados políticos, visto que, de acordo com o mesmo dicionário, o termo pode significar também “aliado”.

Devemos ressaltar, ainda, que a *FR* traz os dizeres dos percussionistas destacados por aspas, demarcando o discurso direto, assim, a heterogeneidade mostrada

traz para o discurso jornalístico a voz do governo chinês, com a qual o jornal regional parece não comungar, de modo que o sujeito *FR* se isenta dos efeitos de sentido de tais palavras.

A posição assumida pela *FR*, qual seja, o silenciamento da dimensão política, não significa, entretanto, uma concordância com o comunismo chinês, mas, uma tentativa de preservar a sua própria imagem, de neutralidade no que tange às questões polêmicas. No entanto, o silenciamento, por si só, segundo Orlandi (2007), é revelador da dimensão política da linguagem, além disso, o silenciamento do período histórico chinês, que compreende a Revolução Comunista e a transformação por que passou a China, vem mostrar que também a *FR* não comunga com o comunismo, visto que o jornal “apagou” qualquer referência a essa fase da história chinesa.

No que concerne à seleção temática das matérias veiculadas pelo órgão midiático regional, voltamos aos ensinamentos de Charaudeau (2009, p. 78-79), segundo os quais a informação midiática é formulada pela instância de produção que, por sua vez o faz de acordo com os desejos e as necessidades da instância de recepção, ou seja, o público leitor. Considerando as condições de produção do discurso do jornal regional e os perfis de seus leitores, consideramos que a atitude tomada pela *FR*, de não envolvimento com questões política de cunho internacional, seja mais um dispositivo do poder, mais uma estratégia para satisfazer seu público leitor, ávido por notícias locais e pouco interessado por notícias internacionais, de posicionamento político-ideológico.

Não obstante o pouco interesse por política internacional, o jornal não se furtou de mencionar, ainda que superficialmente, os interesses político-econômicos da China, bem como os conflitos envolvendo o país asiático, conforme destacamos no excerto 2.

R 2 - A delegação de Taiwan foi muito aplaudida ao entrar no Estádio nacional. Os taiwaneses têm uma **relação complicada** com a China, que considera o país parte de seu território e espera uma **reunificação**. Pequim já ameaçou **invadir** a ilha se esta declarar a independência. [...] A bandeira olímpica entrou no Ninho do Pássaro carregada por oito pessoas, sendo **uma delas tibetana**. Manifestações pela libertação do Tibete marcaram o trajeto da tocha olímpica pelo mundo. Ativistas fizeram protestos em Londres, Paris e San Francisco acusando a China de violar os direitos humanos e de reprimir com violência protestos no Tibete.

Em R 2, ao destacar a “relação complicada” entre Taiwan e China, *FR* parece minimizar os conflitos que envolvem os dois países. Vale lembrar que, após a Revolução Comunista, em 1949, a ilha de Taiwan passou a ser o refúgio das lideranças

Kuomintang, além de abrigar as embaixadas de vários países ocidentais que se retiraram de Pequim e de contar com o reconhecimento da ONU como um país independente, embora Pequim reivindicasse a incorporação da ilha ao seu território, conforme já mencionamos no capítulo II. Assim, chamar de “relação complicada” um problema não apenas diplomático, mas de interesses político-econômicos internos e externos, configura uma posição sujeito da *FR* de aparente neutralidade quanto aos conflitos internacionais.

Devemos considerar que, de acordo com o dicionário Michaelis, a expressão lexical “relação”, dentre 14 definições, pode significar “ligação íntima entre duas pessoas” (MICHAELIS, 1998, p. 1807) e o adjetivo “complicada”, de acordo com o mesmo dicionário, significa “em que há complicação, dificuldade, embaraço, impedimento” (MICHAELIS, 1998, p. 547). Consideramos que o discurso da *FR* se inscreve na *FD* política e que a expressão “relação complicada” significa, aqui, não uma ligação íntima com dificuldades, mas uma discórdia, um conflito político. Assim, o discurso da *FR* nada tem de neutralidade quanto às questões políticas.

Além disso, o jornal parece aceitar a integração da ilha de Taiwan à China continental, marcado pelo uso do termo “reunificação”. O prefixo “re”, que indica repetição, empresta ao radical “unificação” uma nova significação, conforme nos ensina Bechara (2008, p. 338), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Assim, o termo em questão (re)unificação significa unir novamente, retornar à configuração anterior, o que marca uma posição sujeito da *FR* compatível com as pretensões chinesas, no sentido da (re)integração de Taiwan ao território chinês. Ou seja, o discurso do jornal parece comungar da ideia de que a ilha deva retornar aos domínios da China, retornando à condição anterior à Revolução Maoísta. Desse modo, o efeito de sentido da expressão “reunificação”, qual seja, de restaurar a unidade territorial da China, aponta para um jornal que não reconhece a independência da ilha. Por outro lado, em R 2, no enunciado “Pequim já ameaçou invadir a ilha”, o termo “invadir” remete a uma ação violenta e ilegal, pois, dentre as cinco significações desse verbo temos a seguinte definição “entrada violenta, incursão, ingresso hostil” (MICHAELIS, 1998, p. 1174), o que implica numa representação identitária da China como um país violento.

Encontramos, assim, imagens múltiplas da China, um país que reivindica a integração de Taiwan ao seu território como um fato de direito, uma vez que a ilha

pertencia ao país asiático, ao mesmo tempo em que é capaz de ações violentas para garantir seus interesses. Também encontramos na *FR* uma posição sujeito contraditória, que ora comunga com os gestos de Pequim, ora os critica.

Trazemos a contribuição de Coracini (2007, p. 61) para melhor compreender a multiplicidade e a contradição que constituem a identidade da China, bem como da *FR*. Para a estudiosa, as contradições são próprias da constituição do sujeito, que interpelado pelo inconsciente se constitui num sujeito dividido, cindido, mas que vive a sua identidade como uma pessoa unificada. Consideramos que a discursividade da *FR* busca, na ilusão de unicidade do discurso da mídia jornalística, a sua aparente unidade identitária, por meio de uma pseudoneutralidade no que concerne às questões políticas internacionais. Mas, ao trazer a representação de uma China heterogênea, fragmentada, com imagens positivas e negativas, ora aplaudindo, ora criticando as atitudes das autoridades chinesas, o discurso em pauta vem construir um sujeito também dividido, cindido, interpelado pelo inconsciente.

Outro enunciado de R 2 vem contradizer a aparente neutralidade do discurso do jornal regional. Verificamos em “A bandeira olímpica entrou no Ninho do Pássaro carregada por oito pessoas, sendo uma delas tibetana” o silenciamento das outras etnias que compõem a população chinesa. Conforme já dissemos anteriormente, para Orlandi (2007b, p. 53) ao dizer um sentido, necessariamente, está não dizendo outro, de modo que, ao destacar que uma das crianças era tibetana, o jornal silencia as outras 53 etnias.

Além disso, o enunciado “uma delas tibetana” remete à memória dos conflitos ocorridos no Tibete, meses antes dos Jogos, situação que ocasionou muitos protestos durante a passagem da tocha olímpica pelo mundo. A oração explicativa “sendo uma delas tibetana” vem conferir um estranhamento desse discurso midiático em relação à participação de um tibetano na cerimônia festiva, depois da violenta repressão imposta pela China aos manifestantes do Tibete, sobretudo porque a bandeira olímpica simboliza a união e a harmonia entre os povos. Entendemos que o discurso da *FR*, na oração destacada, confere ao fato uma ironia, visto que o símbolo da união olímpica foi carregado por uma vítima da violência chinesa, de modo que a enunciação do jornal regional, longe de se eximir de questão polêmicas, mergulha nos conflitos internacionais.

Entendemos que, no fragmento em destaque, a opacidade da língua, as falhas, os equívocos inerentes ao discurso mostram uma posição sujeito contrária às atitudes e posições ideológicas adotadas pelo governo de Pequim. Em R 3, encontramos uma posição crítica em relação ao autoritarismo do governo chinês de forma mais direta. O título “Novo atentado à liberdade: China restringe as entrevistas na praça” acena para um sujeito com posição ideológica definida, contrário ao regime comunista chinês, considerado ditatorial. O termo “atentado”, de acordo com o dicionário Michaelis (1998, p. 250), pode ter seis significados, todos referentes a desrespeito e/ou violência, dentre os quais encontramos: “agressão violenta, principalmente contra personalidade ou entidade pública, instituição, princípio, norma, etc.”. Assim, podemos dizer que o título da matéria confere à China uma representação identitária repressora e violenta, um país que atenta contra um princípio universal, a liberdade; além disso, o determinante nominal “novo” confere à prática repressiva adotada por Pequim a ideia do já dito, de repetição, ou melhor, de constância.

Entendemos que para a *FR*, a China surge como um país que não respeita a liberdade, que silencia a imprensa local, que controla a informação por meio de censura aos conteúdos considerados inadequados. Para corroborar essa imagem identitária, a fotografia que ilustra a reportagem mostra o “Ninho de Pássaro” cercado por visitantes, mas com um militar em primeiro plano, reforçando a ideia de militarismo e austeridade, confirmada pela legenda “Polícia patrulha ‘Ninho de Pássaro’, no último ensaio para abertura”.

R 3 - Após anunciar que a imprensa **poderia** atuar **livremente**, o que vinha sendo cumprido, Pequim **mudou de postura ontem e proibiu entrevistas sem autorização** na Praça da Paz Celestial, **contrariando o que foi combinado com o COI**.

A decisão ocorreu no dia em que chegaria à cidade a tocha olímpica, que passaria pela praça. E após a realização de um protesto próximo ao local em que moradores foram desalojados de suas casas. [...] **É a segunda vez que um acordo com o comitê é descumprido** pelos chineses. **Inicialmente a China também prometera livre acesso** à internet pelos jornalistas, o que não ocorreu. [...] Executivos de tevê afirmam que filmar no local **sempre foi um problema**.

Nesse excerto, encontramos duas imagens diferentes da China. Em “mudou de postura ontem e proibiu entrevistas sem autorização” e “inicialmente a China também prometera livre acesso”, os organizadores temporais “ontem” e “inicialmente” ativam a memória, pelo interdiscurso, de que anteriormente havia liberdade para filmar e

entrevistar na Praça, bem como o acesso à internet. Considerando que “ontem” instituiu um “agora” da enunciação, podemos dizer que há uma oposição entre a imagem de ontem e a de agora: ontem havia liberdade para a imprensa internacional, agora não há mais.

Além disso, o enunciador reforça a ideia de que a liberdade de imprensa, atualmente, na China, é algo improvável, visto que para o enunciador a China não cumpre acordos firmados, nem mesmo com autoridades internacionais. A formulação verbal “poderia”, no futuro do pretérito indica “ação condicionada, quando se refere a fato que não se realizou e que provavelmente não se realizará” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 477), o que confere à atuação livre da imprensa uma impossibilidade de realização, uma vez que esta estaria condicionada ao cumprimento do acordo formulado pelo governo chinês.

Devemos ressaltar, ainda, que “atuar livremente” instaura uma vontade de liberdade, como se a imprensa tivesse liberdade total, como se não houvesse nenhuma regra de atuação.

A atitude das autoridades chinesas, de coibição da atividade jornalística na Praça da Paz Celestial, é considerada constante, conforme analisamos em “É a segunda vez que um acordo com o comitê é descumprido”, o que vem corroborar o efeito de sentido estabelecido pelo título, de que as práticas autoritárias contra a imprensa são comuns na China. Além disso, em “Executivos de tevê afirmam que filmar no local sempre foi um problema”, o organizador temporal “sempre” indica que tais atitudes ocorrem de longa data e que não há perspectiva de democratização da informação no país asiático. Para conferir um efeito de verdade, o periódico atribui a afirmação de que “sempre foi um problema” a executivos da imprensa televisiva, na forma do discurso indireto, o que confere ao enunciador um sentido de autoridade, visto que, segundo Charaudeau (2009, p. 163), o discurso relatado inscreve no discurso uma outra voz enunciativa, tirada de um outro ato enunciativo para provar a autenticidade do discurso do relator. Assim, outros profissionais da imprensa corroboram a imagem identitária que o jornal faz da China, de um país autoritário, que não respeita a liberdade de imprensa. O fragmento, “contrariando o que foi combinado com o COI” confere às autoridades chinesas o desrespeito também diante da entidade internacional promotora do evento esportivo.

Outro aspecto a salientar é que, para o jornal, a decisão de proibir entrevistas sem autorização ocorreu em virtude da chegada da tocha olímpica a Pequim. Embora não sejam mencionados os protestos, que ocorreram em muitas cidades, por onde passou a tocha, a *FR* afirma que houve protestos nas proximidades de Tinamen, por ocasião do desalojamento de moradores, o que significa que, durante a passagem da tocha pela Praça da Paz Celestial, os protestos seriam inevitáveis. Encontramos, nesse excerto, uma FD midiática atravessada pela FD política, visto que para a *FR* a mídia, com transmissões e entrevistas, diretamente de Pequim, tem o poder de mostrar ao mundo uma face do governo chinês que ele tenta esconder. Além disso, entendemos que a FD dos direitos humanos perpassa o discurso da *FR*, nesse excerto, pois o direito à livre manifestação do pensamento, seja por meio de protestos ou por meio da imprensa, é um direito imprescritível defendido pelos organismos de defesa dos direitos humanos.

O receio das autoridades chinesas de que mais protestos sejam registrados pela imprensa internacional, durante a passagem da tocha olímpica, sobretudo, no coração de Pequim, segundo o discurso do jornal, significa que as autoridades chinesas não têm a coragem de mostrar ao mundo a sua face, atravessada pelos problemas internos e descontentamentos da sua população com a política adotada pelo PCCh.

Ao contrário, há uma preocupação do governo chinês em apresentar uma imagem positiva ao Ocidente, sem o descontentamento de sua população, sem a poluição que praticamente encobre Pequim numa névoa cinza. Desse modo, a China tenta se mostrar como um país desenvolvido do Ocidente, escondendo suas mazelas com atitudes autoritárias.

Considerando que o sujeito é uma construção social e discursiva perpassada pelo olhar e pelo discurso do outro sobre o sujeito, conforme nos ensina Coracini (2007, p. 17), a imagem que a China tem de si é perpassada pelo olhar que temos dela, ou seja, de autoritarismo, de controle rigoroso da informação, de quem exerce o poder de decisão sobre tudo e todos. Exatamente a imagem que ela tenta desfazer frente ao Ocidente. Assim, ao tentar desfazer essa imagem identitária, a China assume para si a imagem que lhe é atribuída.

O temor de novos protestos, na Praça da Paz Celestial, apresentado pelas autoridades chinesas, nos remete ao massacre ocorrido em 1989, televisionado ao mundo inteiro. A cobertura jornalística do massacre com imagens do herói solitário,

diante de uma fila de tanques de guerra, bem como a investida do exército chinês contra os estudantes acampados na Praça, pedindo abertura política e liberdade de expressão, perfilam traços identitários ligados à violência e repressão, diante de cidadãos chineses, contrariando o discurso dos direitos humanos. Entendemos que a proibição de entrevistas e imagens não autorizadas se deva exatamente à tentativa de não reativar no ocidente a memória dos acontecimentos de 1989. Mas, longe de imprimir uma nova imagem, mais “palatável” aos olhos ocidentais, parece-nos que a China mergulha em atitudes que contradizem tais tentativas.

Vale dizer que a busca da China pela imagem perfeita é criticada pela *FR* em R 4, conforme apresentamos agora.

R 4 - Cinco dias **depois** da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, alguns **detalhes ocultos continuam a surpreender o mundo**. Agora surgiu a notícia de que a garota de 7 anos que, teoricamente, teria cantado o hino nacional da China, apenas dublou a música, já que **a menina escolhida** para cantar não possuía uma “imagem apropriada” para a ocasião. [...] A China se **empenhou ao máximo** para passar uma imagem impecável perante os olhos do mundo, tanto que Pequim mandou de volta vários cidadãos ao interior e escondeu edifícios e construções em mau estado. Decidiu-se que Yang não era **suficientemente bonita** para cerimônia, daí o convite para Lin Miaoke. Ontem, a foto de Yang Peiyi foi publicada no portal Sina.com, mostrando **sorriso de dentes separados e rosto não tão belo** como queriam as autoridades.

O espetáculo de abertura dos Jogos com movimentos impecavelmente sincronizados e muita cor e tecnologia, conforme destacamos em R 1, de acordo com o mesmo jornal, em R 4, esconde detalhes considerados escusos e que continuam a surpreender o mundo. Em “cinco dias depois da cerimônia” e “agora surgiu a notícia”, os marcadores temporais “depois” e “agora” mostram uma progressão temporal instaurando uma posição enunciativa que remete ao espetáculo da abertura olímpica. No entanto, os itens lexicais “detalhes ocultos” vêm desconstruir a exuberância da cerimônia, destacada em R 1, além disso, a expressão marca uma posição sujeito da China capaz de atitudes consideradas pela *FR* como incorretas, encontradas no plural, num indicativo de que, para a *FR*, ocorreram outras manobras de Pequim que ainda serão reveladas e que também são passíveis de críticas .

Ademais, o enunciado “continuam a surpreender o mundo” traz para a cena enunciativa o discurso de que o espetáculo promovido pela China, em 8 de agosto, surpreendeu o mundo, ou seja, o mundo não podia imaginar que a China fosse capaz de

realizar uma cerimônia tão exuberante. Mas o item lexical “surpreender”, que carrega uma imagem positiva, no que se refere à cerimônia de abertura, aqui, confere um valor negativo, posto que a surpresa do mundo surge em relação à manobra feita pelas autoridades chinesas para que tudo fosse perfeito aos olhos do mundo.

O discurso da *FR* traz a constituição heterogênea do sujeito, como uma identidade fragmentada, cindida (CORACINI, 2007, p. 17), ou seja, é a representação da China como uma nação capaz de surpreender positivamente e negativamente ao mesmo tempo: o que foi motivo de admiração passou a ser decepção. Isso porque a dublagem feita por Lin Miaoke foi motivo de indignação, de acordo com o jornal, porque “a menina escolhida para cantar não possuía uma ‘imagem apropriada’ para a ocasião”. Encontramos, aqui, na materialidade linguística, outras vozes, escondidas sob a aparente univocidade do discurso, o que Authier-Revuz (1990) denomina heterogeneidade constitutiva, articulada pelas marcas linguísticas que determinam a voz do outro no discurso do sujeito. A presença de outra voz enunciativa, no discurso da *FR*, é demarcada pelas aspas: ao dizer que Yang Peiyi não possuía uma “imagem adequada”, o jornal traz o discurso das autoridades chinesas para justificar a dublagem, assim, podemos dizer que o sujeito *FR* atribui aos chineses a ideia de que a cantora não era bonita, opinião com a qual o jornal parece não comungar. Assim, essa heterogeneidade confere ao discurso da *FR* o efeito de sentido de crítica, de resistência ao poder instituído das autoridades chinesas.

Também no título da matéria “Menina ‘feia’ teve sua voz dublada no hino da China”, a expressão “feia” aparece aspeada, configurando a não concordância do enunciador quanto à imagem atribuída à menina, já que se trata de uma imagem vinda do exterior desse enunciado, do outro.

Na sociedade contemporânea, a representação simbólica da beleza tem íntima relação com a estética feminina socialmente aceita, desse modo a feiúra é uma das formas mais significativas de exclusão social feminina e, também, uma forma de agenciamento de subjetividade (NOVAES, s/d).

Entendemos que, segundo o discurso do jornal, a atitude da China de esconder a “feia” para mostrar apenas a “bonita”, se constitui em outra manobra chinesa para impressionar o mundo. Analisamos, nesse excerto, a referência a Yang Peiyi, por meio da catáfora “menina feia”, no título da matéria, e “menina escolhida”, além da

recategorização “sorriso de dentes separados e rosto não tão belo”. Yang, a menina feia, foi a escolhida entre tantas outras, assim, se a escolhida não possuía atributos de beleza, as outras, as não-escolhidas, as excluídas desse processo seletivo, sequer merecem menção do jornal. Entendemos que, no discurso da *FR*, Yang representa a China e, numa relação metonímica, Yang é a China, após a revelação da manobra ocorrida durante a cerimônia de abertura, cuja imagem “feia, de dentes separados e rosto não tão belo” vem ressignificar que a nação chinesa também se encaixa nesse perfil.

Outro aspecto a salientar é que, em “empenhou-se ao máximo”, em “imagem impecável” e em “suficientemente bonita”, temos a ilusão da completude do sujeito. Pêcheux (2009) nos ensina que o sujeito se constitui no/pelo discurso, assim, ele não preexiste ao discurso, ao contrário, é o discurso que determina o que o sujeito deve falar. Considerando o esquecimento nº 2, formulado por Pêcheux (2009, p. 161), segundo o qual o sujeito tem a ilusão de domínio do que ele diz, podemos dizer que o discurso da *FR* apresenta a ilusão de que é possível atingir o “máximo” do empenho e “suficiente” beleza, no entanto, o sujeito é antes, o resultado da falha, da incompletude que o constitui. Desse modo, a *FR* constrói uma imagem identitária de uma China preocupada com a aceitação do mundo, buscando a imagem impecável, o que não passa da ilusão de inteireza.

O jornal, ao destacar a preocupação da China em mostrar uma imagem agradável para o mundo, afirma que o país asiático se empenhou tanto na construção dessa imagem que “mandou de volta vários cidadãos ao interior e escondeu edifícios e construções em mau estado”. O fragmento destacado corrobora a imagem identitária atribuída pela *FR* à China, de esconder “debaixo do tapete” aquilo que não lhe agrada, como “a menina feia, os cidadãos que vieram do interior e os edifícios em mau-estado”, que representam a miséria e a pobreza que a China faz questão de esconder.

Assim, para a *FR*, a atitude da China de mostrar apenas imagens bonitas para agradar o mundo e ocultar suas mazelas, seus cidadãos comuns, considerados feios, suas construções antigas, consideradas em mau estado, enfim, de criar uma imagem falsa diante das câmeras do mundo inteiro, são considerados “detalhes ocultos” que o jornal se propõe a mobilizar.

Consideramos que a busca da imagem perfeita não é uma prerrogativa de um governo ditatorial, ao contrário, vivemos, hoje, uma sociedade regida pela ditadura da beleza e a beleza ideal, a imagem perfeita, em boa medida, é uma construção midiática. Segundo Gregolin (2007, p. 18), os discursos veiculados pela mídia “operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida”. A mídia utiliza-se de diferentes gêneros, como a entrevista, propaganda, depoimentos, entre outros, para construir subjetivações femininas e impor uma ditadura da beleza (entenda-se, também, da magreza), determinando, assim, um padrão de beleza inatingível para a maioria das pessoas. Assim, as pessoas que não se enquadram nesse padrão estabelecido são excluídas, não aparecem na mídia. Devemos considerar, também, que esse padrão da beleza é um produto da globalização (JAMESON, 2001), inspirado em padrão hollywoodiano e nas passarelas do mundo *fashion*, um padrão de beleza que exige mulheres altas, de corpo esguio, cabelos lisos e dentes perfeitos, ao qual não se encaixa a menina Yang Peiyi.

Ressaltamos que o periódico preferiu publicar a foto da menina Lin Miaoke, a “bonita” que dublou, e não a de Yang Peiyi, a cantora, com a legenda “DUBLAGEM? A menina Lin Miaoke”. O item lexical “dublagem” em caixa alta e com interrogação sugere um questionamento do jornal quanto ao fato noticiado, pois a beleza e a graciosidade de Lin Miaoke parecem colocar em dúvida que ela tenha participado de uma farsa. Entendemos que o discurso do jornal apresenta uma contradição, quando critica o empenho da China em passar uma imagem perfeita e quando ele próprio se exime de mostrar a verdadeira cantora, considerada feia. Ao mesmo tempo, o discurso da *FR* expressa uma vontade de verdade, segundo a qual a imagem da China se contrapõe aos encantos da menina Lin Miaoke.

Devemos considerar, ainda, que, de acordo com Gregolin (2003), a mídia constrói estratégias discursivas que espetacularizam os acontecimentos à sua volta, além disso, na sociedade do espetáculo midiático, o poder que rege a aparição de imagens na mídia é determinado, também, pelo culto ao corpo e à beleza. Nesse contexto, a imagem

de Lin Miaoke atende melhor aos apelos sensacionalistas de viés estético, sendo espetacularizada¹⁰ pela *FR* como um fato político-esportivo.

O excerto R 5 foi retirado da reportagem “Com ressalvas, Pequim leva elogios”, publicada no dia 09 de julho, um mês antes do início dos Jogos. Vejamos o que diz o excerto.

R 5 - Às vésperas da abertura dos Jogos Olímpicos a organização **recebeu uma medalha** de ouro do COI (Comitê Olímpico Internacional) **E algumas cobranças**.

Apesar de pontuar que permanecem abertos “**número bastante pequeno de questões**”, Verbruggen [...] declarou que o COI **está satisfeito** com o trabalho do comitê organizador.

As reprimendas ficaram por conta de três questões: a qualidade do ar de Pequim, liberdade de imprensa e a conclusão de duas novas linhas de metrô. A poluição, **fato que preocupa também os chineses** [...] estava particularmente evidente ontem. Verbruggen e Liu Qi estavam envolvidos em uma névoa acinzentada que limitava impressionantemente a visibilidade a alguns metros (**a autoridade ambiental local classificou a qualidade do ar como “boa”**)

Nesse excerto, as construções “recebeu uma medalha” e “algumas cobranças”, bem como “está satisfeito” e “as reprimendas” marcam a imagem paradoxal que o jornal traz da China. A “medalha” remete à competência do país asiático na construção das instalações dos jogos. Por outro lado, as “cobranças” indicam falhas na organização. Ou seja, para o discurso da *FR*, a China demonstra, ao mesmo tempo, competência e incompetência. Assim, os elogios recebidos por Pequim são ofuscados pelas ressalvas. Embora o membro do COI tenha elogiado a organização dos jogos de Pequim, pois todas as instalações estavam completas 30 dias antes do início da Olimpíada, e impressionavam pela modernidade, o jornal prefere enfatizar as ressalvas, os problemas levantados por Verbruggen, já que, para o representante do COI, segundo o próprio jornal, permanecia aberto “número bastante pequeno de questões”.

Assim, as “pequenas questões”, segundo Verbruggen, são consideradas reprimendas, para o jornal, conforme observamos em “as reprimendas ficaram por conta de três questões”. Vale ressaltar que o item lexical “reprimenda”, de acordo com o Dicionário Michaelis (1998, p. 1822), significa “repreensão, censura, ou admoestação severa”, assim, os problemas levantados pelo representante do COI são maximizados pelo jornal e assumem o caráter de erros cometidos pela organização de evento. Erros

¹⁰ Contribuição do professor Dr. Marlon Leal Rodrigues durante o exame de qualificação, no dia 10 de setembro de 2010.

que merecem repreensão. Ressaltamos, aqui, a FD moralizante, que estabelece o certo e o errado, sendo que o erro deve ser repreendido para que não seja mais repetido, atravessada pelas FDs da democracia e da ecologia, conforme demonstrada pelas “reprimendas”.

Vejam os quais são as “reprimendas”, ou as questões em aberto: trata-se da qualidade do ar de Pequim, da liberdade de imprensa e da conclusão de duas linhas de metrô. Sobre a questão ambiental, o enunciado da *FR* afirma que Verbruggen e Liu Qi, “estavam envoltos em uma névoa acinzentada que limitava impressionantemente a visibilidade a alguns metros”, de modo que o jornal ratifica a preocupação apresentada pela autoridade do COI, demonstrando que a poluição na capital chinesa encontrava-se em níveis insuportáveis. Além disso, o discurso do jornal traz uma posição divergente de uma autoridade ambiental chinesa sobre essa questão, só que entre parênteses, “(a autoridade ambiental local classificou a qualidade do ar como “boa”)”. Entendemos que os parênteses, bem como as aspas em “boa”, indicam uma ironia do enunciador. Para Maingueneau (1997, p. 98), a ironia consiste em subverter o que é assumido e não assumido pelo locutor, ou seja, o locutor pode rejeitar um enunciado sem um operador explícito, colocando em cena um enunciador que assume uma posição diferente da assumida por ele. Desse modo, para o autor, a ironia, também, consiste numa heterogeneidade constitutiva.

Nesse caso, podemos dizer que o discurso do jornal traz para a cena enunciativa uma outra voz, ironizando as palavras da autoridade chinesa. Para corroborar a ironia e a discrepância entre o que dizem os chineses e a qualidade do ar de Pequim, a *FR* traz a foto do estádio Ninho de Pássaro envolto em névoa que mal permite a visão do estádio, com a legenda “a poluição encobre o Estádio Nacional de Pequim, conhecido como Ninho de Pássaro, a um mês do início dos Jogos Olímpicos, ontem”.

Entendemos que o efeito irônico do enunciado, somado à imagem do estádio, estabelecem um efeito de verdade, no qual o jornal desqualifica a autoridade ambiental chinesa e, por conseguinte, desqualifica a China como um todo, enquanto que o enunciado da *FR* se credencia para mostrar a verdade, assim, esse *mass media* se torna detentor de um saber, que lhe confere poder (FOUCAULT, 2008b), de modo que ela se encontra na *ordem do discurso*, ela pode enunciar tal discurso porque fala do lugar de

autoridade, não aquela desacreditada, mas da autoridade midiática que prova, por meio de imagem, o que diz.

Além disso, em “A poluição, fato que preocupa também os chineses”, o operador argumentativo “também” produz o efeito de sentido de que a preocupação ambiental é maior e mais eloquente no Ocidente, onde existem inúmeras entidades ambientais, cuja preocupação faz parte das agendas prioritárias dos países ocidentais. Desse modo, o discurso da *FR* parece marcar uma posição da China indiferente ao cuidado do meio ambiente. Podemos dizer, ainda, que “também” ativa a memória discursiva do interdiscurso desenvolvimentista cujas preocupações ambientais passam ao largo.

O excerto R 6 foi extraído da reportagem “Faltando um mês para abertura Olimpíada vai da festa à tensão”. O item lexical “festa” como referência à Olimpíada traz a emergência do discurso olímpico, segundo o qual a realização dos jogos é uma celebração festiva do encontro de nações em torno do ideal olímpico de superação de seus próprios limites. Já o item lexical “tensão” insere o discurso da *FR* no discurso político e instaura a memória discursiva dos protestos ocorridos durante a passagem da tocha olímpica por diversos países. Assim, a gradação negativa instaurada por “da festa à tensão” produz o efeito de sentido de que a Olimpíada de Pequim está longe de ser uma celebração festiva, ao contrário, encontra-se mergulhada em conflitos políticos que as autoridades chinesas tentam esconder. Nesse sentido, o discurso midiático se apresenta como revelador da verdade, como se existisse a verdade única, como se a verdade não fosse uma construção discursiva atravessada por interesses e regida por jogos ideológicos.

R 6 - Concebida para coroar a **volta** do antigo “Império do Meio” ao centro das grandes potências mundiais, os Jogos Olímpicos de Pequim têm um gosto amargo para **muitos chineses**, ressentidos com os protestos contra situação dos direitos humanos. [...] O que **prometia ser uma festa de confraternização** virou **assunto de segurança nacional**. O governo divulgou “manual de comportamento” para visitantes, no qual lembra que eles devem respeitar a lei chinesa, não prejudicar a segurança nacional nem provocar danos à ordem social.

Em “volta do antigo Império do Meio ao centro das grandes potências” o item lexical “volta” implica o reconhecimento de que a China ocupa, novamente, um lugar

de destaque no desenvolvimento econômico internacional como uma potência, instaurando o interdiscurso do período de glória da China, quando o país oriental era o maior produtor de bens manufaturados consumidos na Europa Medieval. Ao mesmo tempo, o retorno ao centro das grandes potências, (re)significa também o período em que a China esteve à margem. Nesse sentido, o discurso da *FR* traz a emergência de uma imagem heterogênea da China que é potência e, ao mesmo tempo, que não o é; uma China que enuncia seu discurso, ao mesmo tempo do centro e da margem, que ocupa, portanto, um entre-lugar (BHABHA, 2007): nem é centro nem margem, mas um espaço intermediário, um “residir no além, que torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora” (BHABHA, 2007, p. 27). Para a *FR* a China é, hoje, uma potência mundial, visto que tem apresentado o maior índice de crescimento econômico do mundo e se tornado o principal parceiro comercial da maioria dos países desenvolvidos, ocupando, assim, a posição de centro na economia global; por outro lado, o país asiático não pertence à cultura eurocêntrica, de modo que ainda é considerado um país periférico, nesse sentido, a China encontra-se num entre-lugar, num espaço intermediário.

Mas se a China ocupa um entre-lugar, a *FR* enuncia seu discurso do lugar de revelador da verdade, para quem muitos chineses ficaram “ressentidos com os protestos contra a situação dos direitos humanos”, como se o jornal fosse capaz de mensurar o sentimento dos chineses quanto aos protestos ocorridos durante a passagem da tocha olímpica pelo mundo. Para a *FR*, o ressentimento se estende para “muitos chineses”. No entanto, entendemos que a expressão nominal indefinida “muitos chineses” é uma referência às autoridades governamentais e não à população civil, visto que o governo de Pequim é que estava preocupado com a imagem do país, conforme observamos em R 4. Além disso, para o jornal, a Olimpíada, que “prometia ser uma festa de confraternização” na China, se transformou em “assunto de segurança nacional”, ou seja, o discurso da *FR* reforça a imagem de autoritarismo das autoridades chinesas, que buscam manter sob controle até mesmo uma festa esportiva, tornando-a um assunto de segurança nacional.

Nesse sentido, o rigor com que as autoridades chinesas buscam manter a “ordem social” é visto pelo discurso da *FR* com ironia em “O governo divulgou um manual de comportamento”. Os itens lexicais “manual de comportamento” são aspeados, num

indicativo de que, para o jornal, as determinações de conduta estabelecidas pelo manual são atitudes de cerceamento dos direitos de livre manifestação de pensamento, ou seja, trata-se de mais uma atitude despótica do governo chinês, sobretudo, se considerarmos que o “manual” destina-se aos visitantes, considerados uma ameaça à ordem social. Tal atitude demonstra que a China hostiliza seus hóspedes, e conforme nos ensina Derrida (2003), o visitante torna-se uma ameaça à soberania, de modo que passa a ser considerado um “estrangeiro indesejável, e virtualmente como inimigo quem quer que pisoteie meu *chez-moi*” (DERRIDA, 2003 p. 49). Nesse sentido, a China parece não querer acolher todos os visitantes para o maior evento esportivo realizado no país, ao contrário, ela seleciona, escolhe seus hóspedes, aceitando apenas aquele que não ameace o *status quo*.

Na mesma reportagem a *FR* salienta outro problema enfrentado pela China, a poluição, conforme observamos em E17.

R 7 - A China enfrenta, **ainda**, dúvidas sobre sua capacidade de oferecer um ambiente saudável para os atletas. Os estádios já estão prontos, os jardins estão floridos, as equipes de torcidas ensaiadas, **mas** a poluição continua encobrindo o céu de Pequim. O domingo foi o primeiro dia de sol, depois de um longo período em que a cidade esteve encoberta por uma névoa permanente. Fora da capital, os problemas ambientais criaram uma emergência em Qingdao, sede das provas de vela, onde **a invasão de algas ameaça a realização da competição**.

O operador argumentativo “ainda” marca o interdiscurso de outros problemas enfrentados pela China, como os protestos em favor do Tibete, ao mesmo tempo, indica uma (re)atualização do discurso ambientalista, que exige que países como China e Estados Unidos diminuam a emissão de gases poluentes, lançando dúvidas quanto à capacidade do país oriental em oferecer um ambiente saudável para a realização dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, o discurso ambientalista é atravessado pelo discurso da saúde e bem estar social, associando a prática esportiva à saúde, embora saibamos que os atletas olímpicos não são praticantes de atividades físicas para a manutenção da saúde, ao contrário, esses atletas são expostos ao limite extremo do esforço humano para superar o adversário e suas próprias marcas.

Ao enfatizar os problemas da poluição na China, a *FR* inscreve seu discurso na FD ecológica, desconstruindo a imagem de competência que o país asiático tenta se

imputar. Em “Os estádios já estão prontos, os jardins estão floridos, as equipes de torcida ensaiadas, mas a poluição continua encobrindo o céu de Pequim”, o operador argumentativo “mas” estabelece a oposição entre o discurso da competência, com estádios prontos e a cerimônia devidamente ensaiada, e o discurso da incompetência para resolver o problema da poluição. Nesse sentido, a questão ambiental parece ganhar uma dimensão maior que os preparativos para a festa de abertura.

A preocupação com a questão ambiental é enfatizada também em “os problemas ambientais criaram uma emergência em Gingdao [...] onde a invasão de algas ameaça a realização da competição”. Nesse caso, a ameaça deve-se ao desequilíbrio ambiental, no entanto a ameaça parece ser decorrente de uma invasão praticada pelas algas e não como resultado da ação humana. Assim, embora a *FR* critique a ausência de ações imediatas para conter a poluição na capital chinesa, a preocupação do jornal parece restringir-se ao bem-estar dos atletas e dos visitantes e não propriamente à causa ambientalista, visto que a redução dos níveis de poluição implicaria, necessariamente, a redução da produção industrial e não em medidas paliativas para melhorar as condições do ar de Pequim, conforme o discurso do jornal reivindica.

Entendemos, pois, que o discurso ambientalista é apenas um subterfúgio para lançar críticas sobre o governo chinês, tirando a questão ambiental do cerne da discussão, pois o jornal parece ser favorável ao crescimento industrial chinês, de forma não-sustentável, que coloca o país oriental como uma das potências mundiais. Nesse sentido, entendemos que o discurso da *FR* é enunciado a partir da *FD* capitalista e desenvolvimentista, sem qualquer preocupação com a sustentabilidade, levando para o campo político-ideológico as críticas apontadas pelo jornal regional.

No recorte R 8, encontramos uma aparente neutralidade da *FR* em relação à abertura dos Jogos Olímpicos, com relato dos principais acontecimentos previstos na cerimônia de abertura. Com o título “Número 8 marca a cerimônia de abertura”, a reportagem da *FR* marca a caráter místico da cultura chinesa. Embora não faça nenhuma referência positiva ou negativa quanto ao misticismo chinês, entendemos que tais crenças não são compatíveis com o avanço técnico-científico que a China pretendia mostrar na festa de abertura do evento. Assim, o título da matéria, publicada na véspera da abertura dos Jogos, busca desconstruir a imagem que a China tenta mostrar.

R 8 - Os principais detalhes do evento, com duração prevista de três horas e meia, permanecem sob **sigilo absoluto**. [...] Para a organização são mínimas as possibilidades de chuva durante a festa, apesar da **certeza de tempo nublado** em Pequim. Segundo cronograma oficial, o espetáculo de sexta-feira será iniciado com apresentação de boas-vindas, a exibição dos anéis olímpicos, a entrada e o hasteamento da bandeira e a execução do hino nacional chinês. Em seguida, uma performance artística de cerca de uma hora vai **detalhar** a história milenar chinesa até os tempos modernos.

O efeito de sentido dos itens lexicais “sigilo absoluto” confere à China uma imagem de desconfiança e de pouca receptividade para com a imprensa internacional, para quem não se pode revelar os detalhes da cerimônia de abertura. Assim, o discurso da *FR* veicula uma *vontade de verdade* segundo a qual a China seria um país fechado, que não confia no Ocidente, embora a *FR* divulgue informações sobre o evento na própria reportagem, como observamos em “com duração prevista de três horas e meia” e “será iniciado com apresentação de boas-vindas, a exibição dos anéis olímpicos, a entrada e o hasteamento da bandeira e a execução do hino nacional chinês”.

Além disso, “sigilo absoluto” traz a emergência do interdiscurso da ausência de liberdade de expressão e da liberdade de imprensa, visto que as informações são controladas pelas autoridades chinesas. Nesse sentido, ressaltamos a censura imposta pelo governo chinês ao portal de internet Google, exigindo que assuntos considerados “delicados”, tais como democracia e direitos humanos, sejam censurados pelas ferramentas de busca.

De acordo com o Dicionário Michaelis (1998, p. 1937), o item lexical “sigilo” significa “marca de segredo, mistério” e o vocábulo “absoluto”, pode significar “3. que enuncia um sentido completo; 4. autoritário, despótico, imperioso, soberano, tirano” (MICHAELIS, 1998, p. 21), assim, a expressão “sigilo absoluto” reforça o autoritarismo do governo chinês, um governo que não preza a transparência de seus atos, ao contrário, guarda sob sigilo. Nesse sentido, “sigilo absoluto” marca um caráter negativo da imagem da China, indicando que o governo guarda em completo segredo os detalhes da cerimônia, demonstrando não confiar na imprensa internacional. Por outro lado, o item lexical “absoluto” instaura uma posição sujeito da *FR* que acredita na ilusão de inteireza do sujeito, na possibilidade de ter o controle total da informação, atribuindo, assim, à China uma imagem de poder e superioridade.

Considerando que, para Foucault (2001), o poder não deve ser considerado em termos negativos, visto que o poder é produtivo, o poder produz “domínios de objetos e rituais de verdade” (FOUCAULT, 2001, p. 196), entendemos que a imagem da China como um país que tem poder é uma imagem positiva. Nesse sentido, entendemos que “sigilo absoluto” marca uma imagem heterogênea do sujeito China no discurso da *FR*, uma imagem positiva de quem tem o poder e o controle de seus atos, ao mesmo tempo em que confere uma imagem negativa, de autoritarismo e de mistério que não poder ser revelado.

Já em “certeza de tempo nublado” verificamos novamente a presença do discurso ambientalista da *FR*, que enuncia seu discurso do lugar de autoridade, de quem está na *ordem do discurso*, de quem tem a “certeza” do que está enunciando. Ao mesmo tempo em que o item lexical “nublado” reativa o discurso ambientalista, também instaura uma imagem identitária da China como um país nebuloso, que pouco se conhece.

O discurso midiático, segundo Gregolin (2003), agencia estratégias discursivas que constituem o imaginário social sobre determinado fato, lugar ou pessoa. A construção simbólica da identidade chinesa como um país nebuloso imprime ao discurso da *FR* uma posição sujeito que não conhece muito bem a China e desconfia de suas pretensões políticas com a realização das Olimpíadas.

Em “uma performance artística de cerca de uma hora vai detalhar a história milenar chinesa até os tempos modernos”, a *FR* inscreve seu discurso na *FD* pedagógica, buscando compreender o país oriental, a partir de sua história, reconhecendo que se trata de um país milenar, trata-se da mais antiga civilização contínua da história, portanto, tem muito a dizer. Segundo o discurso da *FR*, essa história, que data de milênios, será “detalhada” até os dias atuais, ou seja, a história chinesa, a história do país nebuloso passará a ser conhecida pelo ocidente por meio de uma performance artística.

R 9 foi extraído do editorial “Política no esporte”, publicado quatro meses antes da realização das Olimpíadas, período em que os acontecimentos em torno da passagem da tocha olímpica estampavam os jornais do mundo todo.

Conforme analisamos no início deste capítulo, demonstrado no quadro 2, os editoriais da *FR* referem-se a acontecimentos locais, com pouca ênfase a fatos de

repercussão nacional ou internacional, no entanto, a editoria da *FR* publicou, em abril, o único editorial acerca da China, pois a Olimpíada é um acontecimento (CHARAUDEAU, 2009), ou seja, um fenômeno produzido no mundo transformado pelo olhar interpretativo do jornalista, cujo potencial de atualidade e sociabilidade desperta o interesse de todos os leitores, inclusive de jornais de porte médio, como a *FR*, além disso, a conturbada passagem da tocha olímpica pelo mundo não podia deixar o jornal alheio aos acontecimentos internacionais.

R 9 - **Na verdade**, a China **também** quer ganhar a medalha de honra como o país que mais cresce na economia global. **Nenhuma outra nação** do mundo cresce tanto, **polui mais** o planeta e **consome tanta** matéria-prima. Enquanto **Beijing** deseja usar a olimpíada para se mostrar como uma nova superpotência e como a locomotora da economia global, as três **potências nucleares ocidentais** querem atizar a questão do Tibete para minar tais pretensões e pressionar o partido único comunista chinês para que libere seu sistema econômico e político, como anda fazendo Cuba.

Nesse excerto, a *FR* assume a condição de reveladora da verdade ao utilizar o modalizador “na verdade” como se houvesse uma verdade absoluta a ser revelada pelo jornal. Vale ressaltar que o discurso midiático cria uma ilusão de verdade absoluta, por meio de estratégias discursivas que atendam à sua pretensa neutralidade.

Embora o gênero editorial seja considerado opinativo, entendemos que todos os gêneros jornalísticos são constituídos de informações e opiniões (CHAPARRO, 2008, p. 146), de modo que não acreditamos que exista apenas objetividade nas reportagens e notícias, tampouco, apenas subjetividade nos editoriais e artigos de opinião. Assim, entendemos que a *FR* mostra ao leitor, com o seu editorial, não apenas a sua opinião sobre a China, mas, apresenta, também, informações que corroboram a imagem que ela traz do país asiático, de modo que o editorial se apresenta como uma verdade absoluta.

Em “a China também quer ganhara medalha de honra como país que mais cresce na economia global”, além de reafirmar a condição de país em desenvolvimento com importância vital no cenário internacional, o operador argumentativo “também” aponta para a emergência do interdiscurso que reconhece no país asiático uma potência no esporte, como país que pretende conquistar muitas medalhas nesse segmento. Vale lembrar que, na Olimpíada de Atenas, a China foi o segundo país a conquistar mais medalhas e com os investimentos no esporte, nos últimos anos, o país asiático não

esconde sua pretensão de ser o número um na Olimpíada realizada em seu próprio território.

Além disso, a condição de potência parece ser atribuída à China em “Nenhuma outra nação do mundo cresce tanto, polui mais o planeta e consome tanta matéria-prima”, ao considerar que o ritmo de crescimento da China é ímpar, nesse sentido, a expressão “nenhuma outra nação” silencia (ORLANDI, 2007b) outros países desenvolvidos como os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra, entre outros, considerados potências mundiais, bem como as nações em desenvolvimento como Brasil, Rússia e Índia, que compõem o chamado Bric¹¹

Tal silenciamento, embora pareça exaltar apenas a China, em “polui mais o planeta e consome tanta matéria-prima”, exclui os países desenvolvidos do rol de nações poluidoras, desconsiderando o fato de que o desenvolvimento industrial europeu e norte-americano também é responsável pelo desequilíbrio ambiental e pelo aquecimento global. Devemos ressaltar, ainda, que os Estados Unidos se recusaram a assinar o Protocolo de Kyoto¹², visto que para reduzir a emissão de gás carbônico seria necessário diminuir sua produção industrial. Além disso, embora em números absolutos a China seja o maior emissor de gás poluente do mundo, em termos *per capta* são os Estados Unidos que ocupam esse posto. Assim, considerar a China o país que mais polui e mais consome no mundo marca, no mínimo, uma análise simplista sobre questões ambientais de relevância internacional, se não uma visão parcial dos fatos.

Em “Enquanto Beijing deseja usar a olimpíada para se mostrar como uma nova superpotência [...] as três potências nucleares ocidentais querem atizar a questão do Tibete para minar tais pretensões”, observamos a recategorização metonímica da China por meio do item lexical “Beijing” e a expressão nominal indefinida “potências nucleares ocidentais” como referência aos Estados Unidos, França e Inglaterra. A utilização do termo “Beijing”, de acordo com a pronúncia em mandarim, e não Pequim,

¹¹ A sigla foi criada pelo economista inglês Jin O'Neill, chefe de pesquisa em economia global do grupo financeiro Goldman Sachs, para se referir a Brasil, Rússia, Índia e China, países em desenvolvimento cuja economia tem crescido rapidamente. Para o Goldman Sachs, embora não se configure num bloco econômico, esses países têm procurado formar um clube político ou uma aliança política para converter seu poder econômico em influência geopolítica (cf. <http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/bric.htm>, acesso em 28 de novembro de 2010)

¹² O Protocolo de Kyoto foi assinado durante a COP-3 (Conferência das Partes da Convenção-quadro sobre mudanças climáticas das Nações Unidas), realizada no Japão em 1997. No protocolo os países desenvolvidos se comprometeram a reduzir em 5%, entre 2008 e 2012, a emissão de gases poluentes, principalmente CO₂, tomando como base os níveis de emissão de 1990 (cf. <http://www.oc.org.br/index.php?page=Conteudo&id=100>, acesso em 28 de novembro de 2010).

conforme o Ocidente denomina a capital chinesa, marca a heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990), trazendo para o interior do discurso da *FR* a voz da China, o que, de certa forma, isenta a *FR* sobre as pretensões chinesas de se expor ao mundo como potência mundial.

Quanto à referência aos países ocidentais, entendemos que a expressão nominal indefinida é utilizada como recurso para a preservação de face das tais nações, visto que, segundo o jornal, elas pretendem minar as pretensões chinesas lançando luz sobre os conflitos no Tibete. A insistência com que o Ocidente traz à tona a questão tibetana não tem relação com a violação dos direitos humanos ou o respeito à autonomia político-religiosa do Tibete, ao contrário, para o jornal, trata-se de um confronto político-ideológico com a China.

No excerto¹⁰, também extraído do mesmo editorial, encontramos evidências das questões políticas mencionadas no título, conforme se observa em:

R 10 - A tocha olímpica passou por Londres e Paris. **Supõe-se** que ela deva trazer paz e harmonia entre as nações. **Entretanto**, em seu percurso gerou protestos e choques. Centenas de **manifestantes pró-Tibete** quiseram utilizar a ocasião para **queimar** o governo chinês.

Nesse excerto, a *FR* admite que os ideais olímpicos de integração e harmonia entre as nações são apenas ilusão. No enunciado “supõe-se que ela deva trazer paz e harmonia”, o jornal utiliza o verbo “supõe”, que, de acordo com o dicionário Michaelis (1998, p. 1997), indica “admitir como hipótese”, marcando uma posição sujeito que desconfia da pretensa paz e harmonia promovida pelos Jogos. Para a *FR* a Olimpíada, simbolizada, aqui, pela tocha olímpica, como um encontro festivo de atletas de todas as nações, seria apenas uma hipótese, uma suposição que não se confirma. A não confirmação da hipótese é marcada pelo operador argumentativo “entretanto”, instaurando uma oposição entre o fato e a hipótese. Nessa perspectiva, a *FR* assume uma posição crítica quanto à utilização do evento esportivo para satisfazer interesses políticos.

No enunciado “manifestantes pró-Tibete quiseram utilizar a ocasião para queimar o governo chinês”, as críticas quanto ao uso político dos Jogos recaem sobre os manifestantes, ou seja, sobre a população civil da Inglaterra e da França, embora, em R

9, a *FR* afirma que “três potências nucleares ocidentais” quisessem minar as pretensões chinesas “atijando as questões do Tibete”. Além de não nomear as potências ocidentais, conforme já mencionamos anteriormente, o discurso da *FR* responsabiliza a população pelos protestos e não o governo desses países, ou seja, também em R 10 são preservadas as faces do governo inglês e francês.

Entendemos que no enunciado “quiseram utilizar a ocasião para queimar o governo chinês”, a *FR* parece conferir ao governo chinês a condição de vítima dos protestos, num indicativo de que o Ocidente buscasse desconstruir a imagem de prosperidade e de potência econômica pretendida pela China, “queimando” a sua reputação. Ao mesmo tempo, “queimar o governo chinês” faz emergir a memória discursiva do autoritarismo por meio do interdiscurso da violência com que o governo chinês agiu no Tibete, de modo que a China passa de vítima à agressora e os manifestantes buscam, apenas, a justiça.

O verbo “queimar”, aqui, assume o sentido de prejudicar, desmoralizar, inserindo o discurso da *FR* no discurso informal com a utilização de gírias, o termo parece não se coadunar com o gênero editorial, visto que esse gênero exige característica formal. Nesse sentido, entendemos a necessidade de historicizar o termo “queimar”. O sentido assumido no excerto tem origem na expressão popular “queimar o filme” que, de acordo com o dicionário informal eletrônico, significa vexame. A expressão tem origem nos filmes fotográficos, que ao ser exposto ao excesso de luz, queima, deixando de registrar a imagem. Nesse contexto, queimar o filme significava destruir ou danificar a imagem fotográfica. Atualmente, queimar o filme de alguém ou simplesmente queimar alguém, significa destruir a sua imagem ou desmoralizar.

Vale ressaltar que em R 4 (p. 121), o jornal marca uma posição sujeito que busca desmoralizar a imagem da China, mostrando a dublagem feita por Lin Miaoke, ou seja, a *FR* procura “queimar o filme” da China, ou da imagem pretendida pela China, durante a realização dos Jogos. Além disso, percebemos que a *FSP* também busca desqualificar a imagem da China em E 4 (p. 93) afirmando que o governo chinês “cala dissidentes” marcando uma posição autoritária da China.

Diante do que articulamos nesta pesquisa, observamos que os dados apontam para uma aproximação da *FSP* e da *FR* no que tange ao discurso sobre a China, nesse sentido, entendemos que as diferenças da linha editorial se devam mais à abrangência

dos dois jornais e à imagem que os jornais *FSP* e *FR* fazem de si e de seus leitores, segundo o jogo discursivo das representações, e menos à diferença político-ideológica, visto que tanto a abrangência quanto a imagem dos sujeitos determinam, em grande medida, o que a instância de produção do discurso midiático deve priorizar.

Esperamos, assim, ter mostrado o funcionamento do discurso midiático de circulação nacional e regional no que tange à representação que trazem sobre a China.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo problematizar o discurso midiático e, à luz dos aportes teóricos da AD, dos estudos sobre a Mídia e da perspectiva culturalista, estudar a representação identitária que os jornais *FSP* e *FR* veiculam acerca da China.

De modo geral, entendemos que as normas e regras internas dos veículos de comunicação interferem na uniformidade do processo de produção midiática, de acordo com o projeto editorial de cada veículo, no controle sobre a enunciação do jornalista e no exercício de poder sobre a opinião pública. Ao se refletir sobre as relações entre discurso político e discurso midiático é importante observar que a imprensa torna-se um veículo que propõe visibilidade ao discurso político de determinados grupos/partidos. Isso sugere que o jornal não reproduz a realidade, ele a representa.

Verificamos, por meio da articulação das condições de produção de ambos os órgãos midiáticos, que os dois jornais adotam linhas editoriais diferentes. Enquanto o discurso da *FSP* adota uma linha voltada, prioritariamente, para os campos político e econômico, comprovada com a descrição dos gêneros constantes nos cadernos do jornal, bem como pela orientação editorial, o discurso da *FR* adota uma linha mais voltada para temáticas regionais.

Embora os jornais analisados apresentem perfis diferentes e tenham sido fundados em épocas e contextos diferentes, nossa análise nos mostra construções de subjetividades da *FSP* e da *FR* que se aproximam, ambos se constituem como reveladora da verdade dos fatos, numa aparente unicidade de sentido e homogeneidade discursiva, criando efeitos de verdade acerca da China. Para tanto, mobilizam memórias diversas, advindas de diferentes formações discursivas, fornecendo posições-sujeito que os indivíduos são chamados a ocupar. As diferentes práticas discursivas retomam essas diversas memórias para comentá-las, deslocá-las, transformá-las, contrapô-las, sendo nesse campo discursivo heterogêneo e conflitante que o sujeito forma sua(s) identidade(s). Nesse percurso, a mídia e a linguagem jornalística funcionam como lugares de memória, como superfícies de emergência (FOUCAULT, 2008a) de memória sobre o homem pós-moderno.

Entendemos o discurso como lugar de materialização da ideologia, o que não pressupõe sentido único, tampouco verdade absoluta ou mesmo neutralidade, assim,

nesta pesquisa, procuramos desconstruir a imagem apregoada a si pela *FSP* como jornal imparcial e neutro. Considerando que todo discurso traz as marcas do sujeito enunciativo, nossa análise aponta para um discurso da *FSP* contrário à China, o que desestabiliza a tão apregoada imparcialidade da mídia. Buscamos, também, desconstruir a imagem de neutralidade da *FR* quanto aos assuntos relacionados à política internacional, dada a sua condição de jornal de médio porte com circulação restrita ao oeste paulista.

Problematizando a materialidade linguística dos excertos da *FSP*, por meio da referenciação, dos interdiscursos, do silenciamento e dos efeitos de sentidos provenientes das metonímias e polissemias, constatamos que a representação identitária da China emerge heterogênea e multifacetada. Movendo-se na História, um arquivo vem sendo retomado e materializado nos enunciados jornalísticos, evidenciando o trabalho da memória na construção da China atual, servindo de fonte para a produção de identidades. A posição-sujeito tradicional é trazida para esse cenário para auxiliar na constituição de um novo país, num movimento de distanciamento (total ou parcial). O discurso da mídia realiza recortes na História para constituir o presente; nesse percurso, a linguagem jornalística procura produzir identidades coletivas, operando com diversos tempos sociais e memórias coletivas para edificar essa nova imagem identitária da China. Desse modo, para produzir uma nova identidade para a China, o discurso da mídia se baseia no passado e na sua interpretação, conforme encontramos em E 5 e E 7, trazendo a memória do passado colonial da China.

Além disso, diferentes práticas discursivas engendram esse novo sujeito, e, para isso, é preciso retornar ao arquivo, trazê-lo, comentá-lo, deslocá-lo para dizer o que é a China hoje. Os elementos do arquivo são materializados nos enunciados jornalísticos, o que vem mostrar o trajeto da memória e de sua discursivização nos textos mostrados. Nesse trabalho de produção discursiva da “nova China”, a memória opera, não apenas recitando, mas transformando, deslocando identidades, comprovando o que diz Foucault (2008b) quando revela que não há enunciados que não supõem outros. O discurso midiático em questão vai buscar nos lugares de memória os temas, as explicações para retratar a China em sua nova posição.

A imagem da China como um país austero e dissimulado é enfatizado pelo uso do termo “edição” e “editada”, em E 1 e E 3, num indicativo de que o país asiático

manipula as informações de acordo com seus interesses. Além disso, o discurso da *FSP*, em E 6 e E 8, aponta para representação da China como um país autoritário e controlador, e em E 4, como um país que esconde suas mazelas e silencia as vozes das minorias étnicas e de seus desafetos políticos.

Se por um lado, o discurso da *FSP* ressalta os aspectos negativos da identidade chinesa, por outro, em E 3 ela reconhece a importância da China, no período medieval, com os inventos que impulsionaram a era mercantil, além disso, a China atual é representada, em E 4, também, como desenvolvimentista, com infraestrutura moderna, marcando uma imagem heterogênea e fragmentada do país em questão. Desse modo, a China se constitui num sujeito da pós-modernidade, fragmentado, móvel e clivado.

Embora a identidade da China nos seja apresentada pelo discurso da *FSP* com uma imagem multifacetada, em todos os excertos encontramos a configuração de uma China perpassada pela imagem negativa. Mesmo ao mostrar a face moderna da China, a *FSP* faz questão de marcar seu discurso com um tom crítico ao país asiático, enfatizando a desigualdade social que aumentou em proporções maiores do que o desenvolvimento econômico alcançado nas últimas décadas.

Ao construir novas identidades esse discurso midiático necessita de velhas identidades, dos lugares de memória cristalizados em nossa sociedade. Os efeitos dessas inscrições da memória nesses novos discursos sobre a China podem nos levar para dois sentidos, pois, se tomarmos como referencial o “verdadeiro de nossa época”, afirmaremos que a série enunciativa constituída (e as memórias que ela convoca) adquire caráter de repetição do discurso e/ou posicionamento discursivo. Por outro lado, se tomarmos como referencial os discursos que defendem a existência e o posicionamento da China tradicional, afirmaríamos que essa série adquire caráter de deslocamento do mesmo. Assim, a identidade chinesa da era maoísta, evocada pela *FSP*, vem mostrar que a representação da China como um sujeito autoritário, que se encontra enraizada na memória ocidental, é uma das identidades que constituem a nova China.

O foco analítico aponta, ainda, para a inscrição do discurso da *FSP* em várias FDs. Encontramos, na análise dos excertos da *FSP*, as FDs midiática, política, democrática, pedagógica, dos direitos humanos, do capitalismo e ecológica. Verificamos, ainda, o atravessamento da FD da democracia no discurso midiático, bem

como a FD dos direitos humanos cruzando a FD política. A relação interdiscursiva que se estabelece nesses atravessamentos nos permite dizer que a *FSP* se apropria do discurso cristalizado da defesa dos direitos humanos como bem maior da humanidade para justificar seu discurso contrário às ações do governo chinês que o jornal considera autoritárias. Além disso, observamos o atravessamento do discurso pedagógico nas FDs midiática, da democracia e dos direitos humanos, marcando a construção subjetiva da *FSP* como responsável pela formação cultural e educacional de seus leitores, o que lhe confere o *status* de detentora do saber/poder que lhe permite enunciar a verdade sobre a China.

Embora inscritos em diferentes FDs, o discurso da *FSP* (como de grande parte da mídia ocidental) é ancorado nos ideais capitalistas, isso significa que a *FSP* se contrapõe à força político-ideológica socialista representada, atualmente, pela China.

Quanto ao jornal regional, a análise empreendida mostra a inscrição do discurso da *FR* nas FDs esportiva, da Ciência, política, midiática, dos direitos humanos e ecológica. Embora com algumas diferenças, os discursos de ambos os jornais são semelhantes em vários aspectos, pois discursivizam a partir das relações do poder, ou seja, da marca capitalista que rege o discurso midiático brasileiro sobre a China.

Ao analisar o discurso da *FR* observamos que o discurso do jornal regional silencia, em R 1, o aspecto político da abertura dos Jogos Olímpicos, enfatizando apenas as cores e as coreografias da cerimônia de abertura, no entanto, as marcas linguísticas que encontramos em outros excertos da *FR* mostram que o jornal regional também se coloca como crítico do regime socialista chinês, trazendo, em R 3, uma imagem da China como país despótico, que proíbe a liberdade de imprensa. Em R 4, o jornal regional vem mostrar que a China manipula as informações para imprimir uma imagem agradável para o Ocidente, além disso, em R 5 e R 7, o discurso da *FR* traz a representação do país asiático como incompetente para melhorar as condições ambientais de Pequim.

Embora a imagem atribuída pela *FR* à China tenha mais aspectos negativos, o discurso do jornal regional aponta, também, para a heterogeneidade dessa imagem, reconhecendo, em R 10, o papel que o país asiático desempenha na economia global,

Os dados da nossa pesquisa mostram a regularidade do discurso ecológico em R 5, R 7 e R 10, no entanto isso não indica que a *FR* seja defensora da causa ambiental; os

deslizamentos de sentido marcam mais uma preocupação momentânea do jornal com a saúde dos atletas e dos turistas e uma contraposição à política ambiental de Pequim e menos uma preocupação efetiva de combate à poluição. Presente nas agendas das principais nações do mundo, a questão ambiental é utilizada também para desqualificar as autoridades chinesas reafirmando a imagem da China como um país incompetente, o que não condiz com a imagem de riqueza e desenvolvimento pretendida pela China.

Homologamos que, no arquivo sobre a China, encontramos mais semelhanças do que diferenças entre a *FSP* e a *FR*. A imagem identitária da China apresentada pelos dois jornais aponta para o descentramento do país asiático. Ambos trazem representações da China como autoritária, que não permite a liberdade de expressão, impõe regras de conduta e controla quase tudo, menos o ar; como moderna e desenvolvimentista, inserida no mercado globalizado, esse país se constitui em um pólo de desenvolvimento econômico mundial; como subalterna, embora seja uma importante parceira econômica das nações mais desenvolvidas do mundo, sua história e povo não se enquadram nos padrões culturais eurocêntricos (Bhabha, 2007). Tais representações trazidas pela mídia brasileira marcam, também, o paradoxo vivido pela China, entre a modernização e crescente influência ocidental e a preservação de suas tradições milenares; e, sobretudo, entre o desafio de manter o regime político comunista na era da globalização econômica.

Diante da hipótese de pesquisa de que o acontecimento olímpico teria possibilitado um novo discurso acerca da China, entendemos que a mídia brasileira constrói seu discurso permeado pelo engendramento da história e da memória, criando a representação da nova China a partir do discurso sobre a China tradicional, que (re)significa e (re)atualiza, constituindo-se em um novo discurso sobre o país oriental. Assim, compreender memória e identidade é ver como a linguagem jornalística constrói identidades coletivas e imagens discursivas de um povo.

Acreditamos ter cumprido com os objetivos propostos nesta pesquisa no que concerne ao desvelamento do discurso midiático de circulação nacional e regional e a constituição desses órgãos de imprensa como sujeitos enunciadorees do discurso sobre a China, bem como a representação identitária que tais jornais fazem desse país.

Sem a pretensão de esgotar os estudos do discurso midiático, tampouco das representações identitárias no discurso em pauta, acreditamos que esta pesquisa tenha

colaborado para mostrar como a mídia brasileira manifesta seu estranhamento em relação a um país que não coaduna com a ideologia capitalista, embora viva intensamente sob o efeito expansionista do mercado financeiro.

Acreditamos, ainda, que o trabalho subsidia novas compreensões sobre esse país tão cheio de contrastes e contradições, sujeito às críticas, mas que desempenha um papel importante na nova ordem geopolítica mundial. Assim, a AD ganha um estudo que, sem pretender ineditismo, formula observações particulares acerca da representação identitária feita pela mídia brasileira sobre um país e um povo milenar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. R. de. Falácias acadêmicas 13: o mito do socialismo de mercado na China. *Espaço Acadêmico*, Maringá, nº. 101, p. 41-50, out. 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz; Jão Wanderlei Geraldi. *Caderno de Estudo Linguísticos*. Campinas, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. 2 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BBC BRASIL. *Economia da China cresce 8,7% em 2009 e deve se tornar 2ª do mundo*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias>. Acesso em 20/04/2010.
- BBC BRASIL. *Economia da China cresce 8,7% em 2009 e deve se tornar 2ª do mundo*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias>. Acesso em 20/04/2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. 16 reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BENITES, Flávio R. G. A inscrição do sujeito na linguagem: um contraponto entre Benveniste e Lacan. (no prelo) *Revista Ecos, Instituto de linguagem - UNEMAT*. Cáceres: Editora da Unemat, s/d.
- BENVENISTE, Emile. A natureza dos pronomes. In: _____. *O homem na linguagem*. Trad. Isabel L. Pascoal. 2 ed. Lisboa: Veja, 1992, p. 49-57.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et el. 4 reimp. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir M; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, karin S. (orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005.
- BRANDÃO, Helena N. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Unesp/Fundação, 1998.
- CANCLINI, Nestor G. A globalização: objeto cultural não-identificado. In: _____. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 41-68.
- CARDOTE, Leonardo Fernandes. R. A crise econômica de 2008: a interdependência e as mudanças no regime financeiro internacional. *Revista de direito da Unigranrio*. Rio de Janeiro, Vol. 2. nº 2, 2009.

CARDOSO, Siliva Helena Barbi. Linguagem, língua, fala e discurso. In: _____. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica (FALE), 1999. p. 15-48.

_____. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

CHAPARRO, M. C. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Sunnus, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S. M. Corrêa. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

CORACINI, Maria José R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. Vozes (des)ordenadas e (in)fames. In: MILANEZ, Nilton; GASPARG, Nádea R. *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 105-126.

COUTO, S. P. *A extraordinária história da China*. São Paulo: Universo dos livros, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *O que é, afinal, Estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-166.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Dicionário do Aurélio*. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 13/05/2010.

FIORIN, J. L. *As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2 ed. 4 reimp. São Paulo: Ática, 2005.

FLAUSINO, M. C. Notícia: conduzindo a compreensão da realidade - cotidiano, imaginário e representações sociais. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; MARTINEZ, Regina (Orgs). *Comunicação: discursos, práticas e tendências*. São Paulo: Rideel Uniceub, 2001, p. 103-118.

FOLHA DE SÃO PAULO. *80 anos de Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.br/folha/80anos>, 2001. Acesso em 13/03/2010.

_____. *Manual da redação Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete, 24 ed. São Paulo: Vozes, 2001.

_____. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 7 ed. 3 reim. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16 ed. São Paulo: Loyala, 2008b.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 27 reim. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

_____. O método. In: _____. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2010, 20 reim. p. 102-113.

GREGOLIN, Maria do R. Análise do discurso: o sentido e suas movências. In: GREGOLIN, Maria do R; CRUVINEL, Maria F.; KHALIL, Maria G. (org.) *Análise do discurso: entornos dos sentidos*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001. p. 9-36

_____. (org) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, mídia e consumo. *Revista da ESP*, São Paulo, vol. 4, n 11, p. 11-25, nov. 2007.

GUERRA, Vânia M. L. Sujeito, discurso e ideologia na análise do discurso. In: _____. *Práticas discursivas: crenças estratégias e estilos*. São Carlos: Pedro e João editores, 2008. p. 45-61.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaio sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevasco; Marcos P. Santos. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004. p. 27-79.

KARNAL, Leandro. Uma historia longa e sinuosa. *Revista Biblioteca Entrelivros*, São Paulo, ed. esp. n° 5, p. 8-13, set. 2006.

KILSZTAJN, Samuel. Padrão alimentação e distribuição de renda no Brasil. *Pesquisa e debate*, São Paulo, vol 9, n. 2(14), p. 44-86, 1998.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Análise de texto de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz. A.; KOCH, Ingedore G. V. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, São Paulo, Vol. 14, n. Especial, p. 169-190, 1998.

_____. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela C.S. (orgs) *Gramática do português falado*, vol. VIII, Campinas: FAPESP/UNICAMP, p. 31-56, 2002.

MARCUSCHI, Luiz A. A anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-102.

MEDEIROS, C. A. de. Economia e política do desenvolvimento recente da China. *Revista de Economia Política*, São Paulo, vol. 19, n. 3, p. 92-112, jul-set. 1999.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da Língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MUNDO EDUCAÇÃO. *A expressão negócio da China tem origem no contato comercial entre o Ocidente e o Oriente*. s/d. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/curiosidades/negocio-china.htm>. Acesso em 15/04/2010.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, Maria do R. (Org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 111-124.

_____. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

_____. Discurso e mídia: elementos do método arqueológico para análise da produção discursiva da identidade. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina *Discursos midiáticos: sentido de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 225-244.

NOVAES, Joana de Vilhena. *Ser mulher, ser feia, ser excluída*. s/d disponível em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf> acesso em 16/10/2010.

OLIVEIRA, Amaury P. de. Governando a China: a quarta geração de dirigentes assume o controle da modernização. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, vol. 46, n.2, p. 138-160, 2003.

OLIVEIRA, Semí Cavalcante de. China uma potência global? *Vitrine da Conjuntura*, Curitiba, v.1, n.9, p 01-06, dezembro 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007a.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007b

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica de discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani et al. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.163-252.

PERLES, João B. *O jornal impresso: entre epílogos e epitáfios*. Araçatuba: Centro Universitário Toledo, 2004. 66f. (Monografia de conclusão de curso).

_____. *Folha da região e O Liberal: análise dos gêneros e do discurso*. Araçatuba: Centro Universitário Toledo, 2007. 68 f. (Monografia de conclusão de Pós-graduação).

POMAR, W. *A revolução chinesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

SARGENTINI, Vanice M. O. *A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na Análise do Discurso*. s/d Disponível em <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf>, acesso em 27/05/2009.

SILVA, Francisco P. da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice. E NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Michel Foucault nos domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 159-179.

SULEIMAN, A. B. *O salto econômico da China, crescimento e mudança*. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2008. 51f. (Monografia de conclusão de curso)

TREVISAN, C. *China: o renascimento do império*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo na mídia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, vol. IV, n. 1, Mar. 2004.

WORDPRESS. *China: 50 anos de revolução.* Disponível em:
<http://classeb.wordpress.com/2009/10/25/china-50-anos-da-revolucao>

ANEXO A - Linha editorial da FSP

Edição	Título	Palavra-chave/posicionamento
09 de maio de 2010	Paz e rancor	Discurso “pós-lulista” de Serra contrasta com a dinâmica exaltada do debate sucessório nas bases partidárias.
	Excesso de cesariana	O fenômeno suscita preocupação, pois cesarianas acarretam risco maior para a mãe e o bebê. O excesso de cesariana não será contido com acessos de moralismo.
10 de maio de 2010	Ladainha bolivariana	Governo Lula recusa-se a reconhecer as eleições de Honduras. [...] O papel de mediador da crise acabou exercido pelos EUA, que costuraram acordo para as eleições- saída mais legítima e aceitável para o impasse.
	Nosso amor neandertal	Por tudo o que sabemos sobre nossa belicosa espécie é de se supor que os contatos entre homem moderno e o de Neandertal não tenha sido amistoso. [...] Não deixa de ser consolador a revelação de que eles não fizeram só guerra, mas também amor.
11 de maio de 2010	Resposta europeia	O pacote grego carecia do principal: garantias de funcionamento a longo prazo. Ao exigir cortes profundos de gastos, o programa mostrava-se pouco realista e muito recessivo.
	Ateus e religiosos	O problema é que na principal democracia do mundo, a beligerância de opinião radicalize-se a ponto de cercear a livre manifestação de idéias.
12 de maio de 2010	Partido da economia	Aliás, as diferenças entre as concepções de Serra, Dilma e Marina, em matéria de economia, parecem mais de grau do que de rumo.
	Biodiversidade em queda	Apesar do tom sombrio, o relatório afirma que o processo pode ser revertido. Para isso, será preciso que a agenda da biodiversidade se torne tão prioritária quanto a do aquecimento global.
13 de maio de 2010	Novos conservadores	Após 13 anos de maioria trabalhista no Parlamento britânico, o Partido Conservador retorna enfraquecido ao poder.
	Ligações perigosas	Não é tolerável que um servidor público com atribuições dessa natureza mantenha relações com um contrabandista.
14 de maio de 2010	Muitiportunismo	O objetivo da “governabilidade” se torna, nesse caso, mera tentativa de perpetuar-se na máquina pública e no governo ou na oposição, não é de multiideologias, mas de multiportunismo que se trata.
	Pouca energia	Como se sabe, o crescimento da economia brasileira tem exposto com mais clareza, nos últimos tempos as deficiências da infraestrutura do país.
15 de maio de 2010	Prudência necessária	Desde sempre inclinado a aumentar despesas, o governo Lula, nos últimos tempos ultrapassou os limites [...] Embora os cortes previstos não sejam para alterar a direção restritiva da política monetária, podem representar um alívio.
	Planos modificados	Embora as ideias ali contidas (no Plano Nacional de Direitos Humanos) fossem defensáveis, muitas não passavam de compensação retórica a representantes petistas que o próprio governo havia desagradado com o seu conhecido pragmatismo.

ANEXO B - Linha editorial da *FR*

Edição	Título	Palavra-chave/posicionamento
11 de maio	Potencialidades de Araçatuba	A matéria é destaque da edição de hoje ¹³ da Folha da Região e referenda uma perspectiva positiva para o posicionamento regional frente a outras sedes administrativas de São Paulo
12 de maio	Educação e transporte	Dois assuntos que envolvem a educação pública, nas edições de ontem e hoje desta Folha, exigem atenção das autoridades e acompanhamento pela sociedade. [...] a discrepância no Ideb entre as escolas de Araçatuba [...] e transporte escolar.
13 de maio	Experiências e lições a serem aproveitadas	Com marolas de tamanhos diferentes para os setores produtivos, fato é que o Brasil atravessou o período com certa tranquilidade, pelo menos na macroeconomia. Uma experiência na esfera pública no Reino Unido.[...] Os dois partidos conservador e trabalhista estão apresentando ao mundo uma tentativa de união que promete superar disputas partidárias de primeira hora.
14 de maio	Pelo direito de viver com dignidade	Em passado recente, programas importantes foram desativados em Araçatuba pela não renovação de convênios com o governo federal, [...] o que mostra claramente a falta de interesse da área pública em mantê-lo.
15 de maio	Afinal, quem vai construir a casamata?	Um impasse esfriou ontem a reunião que pretendia encaminhar uma solução para a construção da casamata, que abrigará o acelerador linear, na santa casa de Araçatuba. [...] os prefeitos de Birigui e Valparaíso se propuseram a levar o aparelho para suas cidades, com o compromisso de construir a casamata. Se isso acontecer, a imagem de Araçatuba sairá arranhada pela incapacidade de encaminhar uma solução político-administrativa [...]. Poder público e dirigentes de saúde têm a obrigação de encontrar uma saída justa em que cada parte pague o que lhe cabe.
16 de maio	Desrespeito que põe a vida em risco	Matéria principal da edição de hoje mostra que em vias de intenso movimento como a rua Luís Pereira Barreto e a avenida Pompeu de Toledo, as caçambas de coleta de entulho estão colocados fora da posição correta. [...] A fiscalização da Prefeitura de Araçatuba não multa as empresas que colocam o equipamento, apenas faz alerta sobre irregularidade.

Quaro 2 – elaborado por nós

¹³ Os destaques em negrito não fazem parte do texto original, são marcas que explicitam nossa análise.

ANEXO C

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo. Caderno do jornal: *Especial sobre as Olimpíadas*. Made in China. Ed. de 09 de agosto de 2008

_____. Caderno do jornal: *Dinheiro*. O espírito chinês. Ed. de 23 de agosto de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Especial sobre a China*. Chineses ainda têm complexo de inferioridade. Ed. de 06 de julho de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Brasil*, seção *Opinião*. A Olimpíada e o patriotismo chinês. Ed. de 11 de setembro de 2008.

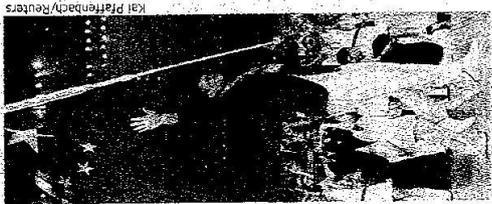
_____. Caderno do jornal: *Dinheiro*. Patrocínio à Olimpíada gera controvérsia. Ed. de 15 de julho de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. A 33 dias, Pequim só não controla o ar. Ed. de 06 de julho de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. China moderna não nega passado. Ed. De 22 de agosto de 2008.

Made in

A FESTA DE TODOS



Yao Ming, do basquete

↓ **204** **NACÕES**
desfilaram em Pequim, recorde em Olimpíadas

PAÍS **REALIZA** **SONHO**
Foram sete anos de preparação para a mais longa de todas as cerimônias de abertura. Bilhões gastos e mudança na vida de 1,3 milhão de pessoas, que deixaram suas casas por causa das obras. "Em 2001, 1,3 bilhão de chineses assumiram o compromisso de transformar um sonho em realidade", disse Liu Qi, presidente do Bocco

* **MAIS DE 4 BILHÕES VIRAM FESTA PELA TV**
Estima-se que a audiência global tenha ultrapassado a marca de 4 bilhões de telespectadores, apesar de a cerimônia não ter sido transmitida nos EUA. A NBC detinha os direitos de TV, exibiu o evento no horário nobre, com 12 horas de atraso, para obter maior audiência



Chinês assiste à cerimônia de abertura pela TV, em habitação popular de hutong de Pequim

↓ **15** **MIL**
pessoas participaram das coreografias de ontem

↓ **91** **MIL**
pessoas viram a cerimônia no Ninho de Pássaro

↓ **30** **MIL**
fogos de artifício foram usados durante a festa

↓ **80** **CHEFES**
de Estado, aproximadamente, estiveram no estádio

China

FESTA ESPETACULAR DE LUZES, FOGOS, POLÍTICA E NACIONALISMO ABRE MAIOR OLIMPIADA DA HISTÓRIA; OFUSCA PROTESTOS PELO MUNDO E SUGERE UM PAÍS DE ASTRONAUTA PARA O LUGAR DO PAÍS DE MAO TSE-TUNG

FABIO SEIXAS

MARIANA LAIOLO

ENVIADOS ESPECIAIS A PEQUIM

RAUL JUSTIÇARES

DE PEQUIM

A abertura do evento mais importante já organizado por um gigante como a China tinha de ser grandiosa. E foi. As oito da noite do oitavo dia do oitavo mês de 2008, Pequim abriu a 29ª Olimpíada moderna.

Festa controversa, que, no lugar de escapar da temática política, mergulhou nela. O Niño de Pássaro, estádio majestoso encravado no Parque Olímpico da capital chinesa, antes cercado de dividas, ameaças e ameaças, teve de farpas entre chefes de Estado e pro-

testos, virou outro lugar à medida que os 91 mil espectadores ocupavam seus lugares.

Transformou-se no palco da mais espetacular abertura de uma Olimpíada, que começou com uma ode às invenções da China antiga. Do papel à pipa, do relógio de sol ao alfabeto chinês, a pólvora — houve espaço até para astronauta, um dos últimos orgulhos do país.

Uma aula de história editada pela rigidez do governo de Pequim, que deixou de lado a decadência dos últimos cinco séculos e, especialmente, os 150 anos de turbulência entre as invasões do século 19 e a abertura econômica de 1978.

Em quase quatro horas de evento, não houve menção a

tânica Sarah Brightman.

O desfile das 204 delegações de atletas também fez lembrar que a festa era política. Aliados da China no cenário internacional, Paquistão, Cuba e Coreia do Norte foram os mais aplaudidos — depois, claro, da Austrália. As passagens de EUA, Japão e França mereceram murmúrios e aplausos polidos.

Na tribuna de honra, 104 representantes de países importantes e poucos, mas importantes, chefes de Estado. Entre eles, Lula, Nicolas Sarkozy e George W. Bush, primeiro presidente americano em uma abertura dos Jogos no exterior.

No momento em que a ponta da bandeira chinesa surgiu no túnel de acesso ao estádio, cur-

regada por Yao Ming, o Ninho tremeu. O astro do basquete contornou o campo acompanhado de Lin Hae, 9, sobrevivente do terremoto que matou 70 mil pessoas em Sichuan.

Os discursos, embora breves, também tiveram pitadas políticas. Presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional), o belga Jacques Rogge disse que os Jogos "são o encontro de 204 nações, independentemente de origens étnicas, sexo, religião ou sistema político".

Comandante do comitê organizador de Pequim, Liu Qi falou em "aprofundamento do entendimento mútuo". Isso diante de jovens vestidos com trajes das 56 minorias étnicas chinesas, pintando um retrato de

harmonia que os protestos de tibetanos e muçulmanos uigures insistem em desmentir.

Coube a um herói do esporte chinês, Li Ning, ginasta que ganhou três medalhas de ouro na Olimpíada de 1984 (a primeira do país desde 1952), a honra de acender a pira, estrutura imensa fixada no teto do estádio.

Chegou lá suspenso por cabos. "Caminhou" pela borda da cobertura, onde projeções mostravam a tocha pelo mundo — uma nova edição da história, sem os protestos ocorridos em Londres, Paris e San Francisco.

História que, a partir de hoje, a China tenta escrever também no esporte, onde não há edição.

➔ LEIA MAIS D2 e D3

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Guerra Fria / EUA - Raul Juste Lores

O espírito chinês

HÁ MUITOS brasileiros em Pequim, não só atletas. Turistas e jornalistas choramingam ao comparar a velocidade da construção da nova China com o Brasil vagaroso de sempre.

A China desnutrida de 30 anos atrás se transformou em potência com infra-estrutura reluzente e consumo feérico em cada esquina. Sem favelas à vista, a China já parece bem mais rica que o Brasil.

Houve um evidente esforço para esconder mazelas e calar dissidentes, que engana bem.

Mesmo sem a plástica, a pressa chinesa supera Usain Bolt.

O Brasil levará décadas para dar racionalidade a seus impostos, a seus gastos públicos, a suas universidades gratuitas para os mais ricos, a melhorar sua educação. Nos contentamos com pouco.

Enquanto a Europa discute semanas de trabalho de 35 horas e o Brasil aprova licenças-maternidade de seis meses, a China corre à toda velocidade. De uma maneira que não estaríamos dispostos a imitar.

O Spielberg chinês, Zhang Yimou, ao explicar como dirigiu a cerimônia de abertura dos Jogos, disse que performances humanas como aquelas são possíveis só na China.

"Treinamos duro e com muita disciplina. Atores aceitam ordens e agem como computadores. Os estrangeiros ficam admirados. Esse é o espírito chinês", disse Yimou.

O diretor chinês se queixa de sua experiência como diretor de óperas "no Ocidente".

"Lá é tão problemático. Eles trabalham quatro dias e meio por semana e têm direito a dois cafezinhos por dia. Não aceitam nenhum desconforto por causa dos direitos humanos. Você não pode criticá-los, eles sempre pertencem a algum sindicato", reclama.

"Nós podemos agüentar muita dureza. Os chineses fazem em uma semana o que eles levam um mês."

O mundo terá que aprender a competir com os chineses, goste-se ou não do seu espírito.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

"Chineses ainda têm complexo de inferioridade"

DE PEQUIM

Da destruição da competição durante a Revolução Cultural comunista até virar a potência de hoje, os esportes na China são temas de estudo há mais de 20 anos da antropóloga norte-americana Susan Brownell, ex-atleta que morou em Pequim nos anos 80.

Ela inclusive integrou equipes chinesas, como atleta "local", quando estudou na Universidade de Pequim.

Autora de três livros sobre esportes na China, a antropóloga está atualmente morando na capital chinesa, pesquisando sobre o impacto dos Jogos Olímpicos na prática esportiva no país, na Universidade de Esportes de Pequim.

Susan conversou com a **Folha** em um bar de Pequim, perto do campus da universidade - jornalistas estrangeiros são proibidos de entrar no campus. (RAUL JUSTE LORES)

ESTRATÉGIA

"Os chineses têm uma estratégia de investir em esportes que vão se tornar olímpicos. E ganham medalhas nesses chamados "esportes novos", como levantamento de peso feminino, salto com vara, taekwondo. É só analisar os desempenhos da China em Los Angeles, em 1984, e em Atenas, em 2004. Vários esportes que não eram olímpicos em 1984 hoje são dominados pelos atletas chineses. Eles também focaram em esportes sem tradição local, como o remo. O esporte é pouco praticado no mundo, então o nível internacional não é tão alto. É o oposto do que acontece com o futebol, onde o nível é altíssimo, então a China não consegue ganhar nada."

SEM MÁGICA

"Não dá simplesmente para se falar em uma fábrica de medalhas. A China vai bem em badminton, tiro com arco, tênis de mesa, onde sempre foi forte, mas apenas ganhou na natação quando o doping não era tão controlado, depois, nunca mais. Em alguns esportes, não houve uma explosão."

PODER FEMININO

"Ao contrário do Ocidente, mídia e investimentos são igualmente repartidos entre homens e mulheres na China. O peso das mulheres é muito maior aqui do que nos Estados Unidos, por exemplo. Certamente, essa é a vantagem de que o esporte seja financiado pelo Estado, e não pelo patrocínio corporativo, como nos Estados Unidos."

TEM QUE DOER

"Mais do que disciplina, eu diria que os atletas chineses são obedientes. Ainda há um clima semimilitar de treinamentos rigorosos, algo que também existia nos EUA nos anos 50. Na China, ainda vale a máxima "no pain, no gain" ("sem dor, sem vitória", em inglês). Hoje se

sabe que a dor não é garantia de resultados. No esporte de base, a China ainda está 10, 20 anos atrás dos Estados Unidos na ciência dos esportes.

Quando o atleta começa, ele ainda sofre. Mas nos atletas de elite, certamente já não há muita diferença entre os técnicos de um lado e de outro.

Hoje há diversos treinadores estrangeiros comandando as seleções chinesas. Muitos são russos e da Europa Oriental, mesma origem de vários técnicos nos EUA."

PRECONCEITO

"Há uma ausência ainda de prática de esportes na sociedade do país. Para a medicina tradicional chinesa, esportes vigorosos não são saudáveis, sua-se muito, há choques, trombadas, as pessoas se machucam. E, com a política do filho único, isso piorou. Os pais são superprotetores e, como o sistema de saúde foi desmantelado, eles não querem saber de lesões em seus filhos. Na China, o estudo é prioridade. Só se o filho não é bom nos estudos, aí esporte vira uma opção."

COMPLEXO

"Muitos chineses ainda se vêem com o preconceito ocidental do século 19. Julgam-se menores, mais fracos, desnutridos, pequenos, há um complexo de inferioridade. É uma ideologia desatualizada, que o resto do mundo já deixou para trás, mas que ainda deixa marcas no país."

URSS X CHINA

"Na União Soviética, sindicatos e empresas estatais tinham equipe esportivas, patrocinavam os grandes atletas, enquanto na China só as Forças Armadas, os governos provinciais e as prefeituras é que possuíam times. O esporte para as massas era mais importante do que formar atletas de elite."

MAO E OS ESPORTES

"Mao [Tsé-tung, principal líder comunista chinês de 1949 a 1976] dizia que esporte era importante para o fortalecimento das massas e criticava a cultura feudal que era contrária à prática do exercício, ao trabalho manual. Mas, infelizmente, como os esportes ocidentais foram introduzidos por missionários, várias conexões ocidentais foram combatidas na Revolução Cultural. Mas os esportes não morreram, havia times, e muitos jovens enviados para trabalhar no campo acabavam arrumando um jeito de escapar entrando em equipes. Após a abertura, muita gente ligada ao esporte decidiu recuperar o tempo perdido, provar para si mesma que não sofreu por nada. Aí que se deu o início da escalada esportiva no país

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

TENDÊNCIAS/DEBATES

A Olimpíada e o patriotismo chinês

ZHOU SHIXIU e LUÍS ANTONIO PAULINO

O patriotismo chinês é um dos motivos importantes pelos quais a China avançou tanto nos últimos 30 anos, inclusive nas Olimpíadas

NOS JOGOS Olímpicos de Pequim, cuja abertura ocorreu há pouco mais de um mês, a China conseguiu grande sucesso. Na década de 1930, quando participou pela primeira vez de uma Olimpíada, a China mandou só um atleta. Agora, com 51 medalhas de ouro, ficou em primeiro lugar, seguida pelos EUA, país mais rico e poderoso do mundo.

A atmosfera dos Jogos foi muito intensa e calorosa. Sempre que a bandeira chinesa era hasteada, os chineses cantavam com entusiasmo e espontaneidade. É fácil adivinhar que cantavam -e cantam nos Jogos Paraolímpicos- o hino da China.

Se o leitor souber o que diz o hino e sua história e entender o entusiasmo do povo chinês, com certeza terá compreendido um importante motivo do rápido crescimento da China.

Diz a letra do hino: "Levante-se povo que não quer ser escravo. Vamos juntos construir uma nova Grande Muralha com nossos corpos. Nossa nação enfrenta grandes perigos.

Cada um de nós deve gritar com todas as suas forças. Levantem-se, levantem-se, milhões em um só coração. Enfrentemos o risco do fogo e dos canhões inimigos. Avante, avante". Esse hino é muito especial, porque nasceu num momento crítico para o país, ou seja, durante a guerra contra a agressão japonesa.

A China é uma das mais antigas civilizações do mundo e deu grandes contribuições para o progresso da humanidade. Até meados do século 18, era a maior economia do mundo.

Mas, como sempre foi pacífica, não estava preparada para enfrentar as agressões militares que sofreu para abrir seus mercados ao Ocidente.

Essas agressões imperialistas externas, aliadas ao seu atrasado sistema feudal, prejudicaram, no século 19 e no início do 20, seu desenvolvimento, dividindo-a e enfraquecendo-a.

Em 1840, houve a Guerra do Ópio, em que imperialistas ingleses obrigaram os chineses a oferecer seda, porcelana e chá em troca de ópio e ceder Hong Kong para a Inglaterra.

Em 1856-1860, tropas anglo-francesas invadiram a China, obrigando o país a legalizar o comércio do ópio, e queimaram Yuanmingyuan, maior parque imperial do mundo.

Em 1900, um exército aliado de oito potências capitalistas invadiu a China e realizou uma

parada militar na frente do Palácio Imperial de Pequim, humilhando a dignidade do país. O comandante desse exército liberou os soldados por três dias para saquear a capital chinesa -entre outras atrocidades, destruíram a maior enciclopédia do mundo, com 79.309 volumes.

Logo em seguida, a China enfrentou a maior ameaça: a invasão japonesa. No dia 7/7/1937, o Japão ampliou a invasão em escala nacional e tentou escravizar o povo chinês. Nesse momento de perigo, nasceu uma canção intitulada "Marcha do Exército de Voluntários", que estimulou muito os soldados chineses.

Quando a nova China se estabeleceu em 1949, seu povo adotou essa canção como hino nacional, para sempre lembrar dessa história de humilhação e estimular cada cidadão a trabalhar mais duramente, sobretudo na reforma e na abertura. É isso o que os chineses cantavam na Olimpíada.

Estudando sua própria história, os chineses colocaram em prática um antigo ensinamento: "Não andar para a frente significa voltar para trás".

Compreenderam, assim, que, se a China não avançar no seu desenvolvimento, ficará vulnerável a ataques.

Por isso, todos os chineses, inclusive os esportistas, trabalham com grande entusiasmo, formando um modo chinês de patriotismo.

Sim, na China a gente fala também sobre democracia e liberdade, mas sempre pensando com a responsabilidade. A maioria dos chineses sabe que a realização de democracia deve se dar passo a passo.

Atualmente, em todos os municípios da China foram construídas bases de educação de patriotismo, nas quais há estátuas de heróis e testemunhos dos crimes dos imperialistas. Com esse patriotismo, o povo chinês fortalece o amor à pátria, a disciplina no estudo e no trabalho e a coragem para vencer qualquer dificuldade. Quando o premiê Wen Jiabao visitou uma escola atingida pelo último grande terremoto, escreveu no quadro-negro uma frase popular que diz: "Dificuldades e calamidades podem amadurecer e fortalecer uma nação".

Com esse patriotismo, os chineses se formam, como o hino canta, "milhões em um só coração". A China é o país mais populoso do mundo, com 1,3 bilhão de habitantes. Com esse patriotismo, todos têm um só objetivo: construir a China como um país de estudo, um país de inovação e um país de desenvolvimento sustentável.

Uma nação bem organizada, unida e trabalhadora pode fazer milagres. O modo chinês de patriotismo é um dos motivos importantes pelos quais a China avançou tanto nos últimos 30 anos e conseguiu tamanho sucesso nos Jogos Olímpicos de 2008.

ZHOU SHIXIU é professor titular de história da Universidade de Hubei (China) e professor visitante da Unesp (Universidade Estadual Paulista).

LUÍS ANTONIO PAULINO é professor da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp-Marília.

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Patrocínio à Olimpíada gera controvérsia

DA ENVIADA ESPECIAL A CANNES

Uma das principais discussões do meio publicitário neste ano é o patrocínio aos Jogos Olímpicos de Pequim. Coca-Cola, Kodak, McDonald's, Johnson&Johnson, entre 60 empresas, estão investindo cerca de US\$ 80 milhões para que suas marcas possam ser vinculadas às competições.

Para muitos especialistas, porém, a investida é arriscada. O regime político, a censura à imprensa, os protestos tibetanos, o desrespeito ao meio ambiente, entre outros fatores, fizeram que os próximos jogos olímpicos se tornassem uma corrida de obstáculos para os anunciantes.

Uma das campanhas vencedoras do festival de comunicação publicitária El Sol, que aconteceu no início do mês, na Espanha, foi criada para a Anistia Internacional pela agência J.W.Thompson. Nela, os mesmos símbolos usados para os esportes nas olimpíadas mostram as autoridades chinesas correndo atrás de jornalistas, batendo e atirando em manifestantes contra o regime. O slogan é claro: "Que todos vejam o que se joga na China".

Ao ser anunciada como vencedora, ouviram-se vaias tímidas no salão principal do Palácio Kursaal, em San Sebastián. O discurso que defende as olimpíadas ouvido de vários anunciantes é um só: os jogos são maiores do que regimes políticos.

"As olimpíadas sempre fazem do mundo um lugar melhor", afirmou Warren Buffett, um dos maiores acionistas da Coca-Cola, ao ser questionado sobre o patrocínio durante o encontro anual de investidores, que aconteceu no mês passado.

Porém, para os manifestantes contra os patrocínios, a Coca-Cola estaria de olho naquele que hoje é seu quarto maior mercado no mundo, com tendência a superar todos os outros. Muitos dos seminários e workshops que serão feitos em Cannes abordarão a China, mas a maioria falará sobre como construir marcas e conquistar os consumidores chineses, Nenhum abordará a situação política do país.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

céu cinza

A 33 dias, Pequim só não controla o ar

Em entrevista, porta-voz dos Jogos mostra convicção de que Olimpíada será tranqüila, mas admite receio com poluição

"Todos devem pagar o preço quando se faz algo que infringe a lei de um país", diz chinesa, sobre eventuais protestos de visitantes

Teh Eng Koon - 9.jun.2008/France Presse



Árvore plantada no Parque Olímpico, parte do pacote do governo chinês para tentar reduzir o nível de poluição da capital chinesa

RAUL JUSTE LORES
DE PEQUIM

A poluição do ar é o maior desafio que o comitê organizador enfrenta na preparação para os Jogos Olímpicos de Pequim.

Na sua primeira entrevista exclusiva para a imprensa brasileira, a diretora de comunicações e porta-voz do comitê organizador, Wang Hui, afirmou à **Folha** que a qualidade do ar estará

muito melhor durante os Jogos, mas não escondeu o receio. A abertura da Olimpíada acontece em 8 de agosto.

Ela diz que turistas e atletas terão que obedecer às leis da China, mas não é clara sobre as punições aos visitantes que fizerem qualquer manifestação a favor dos direitos humanos ou da independência do Tibete.

Quanto ao nacionalismo do país, com longo histórico de protestos violentos contra rivais, diz que "está sob controle" e que o governo vai garantir que todos sejam bem-vindos. Ex-apresentadora do telejornal da emissora Beijing TV e diretora do Escritório de Informação da capital, Wang não pratica nenhum esporte, mas gosta de assistir a ginástica, patinação e tênis de mesa.

FOLHA - A apenas um mês da Olimpíada, Pequim continua tão poluída como sempre, apesar de todos os investimentos. Onde Pequim falhou?

WANG HUI - Quando levanto de manhã, algumas vezes me pergunto por que o tempo continua o mesmo [passa a mão no rosto, como se estivesse limpando uma lágrima e faz gesto de choro]. Mas o clima de Pequim é o mesmo do Sul da China, então esse céu escuro não é completamente causado pela poluição, a qualidade do ar pode melhorar. Não há outra cidade no mundo que tenha gasto tanto, que tenha feito tanto para lidar com a poluição como Pequim. Tiramos fábricas do meio da cidade, fechamos outras... Gastamos muito dinheiro e pelo menos dez anos nisso.

FOLHA - E se não melhorar?

WANG - Nos próximos dias, Pequim tomará medidas extremas para melhorar o ar. Teremos o rodízio de placas com final par e final ímpar, que vai tirar mais da metade da frota das ruas. Fecharemos todas as obras, e prédios em construção serão paralisados. E várias Províncias vizinhas, como Shanxi, Tianjin, Hebei, Shandong e a Mongólia Interior, vão cooperar e fazer o mesmo. Estamos fazendo o que é possível, agora só resta esperar que melhore de uma vez [aponta para o céu].

FOLHA - Qual é a maior preocupação do comitê organizador agora?

WANG - Agora é hora de se certificar de que todos os detalhes estejam verificados e perfeitos. E o clima com certeza é uma grande preocupação.

FOLHA - Há alguma campanha para evitar que atletas de países com rivalidade histórica com a China, como o Japão, sejam hostilizados ou vaiados pelos chineses nos estádios?

WANG - Nós investimos nesse tipo de educação nos últimos dois anos para tentar evitar sentimentos nacionalistas. Suponho que atletas de qualquer país serão bem-vindos por nossos cidadãos. É responsabilidade do governo chinês ensinar os cidadãos a se comportarem e a mudarem seus maus hábitos.

FOLHA - Mas o nacionalismo é forte na China, até com campanhas contra outros países...

WANG - O nacionalismo está sob controle.

FOLHA - O que pode acontecer a um turista que decida fazer uma manifestação, andar com um cartaz ou uma camiseta pró direitos humanos na China ou pela independência do Tibete? Mesmo que não seja num estádio, pode ser preso?

WANG - A Olimpíada é uma festa que todo mundo celebra. As pessoas não deveriam vê-la como um palco para protestos políticos. Eu vi, por exemplo, que extremistas foram presos pela polícia na Eurocopa, que terminou agora. A China tem suas leis, e nós devemos recorrer a elas quando as coisas acontecem. Não sou advogada nem entendo de leis, então não sei o que pode resultar quando algum protesto ocorrer. Mas acho que todos devem pagar o preço quando se faz algo que infringe a lei de um país.

FOLHA - *A senhora não acha que os vídeos e os cartazes ensinando os chineses a torcer e que gestos seguir tiram a espontaneidade do público?*

WANG - Não vamos impedir a reação espontânea do público. A idéia de produzir o vídeo foi mais para servir de guia em como criar uma atmosfera melhor e mais alegre durante os Jogos. Não queríamos que o público ficasse muito quietinho ou silencioso. Mas não é uma ordem seguir as palmas e os braços estendidos [gesticula e mostra os gestos do vídeo]. Quando Yao Ming fizer uma cesta ou os brasileiros marcarem um gol no futebol, cada um vai celebrar do seu jeito.

FOLHA - *Os chineses ainda praticam pouco esporte. O que fazer para que o cidadão chinês comum aprecie vários esportes dos quais não têm a menor idéia do que são?*

WANG - O governo chinês fez grandes esforços para incentivar o público nos esportes. Esportes não são como uma pirâmide onde o futebol está no topo. Há vários esportes importantes de que os chineses gostam. Nós organizamos 46 competições como teste e os estádios estavam cheios de espectadores. Os chineses vão aos estádios como uma oportunidade para contribuir com o fortalecimento da Olimpíada.

FOLHA - *No ano passado, atletas cubanos desertaram de sua delegação no meio do Pan-Americano do Rio. O que a China fará caso atletas, por exemplo, da Coreia do Norte, decidirem desertar em Pequim?*

WANG - Alguns atletas podem tratar a Olimpíada como uma oportunidade para realizar seus pedidos. Mas a Carta Olímpica estipula como lidar com essas coisas. O comitê organizador irá discutir primeiro com o Comitê Olímpico Internacional e tomar as decisões de acordo com o que a legislação olímpica estipular. Queria aproveitar a ocasião para dizer aos atletas que a Olimpíada é um palco para eles demonstrarem seus talentos. Por favor, tratem com carinho a oportunidade de participar.

FOLHA - *Barcelona usou a Olimpíada para se renovar, melhorar sua infra-estrutura e mudar sua imagem no mundo. Qual será o legado dos Jogos de Pequim para os chineses?*

WANG - Eu acho que os Jogos de Pequim farão ainda mais para seus cidadãos que as Olimpíadas anteriores. A maior parte dos ginásios e estádios foi construída em bairros e em universidades e será usada após os Jogos pelos cidadãos. O metrô de Pequim chegará a 200 quilômetros quando a Olimpíada começar. Tinha apenas cem quilômetros antes, então dobrou. E as pessoas continuam pagando apenas 2 yuans para andar de metrô (R\$ 0,50).

FOLHA - *Pequim é a primeira cidade do mundo em desenvolvimento a abrigar a Olimpíada desde Cidade do México-1968. O que sugere para o Rio vencer a disputa por 2016?*

WANG - Desejo boa sorte. Não foi fácil para Pequim conseguir abrigar a Olimpíada. Nós nos candidatamos duas vezes e começamos a pensar em medalhas de ouro e em ser a

cidade-sede dos Jogos há muito tempo.

China e Brasil compartilham muitas similaridades e um grande amor pelos esportes. Os brasileiros são muito bons no futebol, estão no topo do mundo, o que deixa os chineses com muita inveja. Além do espírito olímpico, é bom ter apoio popular: 97% dos chineses, 1,3 bilhão de pessoas, apóiam a realização da Olimpíada de Pequim.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Artigo

China moderna não nega passado

Para o país, a Olimpíada é uma ocasião para celebrar a capacidade de revitalizar o antigo e animar o novo

TU WEIMING

ESPECIAL PARA A FOLHA

A cerimônia de abertura da Olimpíada, em Pequim, foi programada propositalmente para começar às 8h (da noite) no oitavo dia do oitavo mês do ano 2008. De acordo com a crença popular chinesa, esse seria o momento mais auspicioso.

O tema geral da mais espetacular cerimônia de abertura da história das Olimpíadas seria a emergência da China como gigante econômica, potência política e, sobretudo, presença cultural no palco mundial.

De fato, a intenção aparente era transmitir a mensagem de que a China é um país moderno, em ascensão, e que possui a mais longa civilização contínua da história humana.

Esses motivos foram combinados com requinte na cerimônia para destacar as duradouras conquistas filosóficas, artísticas e científicas da China, através de uma exibição impressionante de tecnologias eletrônicas. Tudo pareceu ressaltar a tese de que uma civilização antiga está renascendo, fenômeno que deve ser motivo de alegria para todo o mundo.

Essa forte ênfase sobre o caráter distintivo da cultura chinesa dá a nítida impressão de que uma preocupação da Olimpíada de Pequim é criar uma nova definição do que é chinês, num contexto de internacionalismo e cosmopolitismo. A previsão de conquista de grande número de medalhas de ouro é mais um testemunho do orgulho nacional chinês.

Entretanto o medo de que qualquer coisa possa dar errado é tão palpável que todas as medidas preventivas possíveis foram tomadas para assegurar que o evento olímpico transcorra em segurança e paz, fazendo dos Jogos um dos eventos mais fortemente monitorados de nossos tempos. Os esforços meticulosos para incentivar os habitantes de Pequim a serem hospitaleiros com os visitantes, além da

persistente atenção aos detalhes para tornar a cidade apresentável aos turistas estrangeiros, indicam que os organizadores estão profundamente preocupados com a maneira como a China é apreendida e receosos quanto às imagens que os visitantes -especialmente os mais de 30 mil jornalistas- levarão para casa. Esse jogo de autoconfiança e insegurança torna a psique coletiva complexa e intrigante. Vale fazer uma observação de natureza histórica.

Desde a Guerra do Ópio de 1839, o impacto do Ocidente vem suscitando na China acirrados sentimentos nacionalistas contrários ao imperialismo. Também vem gerando um grande desejo de absorver os conhecimentos ocidentais. Acreditava-se que a rejeição do legado cultural chinês fosse uma necessária condição prévia para a ocidentalização e modernização. Apesar de sua gloriosa história secular, nas últimas décadas a China vem sofrendo de perda de memória, amnésia e esquecimento.

O ataque feroz contra seu passado foi mais pronunciado durante a Revolução Cultural dos anos 60. Apenas nos últimos 30 anos é que foi restaurada uma estabilidade relativa.

A fenomenal transformação da China de expressão geográfica a civilização-Estado gerou muita autoconfiança entre os chineses. Nos últimos sete anos, a China vem se dedicando à meta de fazer do evento esportivo olímpico uma ocasião para celebrar a capacidade da China de revitalizar o antigo como meio de animar o novo.

TU WEIMING é professor de história chinesa e filosofia da Universidade Harvard

Tradução de **Clara Allain**

Texto Anterior: [Derrota fácil de Cuba deixa o time surpreso](#)

Próximo Texto: [Atletismo: Sem técnico, Jadel salta mal e não sabe](#)

[motivo](#)

[Índice](#)

_____. FOLHA DA REGIÃO. Araçatuba (SP). Caderno do jornal: *Esporte*. China conta sua história em abertura que durou 4 horas. Ed. de 09 de agosto de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. Novo atentado à liberdade: China restringe as entrevistas em praça. Ed. de 06 de agosto de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. Menina “feia” teve voz dublada no Hino da China. Ed. de 13 de agosto de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. Com ressalvas, Pequim leva elogios. Ed. de 07 de julho de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. Número 8 marca cerimônia de abertura. Ed de 07 de agosto de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Esporte*. Faltando 1 mês para abertura, Olimpíada vai da festa à tensão. Ed. de 08 de julho de 2008.

_____. Caderno do jornal: *Primeiro Caderno*. Política no esporte. Ed. de 15 de abril de 2008.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?96541>

Esportes

Edição do Dia 09/08/2008 - **Sábado**

JOGOS OLÍMPICOS 2008

China conta sua história em abertura que durou 4 horas

Folhapress

Sábado - 09/08/2008 - 03h01

Julie Jacobsen/Associated Press/AE - 08/08/2008



Fogos de artifício são detonados durante a cerimônia de abertura

Pequim - Depois de sete anos de preparação, a China deu início oficial aos Jogos Olímpicos de Pequim-2008 às 9h (de Brasília) de ontem, no Estádio Nacional, mais conhecido como Ninho do Pássaro. A cerimônia de abertura misturou superstição, segurança e tecnologia com a cultura tradicional do país, e terminou por volta das 13h (de Brasília).

A cerimônia começou com uma grande queima de fogos e uma contagem regressiva, mostrada no centro do estádio por meio de um mosaico de luzes. Na sequência, percussionistas tocaram tambor enquanto falavam a frase do pensador Confúcio "Amigos vieram de tão longe, estamos muito felizes".

Confúcio, que viveu na China de 551 a 479 a.C., foi o criador do confucionismo, corrente que forneceu as bases do pensamento tradicional chinês, com princípios como a obediência a um sistema hierárquico e à família e a busca do bem comum.

A cerimônia prosseguiu com uma queima de fogos que cruzou Pequim, partindo da Cidade Proibida até o Ninho do Pássaro, representando os passos da caminhada dos atletas até os Jogos Olímpicos.

Durante a cerimônia, os chineses mostraram as fases de sua história, pulando da China Imperial para a China Moderna. Também tiveram destaque invenções do país como a pólvora, o papel, a impressão e a bússola. Tudo repleto de cores, coreografias e muita

tecnologia.

A bandeira chinesa foi conduzida para o estádio por 56 crianças, cada uma representando uma etnia existente na China. "Wo he ni" (eu e você), o hino oficial da competição foi cantado pelo chinês Liu Huan, ídolo pop que conseguiu ser número um em vendas por dez semanas consecutivas no país, e pela cantora britânica Sarah Brightman.

DESFILES - O desfile das 204 delegações começou em seguida. O número inicial era de 205, mas Brunei ficou de fora por não ter inscrito nenhum atleta. A entrada dos países aconteceu de acordo com o alfabeto chinês, com exceção da Grécia, que, pela tradição, é a primeira a desfilar, por ser o berço dos Jogos Olímpicos.

A delegação de Taiwan foi muito aplaudida ao entrar no Estádio Nacional. Os taiwaneses têm uma relação complicada com a China, que considera o país parte de seu território e espera uma reunificação. Pequim já ameaçou invadir a ilha se esta declarar a independência.

O Brasil foi a 39ª delegação a desfilar. O porta-bandeira brasileiro foi o velejador Robert Scheidt. Dono de três medalhas olímpicas, sendo duas de ouro, ele pode se tornar o primeiro atleta brasileiro tricampeão olímpico.

Os Estados Unidos entraram com o sudanês López Lomong, como porta-bandeira. O atleta criticou recentemente o governo chinês pelo apoio ao Sudão. O país africano vive um conflito desde 2003, quando um grupo armado se rebelou contra o governo pela situação de pobreza na qual se encontrava a região de Darfur, no oeste do Sudão.

As delegações das Coreias entraram separadas, diferentemente das últimas duas Olimpíadas. As relações entre os países ficaram complicadas nos últimos meses com a posse do novo presidente sul-coreano, Lee Myung-Bak, em fevereiro, e a morte de uma turista sul-coreana baleada por um soldado norte-coreano em 11 de julho.

A China, a maior delegação da Olimpíada com 639 atletas, encerrou o desfile dos países sendo ovacionada pelo público presente no Estádio Nacional.

A bandeira olímpica entrou no Ninho do Pássaro carregada por oito pessoas, sendo uma delas tibetana. Manifestações pela libertação do Tibete marcaram o trajeto da tocha olímpica pelo mundo. Ativistas fizeram protestos em Londres, Paris e San Francisco acusando a China de violar direitos humanos e de reprimir com violência protestos no Tibete.

ENTRADA DA TOCHA - O momento mais aguardado da cerimônia foi a entrada do ex-ginasta chinês Li Ning, que teve a honra de ser o último a carregar a tocha olímpica. O nome da pessoa encarregada pela última fase desse percurso era um dos segredos guardados pela organização do evento.

Ning é o ginasta mais importante da história chinesa, tendo conquistado seis medalhas em Los Angeles-1984, três delas de ouro. Atualmente, ele dirige uma companhia de

material esportivo. Entre os nomes cotados para acender a pira estavam os dois principais astros do esporte do país na atualidade, o jogador de basquete Yao Ming e Liu Xiang, campeão olímpico dos 110 m com barreira em Atenas-2004.

Li Ning foi alçado ao ar como se estivesse flutuando, deu uma volta no estádio correndo próximo à parede e acendeu a pira olímpica através de um sistema.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?96338>

Esportes

Edição do Dia 06/08/2008 – Quarta

OLIMPÍADA

Novo atentado à liberdade: China restringe as entrevistas em praça

Folhapress

Quarta-feira - 06/08/2008 - 03h01

Associated Press - 05/8/2008



Polícia patrulha “Ninho de Pássaro”, no último ensaio para abertura; no detalhe, movimentação da tocha

Após anunciar que a imprensa internacional poderia atuar livremente, o que vinha sendo cumprido, Pequim mudou de postura ontem e proibiu entrevistas sem autorização na Praça da Paz Celestial, contrariando o que foi combinado com o COI (Comitê Olímpico Internacional).

A decisão ocorreu no dia em que chegaria à cidade a tocha olímpica, que passaria pela praça. E após a realização de um protesto próximo ao local em que moradores foram desalojados de suas casas. A praça é um ponto central e simbólico da capital chinesa. É a segunda vez que um acordo com o comitê é descumprido pelos chineses. Inicialmente, a China também prometera livre acesso à internet pelos jornalistas, o que não ocorreu.

Desta vez, os chineses passaram a exigir que pedidos para fazer entrevistas na praça sejam feitos por telefone, 24 horas antes. Não há nenhuma garantia de aprovação, nem foram estabelecidas as regras. "Manter a ordem do trabalho dos jornalistas" foi a justificativa da prefeitura.

O COI reconheceu que a decisão das autoridades chinesas descumpra acordo prévio com a entidade e com redes de TV. "Não é como entendemos que a operação (acesso à praça) funcionava. Sem dúvida, podemos esclarecer o assunto rápido", afirmou a porta-voz do COI, Giselle Davis.

Até agora, o governo chinês ainda não acabou de fazer a estrutura onde ficariam repórteres de televisão para transmissões ao vivo da praça. Executivos de tevê afirmaram que filmar no local sempre foi um problema.

O endurecimento da segurança coincide com a chega da tocha a Pequim, após as conturbadas passagens pela Europa e EUA, onde sofreu protestos dos opositores do regime chinês. Hoje, passará pela Cidade Proibida, entre outros pontos turísticos centrais da capital. A tocha será cercada por policiamento ostensivo e desvios de estradas, entre outros aparatos.

Ontem, secretário do Partido Comunista Shi Dagang disse que polícia prendeu 18 terroristas estrangeiros na região. Anteontem, um ataque a um grupo de policiais deixou 16 mortos e 16 feridos. Dois suspeitos foram presos. De acordo com o governo, os dois são do grupo muçulmano uigur. "É evidente que esses elementos querem iniciar uma guerra violenta e psicológica contra os Jogos", declarou.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?96733>

Esportes

Menina 'feia' teve sua voz dublada no hino da China

Agência Estado

Quarta-feira - 13/08/2008 - 03h01

Associated Press - 12/8/2008



DUBLAGEM? A menina Lin Miaoke

Cinco dias depois da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, alguns detalhes ocultos continuam a surpreender o mundo. Agora surgiu a notícia de que a garota de 7 anos que, teoricamente, teria cantado o hino nacional da China, apenas dublou a música, já que a menina escolhida para cantar não possuía uma "imagem apropriada" para a ocasião.

"Um membro do senado pediu que outra garota colocasse seu rosto e fingisse cantar", disse ontem o diretor de música da cerimônia, Chen Qijang, a rádio pequinesa. "Nossos espectadores vão compreender que trata de algo para interesse da nação."

A China se empenhou ao máximo para passar uma imagem impecável perante os olhos do mundo, tanto que Pequim mandou de volta vários cidadãos ao interior e escondeu edifícios e construções em mau estado.

A atuação de Lin Miaoke na festa foi um êxito, mas voz que se ouvia no estádio e nas tevês de todo o mundo era a de Yang Peiyi. Decidiu-se que Yang não era suficientemente bonita para cerimônia, daí o convite para Lin. Ontem, foto de Yang Peiyi foi publicada no portal Sina.com, mostrando sorriso de dentes separados e rosto não tão belo como queriam as autoridades

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?94674>

Edição do Dia [09/07/2008](#) - **Quarta**

Esportes

OLIMPIÁDA 2008

Com ressalvas, Pequim leva elogios

Folhapress

Quarta-feira - 09/07/2008 - 03h01

Associated Press - 08/7/2008



A poluição encobre o Estádio Nacional da China, conhecido como Ninho de Pássaro, a um mês do início dos Jogos Olímpicos, ontem

Às vésperas da abertura dos Jogos Olímpicos, a organização recebeu uma medalha de ouro do COI (Comitê Olímpico Internacional). E algumas cobranças. Ontem em solenidade que marcou a inauguração do principal centro de imprensa dos Jogos de Pequim, Hein Verbruggen, que é o presidente da comissão de coordenação do evento, elogiou o que foi feito. Mas cobrou promessas.

"Na capital chinesa é possível sentir entusiasmo e ansiedade. A cidade se sente pronta e parece pronta, com as atordoantes instalações todas completas. A qualidade da preparação, as condições dos locais de competição e atenção aos detalhes operacionais destes Jogos estabeleceram padrão de ouro para o futuro", declarou o membro sênior do COI.

"Mas o tempo de preparação acabou", ressaltou ele, antes de começar a apontar alguns problemas que têm que ser solucionados antes da cerimônia de abertura dos Jogos, que

acontece dentro de 30 dias. "Agora é o período de operação. E isso significa que temos que oferecer a todos os envolvidos, incluindo a mídia, obviamente, o que foi prometido."

Apesar de pontuar que permanecem abertos "número bastante pequeno de questões", Verbruggen, que acompanhou gasto chinês de US\$ 40 bilhões nas instalações olímpicas, declarou que o COI está satisfeito com o trabalho do comitê organizador.

As reprimendas ficaram por conta de três questões: a qualidade do ar de Pequim, liberdade de imprensa e a conclusão de duas novas linhas de metrô. A poluição, fato que preocupa também os chineses, conforme relato da porta-voz do comitê organizador à "Folha de S. Paulo" no domingo, estava particularmente evidente ontem.

Verbruggen e Liu Qi, o secretário do Partido Comunista em Pequim e presidente do comitê organizador, estavam envoltos em uma névoa acinzentada que limitava impressionantemente a visibilidade a alguns metros (a autoridade ambiental local classificou a qualidade do ar como "boa").

Quanto às restrições à imprensa, a controvérsia gira acerca da autorização para transmitir ao vivo da Praça da Paz Celestial, que os chineses temem virar um palco de protestos. Detentora de direitos de transmissão de TV, a norte-americana NBC debate há meses com os burocratas de segurança chineses normas para caminhões com transmissores via satélite trafegarem livremente em toda a cidade.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?96376>

Esportes

OLIMPÍADA

Número 8 marca cerimônia de abertura

Gabriel Souza Elias - Folhapress

Quinta-feira - 07/08/2008 - 03h01

Com a expectativa da presença de mais de 100 mil pessoas no Estádio Nacional, o "Ninho de Pássaro", Pequim abrirá na próxima sexta-feira (8), oficialmente, a 29ª edição da Olimpíada. A cerimônia tem início previsto para as 8h da noite no horário local, ou às 9h da manhã de Brasília. O início exato vai ser às 20h08, já que o 8 é número sagrado para o povo chinês. Simbólico, o oito representa alegria, fortuna e prosperidade na cultura local.

Os principais detalhes do evento, com duração prevista de três horas e meia, permanecem sob sigilo absoluto, assim como a identidade da última pessoa a conduzir a tocha olímpica. Oficialmente, os organizadores confirmam as celebrações de mais de 16 mil casamentos, planejados para a data 08-08-2008, e a queima de cerca de 30 mil fogos de artifícios.

Para a organização, são mínimas as possibilidades de chuvas durante a festa, apesar da certeza de tempo nublado em Pequim. Segundo cronograma oficial divulgado pelos chineses, o espetáculo de sexta-feira será iniciado com apresentação de boas-vindas, a exibição dos anéis olímpicos, a entrada e o hasteamento da bandeira e a execução do hino nacional chinês, em cerca de 14 minutos.

Em seguida, uma performance artística de cerca de uma hora vai detalhar a história milenar chinesa até os tempos modernos. A etapa será encerrada com a execução da canção-tema dos Jogos pelo chinês Liu Huan e pela britânica Sarah Brightman. O desfile por países, terceira parte da cerimônia, vai durar duas horas e meia e terá uma peculiaridade: a ordem de entrada obedecerá ao alfabeto chinês.

Após o desfile das delegações, a cerimônia terá discursos do presidente do Bocog (o comitê organizador), Liu Qi, e do presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional),

Jacques Rogge. Hu Jintao, o presidente da China, vai ser o responsável por declarar a abertura oficial dos Jogos. A parte final do cerimonial terá o hasteamento da bandeira olímpica, os juramentos dos atletas e árbitros e a libertação de pombas. Esses detalhes precedem o acendimento da pira olímpica.

Os presidentes norte-americano, George W. Bush, o francês, Nicolas Sarkozy, o príncipe de Mônaco, Alberto, o russo Vladimir Putin, além do brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, o único latino-americano presente em Pequim, são alguns dos chefes de Estado que confirmaram ida à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?94598>

Esportes

PEQUIM 2008

Faltando 1 mês para abertura, Olimpíada vai da festa à tensão

Agência Estado

Terça-feira - 08/07/2008 - 03h01

Concebida para coroar a volta do antigo "Império do Meio" acentro das grandes potencias mundiais, os Jogos Olímpicos de Pequim têm hoje um gosto amargo para muitos chineses, ressentidos com os protestos contra situação dos direitos humanos e a atuação de seu governo no Tibete, que marcaram o percurso internacional da tocha olímpica.

A um mês da abertura da Olimpíada, o que prometia ser festa de confraternização virou assunto de segurança nacional, com restrições extremas na concessão de vistos para a entrada na China e o aumento do controle sobre os estrangeiros que vivem em Pequim, fato que obrigou muitos deles a deixar a cidade antes do evento.

O governo divulgou "manual de comportamento" para visitantes, no qual lembra que eles devem respeitar a lei chinesa, não prejudicar segurança nacional nem provocar danos à ordem social. Os turistas também não poderão festejar madrugada adentro, já que o governo ordenou que bares, restaurantes e casas noturnas fechem às 2h nos Jogos, horário em que muitos lugares começam a esquentar.

As redes de TV, que pagaram milhões de dólares por direitos de transmissão, enfrentam dificuldades inéditas para trabalhar, por causa das exigências da censura chinesa. As autoridades querem saber com antecedência os lugares onde transmissões ao vivo serão realizadas a cada dia. As redes, contudo, dizem que não têm condições de realizar planejamento tão detalhado, já que o imprevisto é indissociável da atividade jornalística.

Mesmo com a promessa do governo chinês de que daria liberdade aos jornalistas estrangeiros antes e durante a Olimpíada, há inúmeros relatos de policiais e autoridades locais que tentam impedir o trabalho dos repórteres. Na semana passada, a equipe da rede de TV alemã ZDF foi seguida durante uma semana por policiais, que chegaram a pular em frente à câmera durante entrada ao vivo do jornalista na Grande Muralha, apesar de ela ter sido aprovada pelo governo.

POLUIÇÃO - A China enfrenta, ainda, dúvidas sobre sua capacidade de oferecer um ambiente saudável para os atletas. Os estádios já estão prontos, os jardins estão floridos, as equipes de torcida estão ensaiadas, mas a poluição continua encobrindo o céu de Pequim. O domingo foi o primeiro dia de sol depois de um longo período em que a cidade esteve encoberta por uma névoa permanente, que voltou a imperar ontem.

Fora da capital, os problemas ambientais criaram uma emergência em Qingdao, sede das provas de vela, onde invasão de algas ameaça a realização das competições. Autoridades locais mobilizaram 30 mil pessoas, que estão retirando com as mãos

toneladas de algas, e prometem que o problema estará resolvido até o dia 15.

O espírito de confrontação com o mundo exterior gerado pelos protestos no trajeto mundial da Tocha Olímpica segue presente. Semana passada, o jornal "China Daily" deu de manchete "Sarkozy não é bem-vindo na Olimpíada, afirma pesquisa", referência ao presidente francês, Nicolas Sarkozy

Após protestos do Tibete em março, Sarkozy ameaçou boicotar os Jogos caso Pequim não encontrasse solução pacífica para a questão. Na sexta-feira, o jornal "Le Monde" afirmou que o presidente francês estará na cerimônia de abertura e vai comunicar a decisão amanhã ao colega chinês.

<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?89095&PHPSESSID=2f1ef791573>
Opinião

EDITORIAL

Política no esporte

Terça-feira - 15/04/2008 - 03h01

Esta é a primeira olimpíada que a China organiza, quer ser pela primeira vez o país que obtenha mais medalhas de ouro. Na verdade, a China também quer ganhar a medalha de honra como o país que mais cresce na economia global. Nenhuma outra nação do mundo cresce tanto, polui mais o planeta e consome tanta matéria-prima.

Enquanto Beijing deseja usar a olimpíada para se mostrar como uma nova superpotência e como a locomotora da economia global, as três potências nucleares ocidentais querem atizar a questão do Tibete para minar tais pretensões e pressionar o partido único comunista chinês para que libere seu sistema econômico e político, como anda fazendo Cuba.

Por isso várias potências disputam entre si qual deve ser seu principal sócio ou receptor de capitais. No entanto, os investidores têm uma opinião mista em relação à China. Reconhecem que grande parte da pujança de vários mercados, especialmente de muitos países emergentes, depende do ritmo veloz e da estabilidade chineses, mas também esperam que Pequim desmantele sua economia planificada e estatizada.

Para os investidores, a melhor maneira de fazer isso com a China é promovendo direitos humanos e a liberalização. Acreditam que um sistema multipartidário permitiria um melhor desenvolvimento da empresa privada, como ocorre hoje na Rússia. Desta forma, estes setores querem usar os protestos no Tibete para obrigar Pequim a seguir o caminho de Moscou.

A tocha olímpica passou por Londres e Paris. Supõe-se que ela deva trazer paz e harmonia entre as nações. Entretanto, em seu percurso gerou protestos e choques. Centenas de manifestantes pró-Tibete quiseram utilizar a ocasião para queimar o governo chinês.

O Dalai Lama foi recentemente muito bem recebido por Bush e Merkel. Visitou Pelosi, líder dos deputados de EUA, se encontrará com Brown e Sarkozy, que se tornou o seu maior defensor. E isso não foi à-toa. O ocidente sabe que o Dalai Lama é um dos teocratas mais arcaicos e que a repressão chinesa é muito menor à que se dá hoje no Iraque, mas se ele conseguir retornar a Lhasa, transformaria a China numa democracia de livre mercado.

A olimpíada na China mostra como sempre a política toma conta do esporte. Até parece Araçatuba.

ANEXO E

MEMORIAL DESCRITIVO

Nasci em Pereira Barreto, interior de São Paulo, terceira dos quatro filhos do casal de comerciantes *nissesis*, e neta de japoneses, aprendi a falar primeiro o japonês, só depois, com a convivência com os colegas do jardim da infância, é que comecei a falar português.

Desde cedo, desenvolvi o gosto pelo estudo, influenciada por meu pai, que, embora tivesse estudado apenas até a quarta série primária, foi um autodidata e um leitor contumaz. As maiores heranças que recebi de meu pai foram o desejo de aprender sempre e a estante repleta de livros, que ele exibia com orgulho, na modesta sala da casa de madeira, onde morei até meus dezenove anos.

Na infância, mal tínhamos o que comer; na adolescência, quando o comércio de meus pais melhorou, não tínhamos roupas caras, tampouco móveis novos ou casa reformada. Tínhamos uma estante com as enciclopédias Barsa, Larousse e Conhecer, para realizar os trabalhos escolares; livros de literatura brasileira e estrangeira, uma coleção de biografias de personalidades da política brasileira, além de assinatura do jornal O Estado de S. Paulo e da revista Veja, para nos mantermos informados e atualizados sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo. Meu pai achava que investir em nossa formação era mais importante do que uma casa de alvenaria.

Enquanto terminava o colegial, hoje Ensino médio, eu sonhava ser arquiteta. Comecei a me preparar para prestar o vestibular, mas a morte prematura de meu pai, quando tinha dezenove anos, me fez desistir de estudar arquitetura, curso que, à época, só era oferecido pela USP (Universidade de São Paulo), ao menos no Estado de São Paulo. Diante da impossibilidade de estudar em outra cidade, pois tive que trabalhar no comércio com minha mãe e meus irmãos, decidi cursar Letras, na Faculdade de Educação Ciências e Letras Urubupungá, em Pereira Barreto.

Frustrada por não cursar o que realmente queria, eu jurava, para mim mesma, que jamais iria lecionar. Essa foi uma das muitas juras em falso que fiz nesses meus 43 anos de vida. Eu afirmava, com todas as letras, que a faculdade que eu fazia era apenas para ter um diploma, mas, como palavra de adolescente não se escreve, no decorrer dos anos da graduação fui me apaixonando pelos estudos da linguagem e, principalmente,

pela literatura, talvez porque, como toda adolescente, me apaixonara pelo professor de Literatura Portuguesa.

A verdade é que esses três anos de graduação mudaram minha vida; embora ainda não tivesse convicção de minha vocação para a docência, eu já pensava na possibilidade de lecionar.

Em 1992, fiz um curso preparatório para prestar o concurso para professor da rede pública do Estado de São Paulo. Nessa época, eu já estava casada, não com o professor de literatura, mas com o único electricista que conhecia, que lia Marx, Florestan Fernandes e Caio Prado Júnior. Esse curso me fez ver a Educação com outros olhos, as leituras de Paulo Freire, Luckesi, Libâneo, Arroyo, entre outros autores, despertaram em mim o interesse pelo magistério público.

Prestei o concurso realizado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, em 1993, em meio à greve que durou 89 dias. Fui a única aprovada em Língua Portuguesa na Delegacia de Ensino de Pereira Barreto. Na seção de escolha, indiquei a Escola Estadual Coronel Francisco Schmidt, da minha cidade, escola onde leciono até hoje.

Ao longo de minha caminhada docente, encontrei inúmeros percalços, participei de muitas capacitações em serviço e cursos nos finais de semana, que, se me proporcionaram enriquecimento profissional e cultural, também me despertaram inquietação, fizeram que eu sentisse a necessidade de buscar novos desafios que eu ainda não sabia quais eram.

Em 2001, quando meu marido, João Perles, decidiu cursar jornalismo, aos 37 anos, depois de 10 anos de casados, eu ampliei minha carga horária para ajudar no orçamento doméstico, mas, ainda assim, eu encontrava tempo para acompanhar sua trajetória acadêmica, participando dos Seminários, Simpósios e Encontros de pesquisa promovidos pela Unitoledo, em Araçatuba, onde ele cursou a graduação. Nesses eventos, eu tomei contato com a pesquisa, mais que isso, eu tomei gosto pela pesquisa.

Quando meu marido terminou a graduação, nós iniciamos, no ano seguinte, o curso de Pós-graduação *lato sensu* em “Práticas Pedagógicas em Comunicação e Linguagem” pela Unitoledo. Foi no curso de Pós-graduação que tive contato, pela primeira vez, com as teorias bakhtinianas, embora meus poucos conhecimentos ainda não me permitissem compreender a complexidade dos conceitos formulados por

Bakhtin, como o dialogismo e a polifonia, amplamente utilizados nos trabalhos da Análise do Discurso de linha francesa.

O contato, ainda que incipiente, com as teorias do discurso me instigaram a querer compreender o funcionamento do discurso, assim, no primeiro semestre de 2008, me inscrevi, junto com meu marido, como aluna especial no curso de Mestrado em Letras da UFMS, câmpus de Três Lagoas, na disciplina Introdução à Análise do Discurso, ministrada pela professora doutora Vânia Maria Lescano Guerra.

Sem conseguir conciliar os estudos com seu trabalho de jornalista, meu marido não concluiu a disciplina. Passei, então, a viajar sozinha para Três Lagoas. Nas aulas, compreendi que o discurso não pode ser compreendido longe de suas condições de produção e que todo discurso se dá numa arena de disputa de poder, onde se digladiam as forças ideológicas, assim, as relações de poder atravessam os espaços discursivos. Aprendi, ainda, que as palavras não são transparentes, carregam em sua opacidade, a relação entre a língua, história e memória.

Desse modo, minhas leituras de jornal ou revista nunca mais foram as mesmas, passei a ler analisando os discursos e as relações de poder que permeiam os textos jornalísticos. Assim, lendo o jornal Folha de S. Paulo sobre a Olimpíada de Pequim, é que me ocorreu o tema do pré-projeto de pesquisa para participar do processo seletivo do Mestrado. A contribuição teórica da disciplina ministrada pela professora Vânia Guerra, com o estudo das obras de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, foi fundamental para que eu obtivesse êxito no processo seletivo do Mestrado.

Eu passei a ser aluna regular do Programa de Mestrado em Letras da UFMS, em 2009, na linha de pesquisa Fundamentos de produção e compreensão do discurso escrito, sob a orientação da professora Vânia Guerra. A alegria foi imensa, tanto quanto o desafio que eu sabia que viria pela frente.

Neste meu percurso, cumpri, em 2009, os 20 créditos necessários cursando as disciplinas: Linguística Textual, Seminário de Dissertação, Análise do Discurso: o discurso da informação, Críticas contemporâneas e Leitura Orientada, além disso, requeri aproveitamento de crédito da disciplina cursada como aluna especial. Para dedicar-me exclusivamente aos estudos, licenciei-me da atividade profissional e, no mês de outubro, passei a ser bolsista da Capes, de modo que cursei, no primeiro semestre de 2010, a disciplina Estágio de docência, obrigatória para bolsistas.

Na disciplina Linguística Textual, ministrada pela professora Celina Aparecida Nascimento, conheci os fundamentos teóricos da disciplina e os conceitos formulados por Charrole, Marcuschi, Koch, Apothéloz, Neves, Antunes e Castilho. As discussões teóricas, bem como as atividades de análise feitas em sala de aula me proporcionaram bases teóricas para compreender melhor a língua.

Em Análise do Discurso: o discurso da informação, ministrado pela professora Vânia Guerra estudei o discurso midiático a partir das teorias de Charaudeau, Gregolin, Briggs e Burke, Arendt e Jameson. Os conhecimentos teóricos dessa disciplina me levaram a compreender os processos de produção do discurso midiático, e a problematizar o discurso veiculado pelos órgãos midiáticos, a partir da ótica foucaultiana das relações de poder e de exclusão, que atravessam a produção do discurso; também me levaram a desconstruir o mito da neutralidade apregoada pela imprensa. Além disso, as leituras de Frederic Jameson contribuíram para a compreensão do processo de globalização que afeta a produção cultural e midiática em todo o mundo.

Os referenciais teóricos dos Estudos Culturais, estudados na disciplina Críticas Contemporâneas, ministrada pelo professor Wagner Corsino Enedino, foram fundamentais para a adoção de um viés culturalista em minha pesquisa. Nesse sentido, a contribuição teórica de Hall quanto à identidade do homem pós-moderno e de Bhabha no que se refere à cultura pós-colonial, me proporcionaram enxergar a imagem da China, o objeto da minha pesquisa, de outro modo.

As disciplinas Seminário de Dissertação e Leitura Orientada, a primeira ministrada apenas pela professora Vânia Guerra e a outra com a colaboração da professora Celina Nascimento e do professor Marlon Rodrigues, trouxeram contribuições metodológicas que auxiliaram sobremaneira na elaboração da dissertação.

A participação em eventos também enriqueceu meus conhecimentos e contribuiu com a minha pesquisa. Em junho de 2009, participei do XIII Ciclo de leitura Seminário Internacional As Letras em tempos de Pós, realizado pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, com a apresentação da comunicação “Formação identitária da China no discurso da Folha de S. Paulo”. Em julho, participei do 57º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos (Gel), realizado na UNAERP, em Ribeirão Preto, com a apresentação da comunicação “Sujeito e identidade cultural no discurso midiático: um olhar sobre o imigrante japonês”. E, no

mês de outubro, participei do Seminário de Estudos da Linguagem, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da instituição, com apresentação da comunicação “Pequim 2008 sob as lentes do discurso midiático”; no mesmo evento participei também do minicurso “Michel Foucault e seu método arqueogenealógico” ministrado pelo professor Flávio Benites.

Neste ano de 2010, concentrei meus esforços na elaboração da dissertação, participei apenas do 58º Seminário do Gel realizado pela UFSCAR, na cidade de São Carlos, com a apresentação do trabalho “Mídia e poder: o discurso da Folha de S. Paulo sobre a China”.

Quanto à minha pesquisa de dissertação, procurei problematizar o discurso da mídia jornalística, estabelecendo uma comparação entre a representação identitária que um jornal de circulação nacional e outro de circulação regional têm acerca da China, mais ainda, procurei desestabilizar o discurso midiático, que sob a pretensa de neutralidade, esconde as relações de poder. A tarefa foi árdua, mas não menos prazerosa, pois enveredar pelas tramas do discurso, pelas teorias da AD, e buscar, onde as relações são mais tensas, os fios do tecido ideológico, enriqueceram meu trabalho de pesquisadora.

Não posso me furtar de destacar o importante papel da minha orientadora, professora Vânia Maria Lescano Guerra, que me excursionou pelas veredas do discurso e me orientou na construção de minhas reflexões.

Confesso que nesses meses de dedicação à minha pesquisa, não tinha uma pedra no meio do caminho, tinham várias e superei uma a uma, muitas vezes me furtei do papel de mãe e de esposa, pois os estudos tomaram quase todo o meu tempo. Mas, como diz o poeta d’além mar, “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Vamos ao próximo desafio.